

Formato: 14 × 21

Mancha: 10 × 16 + 1,5

Fonte: Aldine 401 BT

Corpo: 11,5/16

304 págs.

GABARITO PARA MONTAGEM:

dentro: 22 mm / fora: 15 mm

GOSSIP GIRL 8: NUNCA MAIS!

CECILY VON ZIEGESAR

Op: K353 — PAGE MAKER 6.5

2ª PROVA — PAGINADA

C. ALBERTO

19/07/2007

GABARITO PARA MONTAGEM:
dentro: 22 mm / fora: 15 mm



*Quando me vejo entre dois males,
em geral escolho o que nunca tentei.*

— Mac West



gossipgirl.net

temas ◀ anterior próxima ▶ faça uma pergunta respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Junho está bem pertinho e Nova York fica como uma vela Diptyque acesa: quente e perfumada, linda e reluzente. Agora que está anoitecendo tarde, mal sabemos a diferença entre noite e dia. Não que isso tenha importância. Nesta época do ano, nosso pedaço — também conhecido como o Upper East Side — fica praticamente livre dos pais. Eles ficam tão ocupados com jogos de pólo e festas em jardins, partidas de tênis e de golfe nas casas de campo em Ridgefield, em Connecticut; Bridgehampton, em Long Island; Newport, em Rhode Island; ou Mt. Desert Isle, no Maine, que nos permitem mandar na cidade. Até parece que nós *deixamos* de mandar na cidade um dia que seja na vida. Nossos nomes estão no topo das listas de clientes de cada restaurante, clube e hotel exclusivo em Manhattan desde o dia em que nascemos. Andamos em bando, dominando a cena de norte a sul, leste a oeste. Toda a ilha é e sempre será *nossa*, mas com junho vem a formatura e, para nós, veteranos, isso significa dizer adeus. Mas não fique toda bobalhona e triste. Está na hora de realmente dei-

xar sua marca. Se conseguirmos o que quisermos na formatura, logo teremos nossos próprios *carros*. É nossa vez de ser mais espalhafatosas, mais arrogantes e mais lindas do que nunca — fon-fon! E como não tem ninguém para nos censurar (como se alguém ligasse para isso), está na hora de ser seriamente malcriada.

Cinco motivos para nos divertirmos mais do que nunca na vida:

- 1) Estudar para as provas finais é um tédio mortal.
- 2) É quase verão!
- 3) Nós merecemos!
- 4) O ar-condicionado vai ficar tão alto, que temos que descobrir *algum jeito* de nos aquecer — coça, coça.
- 5) É nossa última chance. A maioria de nós vai viajar no verão e, depois disso, seguir para a universidade. *Então é agora.*

Antes que você enlouqueça e faça alguma coisa de que possa se arrepender, vai precisar decidir se você e seu namorado são dedicados o bastante para ter um relacionamento a distância durante todo o verão e na universidade. Imagine-se cercada de gatos bronzeados com calções de surfe Billabong, os pés descalços cheios de areia, oferecendo-lhe uma carona em seus Porsches Cabriolets. Imagine os gostosões do campus só com as lindas cuecas samba-canção J. Crew brancas de bolinha verde-menta a caminho do banho no alojamento misto.

Sinceramente, será que você poderá resistir? Por que não se poupar da dor de um torturante rompimento arrastado, terminando tudo agora? Depois deleite-se com um lance sem importância com aquele nerd tímido e adorável, com quem você foi ao baile da escola na sétima série, e que não é mais assim tão nerd. Você não tem absolutamente nada a perder. E enquanto estiver nessa, por que não pelo menos *fingir* ser legal com a dentuça de cabelo seboso que você esqueceu de convidar para sua festa de aniversário na oitava série e em todas as festas de aniversário desde então? Assim ela pode apontar você na foto do livro do ano e se vangloriar com todas as novas colegas no Mt. Hollyhock ou na faculdade idiota para onde ela vai no ano que vem: “Está vendo essa garota aqui? Ela é uma das minhas melhores amigas!” Mas nem pensar em tentar reacender velhos romances e conservar amizades estragadas.

Não sei quanto a você, mas estou passando por uma tremenda crise de moda. A maioria das escolas particulares para meninas leva a formatura muito a sério. As meninas têm de usar longos brancos, luvas brancas e sapatos brancos. Parece um casamento, só que somos libertadas em vez de amarradas — êêêbaaa! Ainda assim, fica a questão: Oscar ou não Oscar. Oscar de la Renta, quer dizer. Se você vai de Oscar, provavelmente vai correr o risco de estar com o mesmo vestido de seis colegas de turma, embora você saiba que vai ficar muito melhor nele do que elas. E o que é legal em vestir branco é que você sempre pode tingir e usar novamente. Tá, tudo bem — como se você *quisesse* usar aquele vestido de novo!

Enquanto tenho sua atenção, vamos dar uma olhada em algumas de nossas pessoas preferidas...

O estranho casal

Tem havido alguma especulação de que o relacionamento entre essas diametralmente opostas moradoras de um apartamento em Williamsburg não é a situação tão simples e conveniente de dividir uma casa, mas algo mais — como posso dizer? — *romântico*. **B** parece estar usando muito preto ultimamente e os sapatos dela estão ficando parrudos. E o que era aquela *five*la prata da Tiffany que outro dia estava no cabelo supercurto de **V**? Dá para imaginar essas duas aninhadas no sofá, uma penteando o cabelo da outra, trocando Manolos e Doc Martens?... Quem precisa dos homens?!

E por falar em homens

B pode ter desistido totalmente deles — quem não desistiria, depois da última proeza de **N**? — mas **V** parece estar gostando cada vez mais da companhia do sexo oposto. Ela e **A**, o meio-irmão vegetariano de **B**, andaram aprontando das suas seminus em cafeterias e bancos de parque em toda Williamsburg. Nada como uma demonstração pública de afeto para colocar fogo em **V**!

E quanto a **N**, você achava que ele estava no topo do mundo depois de pegar a louraça mais desejada da cidade — bem na cara de **B**, na banheira da casa de jogos durante o dia de spa das veteranas em Southampton, nada menos do que is-

so. Mas não. Você tem visto N? Olhos avermelhados, lenços sujos caindo dos bolsos, um jeito embaçado. Nosso garoto dourado parece estar numa infelicidade terrível. Ou talvez ele tenha pego uma doença sexualmente transmissível de uma daquelas vagabas francesas com quem, segundo dizem, ele andou aprontando. Está vendo? Não vale a pena ser ambiciosa demais. Até parece que isso um dia nos impediu.

Seu e-mail

P: Cara GG,
Vou para Vassar no ano que vem e sou apaixonada por um cara desde que tinha três anos, e acabo de descobrir que ele vai para Vassar também! Estou tão animada, mas também fiquei preocupada em passar tanto tempo tentando conseguir que ele fale comigo, que nem perceba que estou na faculdade, sabia?
— Ivstrk

R: Cara Ivstrk,
Me desculpe a grosseria, mas tenho a sensação de que você já passou muito tempo tentando conseguir que esse cara fale com você. Espere até chegar a Vassar — vai haver todo um novo grupo de rapazes incríveis que você nunca viu, e alguns podem até merecer mais o seu amor. E como ultimamente a maioria dos alojamentos é mista, você não pode *deixar* de falar com eles!
— GG

Flagras

B e **V** comprando pés de manjerição em vaso em um mercado de plantas de **Williamsburg**. Talvez os boatos gays sobre as duas sejam verdadeiros. **C** entrando em uma barbearia de **Greenwich Village** para raspar a cabeça e saindo com o cabelo mais comprido do que antes e com luzes louquíssimas. De jeito nenhum ele vai durar um mês que seja na academia militar. **N** no terraço do Met, olhando melancólico o **Central Park**. Olha como nosso playboy chapado preferido está em um tédio dos brabos. **D** olhando Buicks amassados em uma loja vagabunda de carros usados no **Harlem**. Até parece que ele sabe como operar uma alavanca de câmbio. **J** fazendo um SSAT solo — o exame de admissão para o internato — em um sábado na sala da diretora da Constance Billard. Ela está decidida a ir, e sua escola está ainda mais decidida a se livrar dela!

Só o que você precisa fazer é passar

Um conselho: não perca uma liquidação da Zac Posen ou um *trunk show* de Stella McCartney só para ir numa daquelas sessões de reforço para a prova final sobre tudo-o-que-aprendemos que os professores “recomendam” que a gente faça depois da aula. Sirva-se de um copo de *pinot grigio* geladíssimo e leia casualmente seus cadernos. Só o que você precisa fazer é passar e, pode acreditar, você é muito mais inteligente do que pensa. Boa sorte, meus amores. Estou louca para ver vocês na formatura!

Pra você que me ama,

gossip girl

aonde todas elas vão

— Vai experimentar esse? — perguntou com timidez uma veterana estranhamente subdesenvolvida chamada Alison Baker a Blair Waldorf. Blair empurrou o cabide prateado pelo trilho para Alison. Um vestido branco de linho, duro feito papelão, de um estilista escandinavo qualquer? *Não, obrigada.*

— Fica com ele — respondeu generosamente.

Alison tinha cabelo fino e castanho na altura da cintura, um buraco entre os dentes da frente e era esquelética. Vestia uma blusa branca abotoada todo santo dia e o tipo de sapato azul-marinho de cadarço que a escola Constance Billard exigia no jardim de infância, mas que já era uniforme ultrapassado na primeira série. Um dia, na quarta série, Alison fez xixi nas calças na biblioteca porque não quis ir ao banheiro antes de terminar *Anne of Green Gables*, e passou o resto do dia sem calcinha e usando uma calça Hanna Anderson de lã amarelo-mostarda pequena demais para ela da sessão de achados e perdidos.

Ai, ai, ai.

Na sexta série, Alison em vão convidara Blair a sua casa de veraneio em Osterville, em Cape Cod, por duas semanas seguidas antes de finalmente desistir. Depois passou a espalhar o boato sórdido de que o pai de Blair não a deixava passar os fins de semana fora porque ele e Blair tinham uma relação incestuosa e esse era o único momento em que eles ficavam juntos.

O pai totalmente *gay* da Blair? Acorda, idiota!

— Esse vestido ia ficar incrível em você. Meus ombros são estreitos demais para ele — mentiu Blair.

Alison colocou o vestido por cima da blusa e deixou que o uniforme da Constance Billard caísse no chão. O vestido se pendurava em seu corpo vara-pau como um saco de batatas encharcado. Com o cabelo castanho de rato dividido ao meio, ela parecia a garota possuída pelo diabo naquele filme de terror nojento, *O exorcista*.

— Não acha que está grande demais? — perguntou ela a Blair.

Nem mesmo Blair tinha coragem de fingir que Alison realmente estava bem.

— Talvez — respondeu ela, preocupada demais com a pilha de camisetas de seda colantes e compridas Diane von Furstenberg em cores vivas para ligar para a garota.

— Ei, eu ia experimentar essa aí! — Isabel Coates arrancou uma túnica Stella McCartney das mãos de Rain Hoffstetter e a levantou junto ao corpo atarracado e sem cintura. Ela estava deixando crescer a franja, e o cabelo macio e escuro estava preso na testa em sete lugares diferentes numa espécie de desordem intencional que parecia meio legal e meio retardada.

— Se ligaaaaa! Esse é tamanho PP. *De jeito nenhum* você é PP — respondeu Rain, pegando a bainha da túnica e ameaçando arrancá-la das mãos de Isabel. — Eu sou mais baixa do que você — insistiu ela com determinação, embora, como Isabel, Rain estivesse muito mais para M do que para PP.

— Não sei por que vocês estão sendo tão cretinas por causa desse vestido idiota — bocejou Blair para elas enquanto passava para uma arara de suéteres de algodão com contas lilás e rosa Nicole Farhi. — *Não* é branco, e olha aqui. — Ela apontou um dedo com esmalte pérola para o cabide acolchoado de cetim branco onde a túnica estava pendurada. — O cinto dele é *rosa*. Nossos vestidos de formatura têm que ser totalmente *brancos*.

Embora fosse dois números menor do que ela, Isabel ainda se agarrava ao vestido como se sua vida dependesse disso.

— Bom, talvez eu não queria para a formatura. Talvez eu tenha uma festa para ir ou coisa assim.

Até parece que ela era convidada para festas secretas que Blair desconhecia.

Era a inauguração do *trunk show* da Browns of London no salão principal do hotel St. Claire, e este grupo em particular de veteranas da Constance Billard matou a primeira aula para estar lá. Que melhor maneira de encontrar o vestido que tinha sido apresentado na Inglaterra mas nunca vendido em Nova York — o vestido de formatura perfeito, desejado, exclusivo? O único problema era que todos os vestidos de formatura tinham de ser brancos, e a maioria dos estilistas fugiam dos vestidos completamente brancos para não invocar as ima-

gens nada sensuais de batizados de bebês e da pastorinha Little Bo Peep.

Para não falar de vestidos de noiva.

— Que péssimo que este aqui tenha cauda — refletiu Kati Farkas, erguendo um vestido de cetim alvo, de mangas bufantes, de Alexander McQueen que parecia a roupa que a Bela Adormecida tinha usado para dormir quando apagou por cem anos.

— *Eca* — Isabel fungou. — A cauda definitivamente não é a única coisa errada nele.

O *trunk show* consistia em 58 araras de vestidos — inclusive vestidos de baile, de coquetel, de casamento e de damas-de-honra, saias, blusas, cardigãs e calças capri, duas araras de chapéus e até uma arara cheia de tiaras, véus e echarpes. As roupas eram lindas e tremendamente bem-feitas, mas as meninas não estavam sendo gentis com elas. Espalharam todas pelo carpete púrpura e o salão, em geral glamouroso e muito iluminado, parecia o closet de uma socialite de Manhattan, moradora do Upper East Side e louca por moda, em um frenesi alcoólico antes de se vestir para uma festa beneficente.

O tropel de meninas à caça do vestido de formatura caiu em silêncio por um momento quando uma loura alta com enormes olhos azul-escuros abriu a porta para o salão e entregou à segurança a bolsa Louis Vuitton Calla Lily de couro verde e branco. Atrás dela vinha um cara bronzeado com cabelos castanho-dourados e um pouco ondulados e olhos verdes faiscantes.

— Aposto que eles se atrasaram porque tiveram que dar uma parada primeiro — disse Rain rindo, cutucando Nicki Button nas costelas. No fim de semana, Rain e Nicki fizeram chapinha japonesa juntas e seus cabelos castanho-escuros pareciam incomumente retos e acetinados, como se tivessem sido colados por especialistas do museu de cera de Madame Tussaud em Londres.

— Olha. A Blair está fingindo total que não viu os dois entrarem. Ai meu Deus, e Serena está, tipo assim, andando direto para ela! — cochichou Laura Salmon de forma estridente.

Com os braços cheios de vestidos, as outras meninas seguiram Serena van der Woodsen com os olhos enquanto ela flutuava para uma arara de chapéus de palha elegantes-mas-ainda-assim-meio-bregas para verão a um metro de distância de Blair e começava a experimentá-los.

— Legal — comentou Nate Archibald sem nenhum entusiasmo de onde estava encostado na parede, parecendo mais introspectivo do que o normal. Este era o tipo de *trunk show* onde, em vez de esperar eternamente na fila para usar as salas privativas de prova, a maioria das meninas se despia entre as araras para experimentar as roupas. Mas Nate era o cara mais desejado do Upper East Side. As meninas ficavam nuas num estalar de dedos, e ainda assim o objeto de cobiça era ele, e não elas. Não era de surpreender que ele não ficasse impressionado. Também era óbvio, pelo modo como mantinha os olhos treinados em seus tênis Stan Smith edição limitada, que ele estava fazendo o máximo para fingir que não tinha visto que Blair — a garota com quem ele devia passar o resto da

vida se ele não tivesse fodido tudo há só uma semana por ter ficado com Serena no dia do spa das veteranas — estava a apenas seis metros de distância, olhando para ele.

Depois de dar o flagra em Nate e Serena, Blair jurara a si mesma que não ia pirlar quando visse os dois, ou pegar o objeto afiado ou pesado que estivesse mais perto e atirar na cabeça deles, gritando, “Traidores, tarados de merda!”. Mas ela não pôde deixar de sentir mais do que uma pequena irritação ao ver como eles ficavam bem juntos. As luzes naturais no cabelo de Nate eram exatamente do mesmo louro claro do cabelo de Serena, e os dois tinham o mesmo brilho saudável banhado de sol, como se tivessem passado horas juntos em uma manta no Sheep Meadow, beijando-se e bronzendo-se. Serena usava uma camisa pólo azul-marinho surrada de Nate, a gola desbotada e a bainha puída, e, na luz forte do salão, o rosto de Nate cintilava um pouco do gloss rosa-claro Vincent Longo de Serena.

O que poderia até ser uma gracinha em outras circunstâncias, mas que naquele exato momento *não era nada* gracinha.

Ainda assim, havia algo impróprio naquela união. Nate parecia magro e deprimido, e Serena estava distraída e mais avoada do que o de costume. Blair ficou satisfeita com a idéia de que eles definitivamente não estavam felizes. Nate devia estar sempre chapado demais para dar atenção a Serena da forma como exigia com seu jeito passivo-agressivo. E Serena provavelmente se esquecia de ligar para Nate o tempo todo. Ele fingia não gostar dos telefonemas constantes, mas no fundo precisava deles como as crianças precisam ser sempre lembradas de que são o centro do universo. Com um sorriso

reservado e presunçoso, Blair voltou à arara de vestidos Ghost que estava vasculhando numa tentativa indiferente de encontrar alguma coisa original e irresistível para usar na cerimônia de formatura da Constance Billard, que ia acontecer só dali a duas semanas.

Exatamente. Por que desperdiçar energia odiando os dois quando havia questões muito mais importantes a resolver, como comprar um vestido?

Serena tirou o chapéu que estava usando e experimentou um de seda preta com pérolas falsas pequenininhas costuradas em todo ele e um véu de malha preta pouco abaixo dos olhos. Ela franziu os lábios com gloss no espelho e concluiu que parecia Madonna em *Evita*, ou uma esposa-troféu qualquer de um chefe do crime. Essa era uma das coisas que ela adorava tanto na atuação. Ela podia bater as pestanas de seus olhos azuis por trás de um véu para o público e de repente era uma figura trágica que precisava desesperadamente de um pouco de amor e carinho ou, na melhor das hipóteses, de um coquetel.

Este chapéu em particular era muito dramático, e era exatamente assim que ela estava se sentindo ultimamente. Não o dramático deprimente, nem o dramático absorto, mas o dramático comportando-se-de-um-jeito-que-não-é-exatamente-o-dela. Ela olhou de lado para Blair, que vasculhava fervorosamente uma arara de vestidos, recusando-se sequer a reconhecer a presença de Serena. Serena trocou o chapéu preto por uma faixa de veludo roxo horrenda, cheia de frutas e folhas falsas costuradas. Se ao menos Blair olhasse para ela, Serena sabia que ela ia mijar nas calças de tanto rir. Mas Blair continuava de costas. Serena suspirou. Há

apenas uma semana elas eram grandes amigas. Agora essa. Ela e Nate estavam juntos e Blair não estava falando com eles.

Agarrar-se na banheira na festa de Isabel tinha sido um acidente total e, se Blair não os tivesse pego, provavelmente eles teriam parado por aí. Mas teria sido cruel demais se agarrar na frente dela e depois não tentar fazer com que isso significasse alguma coisa. Embora ela e Nate nunca tivessem discutido o assunto, os dois se importavam demais com Blair para não ficar juntos, de modo que ela não pensasse que era só uma agarrada tarada qualquer entre duas pessoas lindas e autocentradas que não conseguiam se controlar.

E era isso mesmo.

Além disso, não era tão difícil ficar juntos. Os dois eram lindos, se adoravam — sempre se adoraram — e a cobertura na Quinta Avenida de Serena ficava a apenas quatro quadras de distância da casa de Nate, entre a Park e a Lexington. Além disso, só o que eles realmente fizeram foi namorar, porque a) eles se conheciam desde que engatinhavam, então não era nenhuma novidade, e b) embora isso pudesse deixar Serena feliz, eles não foram até o fim porque Nate parecia estar vivendo um problema ultimamente...

Hein? E que tipo de “problema” seria esse?

— Oi, Serena — disse Isabel da arara de Stela McCartney. — Eu soube que você foi indicada para ser a oradora da formatura pelo Sr. Beckham.

Serena devolveu a faixa roxa de frutinhas ao gancho.

— É mesmo? — respondeu ela com uma surpresa autêntica. O Sr. Beckham era o professor de cinema da Constance Billard. Ela parara de fazer cinema no segundo ano e nem

mesmo freqüentara Constance nos últimos dois anos. Estava em Hanover Academy, em New Hampshire, até que meio que perdeu as primeiras semanas do último ano e eles a mandaram de volta. Por que o Sr. Beckham, de todas as pessoas, indicou justamente Serena para ser a oradora?

Boa pergunta.

— E aí, vai topar? — insistiu Isabel.

Serena tentou se imaginar parada no pódio em Brick Church na Park Avenue, dirigindo-se a sua turma, com seu imaculado vestido branco e suas imaculadas luvas brancas. *Ah, os lugares para onde vou. Nosso futuro é tão luminoso, vamos ter de usar óculos de sol* etc. Ela pode ter gostado de ter sido atriz e modelo, mas oradora motivacional não era exatamente a praia de Serena. Certamente uma de suas outras colegas de turma seria melhor para isso.

— Talvez — respondeu ela sem se comprometer.

Piranha, pensou Blair, as orelhas doendo de ouvir a conversa. Desde o famoso incidente da banheira na festa de Isabel, Blair ficara obsessivamente determinada a surpreender a todos, colocando-se acima do comportamento idiota e pernicioso de Serena e Nate, dando a impressão de que ela não ligava a mínima, e terminar o ano letivo como a garota mais admirada da turma.

Não que ela já não fosse a garota mais admirada por todas. Ela sempre usava as melhores roupas, as melhores bolsas, tinha as melhores unhas, o cabelo mais descolado e até agora os melhores sapatos. Mas desta vez ela queria ser admirada por sua coragem, independência e inteligência. E ser oradora da formatura definitivamente fazia parte desse pacote. Bem ago-

ra Vanessa Abrams, a improvável colega de apartamento de cabeça raspada e roupas pretas de Blair, estava na Constance indicando Blair para oradora da formatura. Mas, como sempre, aquela cretina metida da Serena tinha de imitá-la.

A parte complicada era que ninguém realmente fazia campanha para ser oradora de formatura. E em geral nem havia eleição, porque normalmente só uma pessoa era indicada. Tornar-se oradora era uma coisa que simplesmente *acontecía* — outra tradição misteriosa da Constance Billard que ninguém entendia muito bem. As coisas podiam ficar interessantes, agora que duas meninas estavam prestes a ser indicadas.

Em especial essas duas.

Serena entendeu de imediato que Blair ia pensar que ela realmente queria ser oradora, o que não era verdade de forma alguma. Mas como poderia ela se defender quando Blair nem sequer olhava para ela? Incapaz de resistir, ela apontou para o vestido góticos-usam-branco Morgane Le Fay nas mãos de Blair.

— Ai meu deus, isso ia ficar incrível na Vanessa. Foi para ela que você pegou, não foi? — perguntou com um sorriso reluzente.

Ah, então você acha que pode falar comigo, é?, pensou Blair. *Errou.* Incapaz de pensar em uma resposta sucinta, Blair deu de ombros e levou o vestido para o caixa improvisado em uma mesa de banquete perto da porta, pagando por ele com um dos três cartões de crédito platinados, que eram pagos pelo contador da mãe, Ralph.

Isso não vai ser fácil, pensou Serena com um suspiro teatral.

— Não estou com vontade de comprar nada mesmo — acrescentou ela em voz alta e olhou para Nate. Brigar com Blair era tão cansativo. Em especial quando envolvia estar loucamente apaixonada por Nate Archibald.

Ou, pelo menos, fingir que está.

ele está se desfazendo

Nate estava na calçada do hotel com o segurança do *trunk show*, fumando um cigarro de maconha com tabaco enrolado à mão. O sol batia na Quinta Avenida e na rua 65 e, com a massa de turistas europeus e nuvens de escapamento de ônibus, mais parecia o final de agosto do que a última semana de maio.

— Lindo dia — observou o segurança, cujo crachá dizia DARWIN. Ele era enorme e careca, e devia trabalhar à noite como leão-de-chácara de um clube. Darwin estreitou os olhos para se proteger da luz do sol de final de manhã. — O verão está chegando.

Nate apertou os nós dos dedos nas pálpebras fechadas para evitar que as lágrimas escorressem pelo rosto. Ele podia culpar o sol por isso, ou podia colocar a culpa em ser arrastado a um *trunk show* com uma mulher, mas a verdade era que ultimamente ele andava chorando muito. No final de seu ano letivo, ele estava com Serena, a garota que ele amara desde sempre — mais ou menos. Era como se finalmente estivesse provando o prato que ele olhou pela vitrine em todos aqueles anos. Ele queria saborear, mas todos os outros comiam tão

rapidamente, que não havia tempo. E também havia aquela sensação ranheta de que ele tinha pedido o prato errado.

Peraí, ele não quis dizer a garota errada?

— Será que devo me preocupar que uma de suas amigas tenha roubado alguma coisa? — perguntou Darwin. Ele sacou um celular azul-prateado do bolso da calça, rolou algumas mensagens de texto na tela, depois devolveu o telefone ao bolso. Não parecia preocupado demais. Mas por que alguém com bíceps tão grandes ficaria nervoso com umas adolescentes desencaminhadas?

Blair já foi conhecida por roubar em lojas, mas não na frente das amigas. Nate nunca soube que Serena roubasse, mas ela tinha um temperamento rebelde e o fazia só por estar entediada. Ele deu de ombros.

— Provavelmente.

Foi aí que o porteiro do hotel abriu a porta e Blair desceu a escada atapetada roçando em Nate, ao passar por ele com o queixo de raposa apontado para cima, e balançando na mão uma sacola de compras branca com um papel de seda branco apontando para fora.

— Ela é *uma gata* — Darwin assoviou.

— Arrã — murmurou Nate, como se visse Blair pela primeira vez. O cabelo escuro e sedoso crescera e agora ela usava um corte muito francês e sexy, que combinava com o rosto de traços perfeitos e o corpo pequeno e gostoso. Ah, ela era mesmo uma gata.

E ela não era mais dele.

— Quer que eu a pare? Para olhar as bolsas? — propôs Darwin.

Nate deu um tapa no baseado, pensando em como Blair reagiria se Darwin a chamasse. A idéia o fez sorrir meio tristonho e, enquanto ele observava Blair desaparecer pela rua movimentada, novas lágrimas desceram por seu rosto. Cretina, teimosa, egoísta e neurótica, Blair era a síntese da namorada de alto custo; mas independente de quantas vezes ele tenha estragado tudo, ela sempre o aceitava de volta. Em geral começava com um olhar de lado ou um telefonema irado, e então ele aparecia na porta da casa dela e eles se beijavam e transavam. Mas Blair não estava mandando nenhuma vibração do tipo *se-você-for-legal-comigo-eu-penso-no-assunto*. Parecia que ele tinha fodido tudo pela última vez. Além disso, ele agora estava com Serena, a garota dos sonhos de todo mundo.

Todo mundo inclusive ele?

O porteiro abriu a porta de novo e Serena deslizou para fora do hotel ostentando uma viseira de tênis de linho verde Les Best. Com o cabelo dourado claro caindo em cascata debaixo da viseira, as pernas longas, bronzeadas e atléticas-embora-só-faça-exercícios-na-aula-de-educação-física e o sorriso radiante, ela parecia uma propaganda de alguma marca de roupa de tênis de alta costura que era linda demais para ser usada para praticar esportes.

— Táxi para a escola? — perguntou ela a Nate com uma piscadela maliciosa. Ela podia estar cansada demais para andar, mas não estava cansada demais para uns amassos no banco traseiro de um táxi.

Quem estaria muito cansado para isso?

Depois ela percebeu as lágrimas.

— Coitadinho — sussurrou ela, estendendo a mão para afagar o rosto de Nate com o polegar. O choro tinha começado há alguns dias e no começo foi meio alarmante. Por que um gato chapado e lindo como o Nate estaria *chorando*? Mas então ela passou a achar isso sexy e extremamente comovente. Quem diria que Nate era assim um docinho grudento?

Darwin deu um passo à frente. Ele não ia deixar essa louraça sair assim tão rápido como a morena.

— Tem o recibo disto, senhorita?

Serena tocou a viseira de linho como se tivesse esquecido que a estava usando. Ela mordeu os lábios luxuriantemente cheios de ChapSticked cereja.

— Hum. — Seus olhos azuis faiscaram, desafiando Darwin a prendê-la. — Sou amiga do estilista — declarou.

Darwin sorriu — outro cara a ceder aos encantos de Serena.

— Ah, tudo bem — respondeu ele com timidez. — Acho que só queria uma desculpa para falar com você.

Nate de repente percebeu que devia sentir ciúme. Ele pegou a mão seca e quente de Serena em sua mão úmida e molhada de lágrimas.

— Vamos — chamou ele, tentando parecer másculo e firme, apesar do tremor na voz.

— Meu Deus, eu adoro quando vocês brigam por minha causa — murmurou Serena. Ela tombou a cabeça no ombro dele e beijou sua orelha direita. Ele pôs o braço na cintura dela, estimulado pela curva acentuada de seus quadris. Eles desceram a escada, mal conseguindo resistir ao impulso de arrancar as roupas um do outro ali mesmo, diante de centenas de turistas que saíam aos bandos carregando pacotes da loja

Brooks Brothers do outro lado da rua. Eles podem ter ficado juntos por acaso, mas ainda assim eram duas pessoas lindas e irresistivelmente beijáveis; por que não aproveitar todas as oportunidades para namorar?

Exatamente.

— Cara de sorte. — Darwin assoviou ao voltar para dentro para chegar em Rain, Kati ou qualquer garota bonita da Constance que tivesse a bolsa estufada.

Nate lutou para reprimir outra rodada de lágrimas. Ele estava em Yale. A garota mais linda do universo, que ele conhecia desde sempre, estava praticamente implorando para transar com ele num táxi na volta para a escola. Ele *era* insanamente sortudo.

Então por que ele não conseguia impedir que as lágrimas caíssem?

o primeiro bilhete de amor do dia de v

Para: vabrams@constancebillard.edu

De: aaron.rose@bronxdale.edu

Assunto: idéia do dia

Tá legal, eu sei que te dei um beijo de despedida tipo há uma hora, mas eu tive uma idéia sensacional no caminho para a escola — cara, é uma viagem de metrô longa pra caraca! Mas aí, e se a gente só fizesse as provas finais e pulasse a formatura porque a) vai ser um saco, b) nossos pais não estão nem aí, e c) você disse que não é do tipo que usa vestido branco. A gente podia sair no Saab, ir até o Grand Canyon, ver o sol se pôr, comer uns cogumelos silvestres totalmente orgânicos e dançar nus com os coiotes debaixo das estrelas. Quero passar o verão explorando o interior do país e abraçando você no glorioso luar. Droga, a sineta. Mas aí, pensa nisso. Você é a minha gata.

Te amo,

A

d é o sr. popularidade

— Então, parece que é unânime. Daniel Humphrey, você será o orador na formatura este ano — anunciou o professor do primeiro tempo dos veteranos da escola Riverside Prep, o Sr. Cohen, chefe do departamento de história, que insistia que os alunos o chamassem de Larry.

— Hein? — Dan desviou os olhos do poema que escrevia em seu inseparável caderno de capa de couro preto. O poema se chamava “minha via expressa” e tratava da incrível jornada em que Dan estava prestes a embarcar. Uma vez que não havia nada que o prendesse na cidade, ele decidira partir mais cedo para Evergreen College, onde ia começar no outono. Já se candidatara a um emprego de verão lá, por meio do site do escritório de empregos da universidade. E logo depois da formatura ia dirigir todo o caminho até Olympia, em Washington. Se ao menos conseguisse um carro, ou se aprendesse a dirigir.

Êpa.

Dan decidira ter como modelo Jack Kerouac quando estava escrevendo *On the Road*. Em sua viagem ao Oeste, ele fi-

cou com as moradoras mais lindas de cada cidade, experimentou comidas e bebidas novas e exóticas, como peiete e tequila 200% e fez desvios para visitar atrações locais bizarras, como cavernas com estalactites de trinta metros e pedras que sangravam, ou uma vaca com quíntuplos. Aos 17 anos, Dan já publicara um texto na revista *New Yorker*, além de sua curta carreira de vocalista na famosa banda de rock The Raves. Mas, quando chegasse no estado de Washington depois de ter atravessado todo o país, ele teria um novo diploma da Universidade da Vida.

*Mulheres marrentas e milhos debulhados,
Berrantes de rodeio, chapéus com chifres, um ciclone do Kansas.
Uma mulher do Nebraska deixa batom no painel —
Ela salga minha carne, mexe meu quiabo, cospe no meu poço.*

Hum. Parece que ele foi astro do rock por um dia a mais do que devia.

— A turma votou em você e só em você — explicou Larry.
— Devia se sentir muito honrado.

Dan estava aturdido. Ele empurrou a cadeira para trás, cruzou os Pumas azuis sujos e enfiou as mãos nos bolsos da calça cáqui surrada.

— Mas ninguém me indicou para isso — disse ele sem pensar.

Uma maneira óbvia de dizer que você não tem amigos.

Irromperam risadinhas em toda a sala.

— É assim, você é uma celebridade, cara, e a gente quer que você nos represente — explicou Chuck Bass numa voz

de falso chapado. O macaco de estimação de Chuck, Sweetie, estava enroscado em uma bola branca e peluda no colo dele, dormindo, vestido com sua camiseta apertada cor de cantalupo preferida com um S em rosa-choque nas costas. Todos, até os professores, se acostumaram com o macaco, tanto que nem olhavam, mas Sweetie ainda dava arrepios em Dan.

— A gente pensou que seria fácil para você, já que escreve o tempo todo — continuou Chuck sarcasticamente. Mais risadinhas.

Dan inclinou a cadeira para trás.

— Peraí. Me deixa entender isso. *Você* me indicou?

Chuck virou para cima a gola da camisa Lacoste roxa de manga curta.

— É como disse o Larry. Foi unânime.

As mãos de Dan começaram a suar. Ser orador dos veteranos era uma honra, mas ele achava que tinha sido escolhido à revelia. Certamente não era o cara mais popular da turma. Ele passara todo o último ano ou tentando ser famoso, ou ficando com a ex-melhor amiga e ex-namorada, Vanessa, em Williamsburg, no Brooklyn. Ele achou que todos os outros caras de sua turma estavam ocupados demais em baladas ou tentando não tomar bomba nas provas finais para se incomodar em escrever um discurso de formatura.

— Basta não pegar pesado. E lembre-se, só o que todo mundo quer é o diploma nas mãos, então faça um discurso rápido também — aconselhou Larry, puxando o cavanhaque louro-sujo idiota como um adolescente que ele certamente não era.

— Tá legal — respondeu Dan, na dúvida. Parecia que ele não tinha alternativa.

Chuck lhe deu um tapinha no ombro.

— Adivinha só? Sabe aquela sua namorada meio sapata? Eu soube que ela está solteira de novo. A “cara metade” dela está dando adeus.

Significava Blair ou Aaron? Dan não tinha mais certeza de com quem Vanessa estava morando. Só o que ele sabia era que não era com ele. Suas mãos ensopadas de suor começaram a tremer com um misto de confusão e felicidade. Talvez Vanessa tenha terminado com Aaron. Mas eles estavam tão apaixonados. Eles até fizeram o mesmo corte de cabelo. Ele fez uma série de marcas de verificação no alto da página em que estava escrevendo. Vanessa terminou com Aaron!?

— Então vou considerar que você aceitou a indicação — insistiu Larry, batendo o lápis irritantemente na mesa de madeira. — Todos a favor, digam “sim”!

— *Caraaaaa!* — respondeu a turma de meninos em uníssono, perpetuando a tradição não tão divertida que começou no primeiro dia do último ano. Dan empalideceu enquanto começaram a gritar e guinchar numa demonstração totalmente desnecessária de falso entusiasmo. — É isso aí, Dan!

No minuto em que tocou a sineta, Dan ligou para Vanessa para dizer como ele lamentava por ela.

Ah, é, então tá.

— Mas isso é que é falta de informação! — retorquiu Vanessa. — De onde essa gente tirou essa merda? E aí, como é que você está? — perguntou ela, parecendo meio feliz em ouvi-lo.

— Eu acabo de ser eleito orador da formatura — admitiu Dan, como se tivesse feito uma campanha de semanas. No fundo, ele estava morrendo por dentro porque Vanessa e Aaron ainda estavam juntos, mas não ia deixar transparecer isso a ela.

— Orador da formatura? Que merda! — respondeu Vanessa. — Peraí, isso é bom?

— Acho que sim.

— Olha, agora estou no laboratório de fotografia, mas você quer ir lá em casa mais tarde ou coisa assim?

Dan apertou o celular na orelha até que ela começou a doer. Um grupo de calouros quase o derrubou pela escada na correria para o almoço. De repente ele percebeu como estava se sentindo sozinho. Era realmente possível que ele e Vanessa viessem a ser amigos de novo, bastando, para isso, só um telefonema?

E se eles pudessem ser amigos de novo, sempre havia a possibilidade de que fossem mais do que isso.

— O Aaron vai estar lá? — perguntou ele com cautela enquanto andava pelo corredor do quarto andar a caminho da aula de inglês. Um elástico cheio de fiapos estava em seu bolso. Ele puxou o cabelo castanho claro embaraçado em um rabo-de-cavalo curto e depois o soltou novamente, largando o elástico no chão. Era o pai dele, Rufus, o Sr. Anormal do Rabo-de-cavalo, não ele.

— O Aaron tem ensaio da banda — disse Vanessa a ele casualmente. — Até parece que você não pode ir lá, se ele estiver.

Como é que é, uma suruba?!

Dan se sentia como se uma janela estivesse aberta e uma brisa fria batesse em seu rosto.

— Acho que tenho uma sessão idiota de reforço em história avançada para a prova final na semana que vem, mas posso matar essa.

O macaco de Chuck Bass passou pulando por ele no corredor com um saco meio devorado de Smart Puffs na boca. Chuck estava ocupado demais para perceber isso, passando pomada Aveda no cabelo com luzes recentes diante do espelho de corpo inteiro que ele instalara por dentro do armário.

— Tá legal, agora estou no laboratório de fotografia. Como sempre, todo mundo matou, menos eu. Elas devem estar todas numa liquidação idiota ou coisa assim. Comprando o vestido estúpido de noiva... Quer dizer, de formatura, sei lá. *Porra!* — exclamou Vanessa, parecendo ter tropeçado em alguma coisa. — Está escuro aqui dentro.

Agora a orelha de Dan estava suando.

— Eu queria estar aí — disse ele de repente, incapaz de se reprimir.

— Eu também — respondeu Vanessa com ansiedade. — É sério.

Mas peraí, ela não *terminou* com ele?

— Então de repente eu apareço mais tarde — arriscou ele. — Meu pai e Jenny viajaram, então não tenho que chegar em casa em nenhum horário específico.

É assim, é?

— Legal. — Agora Vanessa estava distraída. — Olha, se eu não desligar agora, vou acabar fazendo uma burrice,

tipo tomar fixador em vez de chá. Eu te vejo mais tarde, tá legal?

Dan mal conseguia ouvir.

— Tá, tudo bem. — Ele desligou. No corredor, Sweetie estava fazendo xixi no piso de mármore diante da porta das salas do departamento de história. Dan sorriu para ele.

— Bom garoto.

graças a s, ficou totalmente impossível aprontar na escola

— Tome um café e leia um pouco de poesia sozinho, tá legal, pai? — pediu Jenny Humphrey a seu pai nada cooperativo, Rufus, enquanto eles paravam diante dos garbosos portões de ferro batido de Hanover Academy, nos arredores da singular e adorável cidade de Hanover, em New Hampshire. Depois de aparecer seminua na Internet e nas páginas de várias revistas de moda, e de conspirar com astros do rock em idade pós-universitária no quarto de hotel deles no Plaza, Jenny recebera um ultimato da Sra. McLean, diretora da Constance Billard. Ela precisava parar de aparecer nas manchetes e terminar seu ano de caloura se comportando como a recatada aluna que devia ser ou teria de encontrar outra escola no outono. Jenny encarou isso como um desafio e passou toda a semana com os Raves na casa do guitarrista da banda em Bedford Street. Ela até gravou uma música com eles! Na segunda-feira seguinte, a Sra. McLean e todos na cidade tinham lido sobre isso nas colunas de fofoca.

Diga adeus a Constance Billard e olá ao... *colégio interno!*

Agora era a segunda-feira seguinte e Jenny tirara o dia de aula para dar uma olhada em Hanover, o internato notoriamente dissoluto e louco de seus sonhos. Foi em Hanover que a extraordinária baladeira Serena van der Woodsen ficou por dois anos antes de ser expulsa em outubro passado, e Jenny imaginava que Serena nunca fora substituída. Bom, aqui estava *ela* para tomar seu lugar. Ela ia levar Hanover a novas altitudes de infâmia e se, por algum motivo — que era difícil de imaginar — Hanover não fosse atraente para ela, ou pior, se não a aceitasse, ela também ia visitar Croton School. Croton ficava só a uma hora e meia da cidade, em Croton Falls, no estado de Nova York e, de acordo com todos os guias de escolas preparatórias que Jenny andara lendo, era quase tão dissoluta quanto Hanover.

— Também posso cortar meu cabelo — respondeu Rufus, parecendo animado. Seus cabelos grisalhos e estranhos estavam puxados num rabo-de-cavalo desgrenhado com um elástico nas cores do arco-íris que tinha vindo num saco de bagels da Whole Foods, perto de seu prédio no Upper West Side. Para combinar com o cabelo extravagante, Rufus vestia uma camisa xadrez vermelha e branca no estilo Western, de manga curta e fechos de pressão, bermudas de lona marrom Carhartt e tamancos arranhados de camurça bege Birkenstock com meias de lã pretas.

Nada como o interior do país para despertar o senso de moda de uma pessoa.

— Ah. Que bom. — Jenny tentou não ficar muito animada. Da última vez que Rufus cortou o cabelo, em algum

momento por volta do 13º aniversário dela, ele foi a um salão no Lower East Side que era popular entre as *drag queens* e saiu de lá com mechas roxas. — Então, eu só vou dar meu giro e te encontro naquele lugar na cidade — acrescentou ela, referindo-se à cafeteria por onde eles passaram no centro de Hanover. O *campus* ficava a 2,5 quilômetros a pé da cidade por um lindo caminho arborizado. Seria tranquilizador ter essa distância entre ela e Rufus, para o caso de ele decidir começar um movimento político ou qualquer coisa igualmente insana pela simples ansiedade de ter de sair de Nova York.

— Você venceu! — Rufus lhe deu uma bicada na bochecha com sua boca grisalha antes de sair pelo caminho com uma vivacidade exagerada. — Não faça nada que eu não faria! — gritou ele de costas.

Como se houvesse alguma coisa que ele não fizesse.

Jenny puxou a bonita blusa verde-jade de manga curta que tinha comprado na Scoope no SoHo no sábado. Era japonesa e tinha pequenas libélulas pintadas em todo o tecido. Ela a havia abotoado até a gola, mas agora que seu pai estava longe, ela abriu os dois primeiros botões, revelando seus ativos mais surpreendentes — os peitos tamanho 44.

Não havia nenhum motivo para os rapazes da Hanover não saberem o que estava esperando por eles.

Ela pegou o mapa laminado do *campus* da bolsa imitação de Louis Vuitton Calla Lily que ela comprou num camelô na calçada da Bloomingdales mas que era igualzinha à de Serena. Os prédios de tijolos aparentes cobertos de hera da escola ficavam bem à direita de um catálogo da Abercrombie & Fitch, mas Jenny ficou decepcionada por não

ver nenhum lindo menino seminu e bronzeadado jogando Frisbee no gramado. Riley, o alojamento das meninas onde ela havia marcado com sua anfitriã, ficava do outro lado do estacionamento, empoleirado no alto de um outeiro gramado. Fazia um lindo dia de verão e o ar tinha cheiro de grama recém-aparada.

— Eu já adoro esse lugar — sussurrou Jenny, a pele formigando de excitação. Toda a sua vida estava para mudar. Nada de uniformes. Nada daquelas meninas cretinas com suas panelinhas que passavam horas dissecando a escolha de brilho labial malva em vez de rosa. Nada mais de ser conhecida só por sua excelente caligrafia, seu escândalo muito badalado na Internet, ou suas supostas sessões de fotos pornô. Nada mais de boatos, nem escândalos.

Bom, talvez isso estivesse indo meio longe demais. Não havia nada de errado com um escandalozinho. Era só que, em um colégio interno como Hanover, o piso para os escândalos seria consideravelmente mais alto.

A anfitriã de Jenny, Fiona Castagnoli, esperava por ela do lado de fora da porta do Riley. Fiona parecia uma mamãe-do-futebol de 45 anos — baixa e gorducha, com uma blusa J. Crew listrada de coral e branco enfiada em bermudas L. L. Bean cor de pedra. Suas meias brancas estavam cuidadosamente dobradas na altura do calcanhar e os tênis Reebok completamente brancos estalavam de novos.

— Jennifer? — perguntou ela ansiosamente, o rabo-de-cavalo ruivo apertado e supercrespo balançando entre suas omoplatas. — Precisamos correr. Tenho que te levar à sala de estudos e já estamos cinco minutos atrasadas!

Fiona arrastava uma mochila verde-lima Lands' End com todos os livros que possuía. Jenny pestanejou para ela. Quando pensou em visitar Hanover, imaginava ficar em um alojamento com louras magras e chiques, tomando taças de vodca apoiadas de leve nos peitos nus e bronzeados.

— Se estiver com muito trabalho eu podia, tipo assim, ficar aqui e esperar por você — propôs ela.

— Ah, poderia fazer isso? — disse Fiona. Ela parecia imensamente aliviada. — Sabe, as provas finais são na semana que vem, e eu tenho 47 verbos irregulares do espanhol para estudar e 13 verificações de geometria para fazer.

Jenny espiou pela porta aberta. Algumas meninas se recostavam em poltronas de couro na sala de estar com candelabro de cristal lendo revistas e ouvindo seus iPods. Jenny reconheceu o top Marc Jacobs vermelho e branco com padrão floral de uma delas. E uma menina estava usando o par de sapatos dourados e sem salto Belle by Sigerson Morrison que ela desejou a primavera toda, mas não economizou o bastante para comprar. Elas pareciam exatamente o tipo de meninas de quem ela queria ser amiga. Só o que estava faltando eram os meninos com seus cachimbos de haxixe e a vodca.

— Eu vou ficar aqui — disse ela a Fiona com firmeza.

— Tudo bem. — Fiona pendurou a feia mochila verde nos ombros. — Vou voltar e pego você, tipo assim, daqui a uma hora e dez. Podemos comer uns bagels na cafeteria e eu vou te mostrar meu quarto.

Caraca, parece uma festa.

Jenny já tinha certeza de que nunca mais veria Fiona porque Fiona ia ficar tão imersa em seus verbos irregulares ou

coisa assim que ia se esquecer completamente de que deixara Jenny com as meninas mais bacanas e de pior comportamento de Hanover. Ela pegou um tubo de gloss Chanel Stropky da bolsa e passou um pouco. Depois entrou na sala de estar.

— Oi — anunciou-se ela timidamente. — Meu nome é Jennifer. Estou de visita na cidade. Sou da Constance Billard... Sabe qual é, onde Serena van der Woodsen estuda? — Ela sabia que era idiotice mencionar Serena de cara, mas ela queria que essas meninas soubessem que ela era descolada, que era uma delas.

Uma menina de cabelo preto e curto e unhas dos pés lindamente pintadas de Chanel Vamp parecia que ia olhar para Jenny, mas rapidamente desviou os olhos. Tirando essa, ninguém pareceu ouvir o que ela disse. O revestimento de madeira da sala lhe conferia um brilho âmbar e o tapete oriental sob os pés de Jenny estava em perfeitas condições. Ela se sentia em um recanto de uma velha mansão, e não em uma escola.

— E aí, eu soube que Hanover às vezes fica uma doideira. Pelo menos, foi o que a Serena me disse — tagarelou Jenny, ainda parada na soleira da porta feito uma imbecil. Ela queria deixar bem claro que ela não só *sabia* da existência de Serena. Elas eram amigas.

— Shhhh — sussurrou uma linda loura com pernas tão compridas e tão bronzeadas que pareciam falsas. — Vai criar problema pra gente.

Como é que é? Desde quando as alunas de Hanover se preocupavam com problemas?

— Desculpe — murmurou Jenny humildemente. Ela se sentou em uma poltrona vaga, estremeando com o som

de peido alto que a poltrona fez quando suas pernas nuas se esfregaram nela. Ela colocou a bolsa Louis Vuitton falsa afetadamente no colo, querendo pelo menos ter pensado em trazer um livro. Pelo canto do olho, viu a menina de cabelo preto e curto olhar para ela mais uma vez. Jenny pegou um recibo velho da Duane Reade no bolso lateral da bolsa e procurou pelo lápis Hello Kitty que tinha desde a quinta série.

O que é que tá pegando? Pensei que Hanover fosse totalmente DEVASSA, escreveu ela no verso do recibo. Depois ela dobrou o recibo e ousadamente o atirou no colo da menina de cabelo curto. Menos de um minuto depois o recibo voltou todo escrito em caneta azul. Bom, basicamente o pequeno episódio com sua amiga Serena (que era minha vizinha aqui no Riley — quando ela realmente ficava aqui) estragou tudo. Depois de se livrarem dela, instituíram o código disciplinar, que basicamente diz que, se você dedurar suas amigas, você tem privilégios. É tanto incentivo para dedurar as amigas que ninguém mais faz nada que valha alguma menção. Este lugar está totalmente seco, quieto e um T-É-D-I-O. Estou no terceiro ano, então vou dar o fora daqui logo — AAAAAI!

Jenny tirou os olhos do bilhete e analisou mais detidamente as outras meninas na sala. Uma das que ouviam o iPod estava murmurando para si mesma, e Jenny percebeu que ela não estava ouvindo os últimos *downloads*, mas decorando conjugações verbais em espanhol. Uma asiática baixinha com rabo-de-cavalo grosso, que Jenny pensara que estava lendo uma revista de moda, na verdade estava completamente imersa na *Science Digest*.

Êpa.

Eu não devo entrar mesmo, escreveu Jenny de volta. Ela atirou o bilhete à menina, depois se levantou. As candidaturas para o internato deviam ter sido feitas no outono, então ela estava correndo contra o tempo se decidisse ir, que dirá para onde. Mas certamente havia outras escolas que não eram tão rigorosas quanto Hanover claramente era agora.

Ela saiu e voltou aos portões da escola, desejando não ter mandado o pai embora com tanta pressa. Seguindo pelo caminho para a cidade, ela topou com um louro de boné Ralph Lauren vermelho, camiseta branca de gola em V e calças de linho J. Crew azul-claras e largas, fumando um Marlboro enquanto se arrastava lentamente de volta ao campus. Ele era totalmente adorável.

Jenny sorriu timidamente para ele enquanto ele se aproximava, reunindo coragem de lhe perguntar se Hanover era assim tão ruim como a menina de cabelo curto no Riley disse que era.

— Você não vai me dedurar, vai? — quis saber o garoto, olhando para ela com mais hostilidade do que qualquer pessoa merece.

— N-não — gaguejou Jenny. Será que todo mundo em Hanover estava totalmente paranóico?

— Tá legal — ele respondeu com desprezo, ainda olhando enquanto se afastava.

Quando ela chegou à cafeteria, o pai estava atrás do balcão tomando um *chai latte* de leite de soja, embora ele e Dan gas-tassem uma hora por dia passando sermões em Jenny sobre como o *chai* era só uma porcaria inventada pela Starbucks e

que a única bebida quente de verdade no planeta era o café instantâneo Folgers.

— O clima aqui é tão bom que eu estava pensando em me mudar para cá. Eles até me ofereceram um emprego aqui na cafeteria — cantarolou ele, dando um sorriso reluzente para ela. — Dan vai para Evergreen no outono, de qualquer forma. Vamos alugar nosso apartamento... Vamos ganhar uma fortuna!

— Desculpe, pai, mas acho que não — suspirou Jenny. — Quer dizer, acho que não quero vir para cá.

Rufus passou o copo de papel de líquido quente e espumoso pelo balcão e o entregou a Jenny.

— Quer dizer que quer ficar em casa comigo? — perguntou ele, as sobrancelhas grisalhas e bastas arqueadas de esperança.

Jenny cheirou a bebida, fez uma careta e depois a devolveu.

— Não. Eu só preciso continuar procurando. Croton fica no caminho para casa.

Rufus piscou para a mulher de quadris largos, roupa de cânhamo e cabelo frisado que saía da cozinha com uma bandeja de bolinhos de trigo sarraceno nas mãos. Ele suspirou.

— Tem certeza?

Pelo que Jenny podia se lembrar, um guia de escola preparatória que ela lera de cabo a rabo no canto perto da escada envidraçada da Barnes & Nobles na Broadway listava a Croton Academy, em Croton Falls, como a segunda das escolas para farra, bem atrás da Hanover. Croton devia ser cheia de gente que foi expulsa por mau comportamento das escolas particulares de Nova York. Era óbvio que o livro não fora atualizado

recentemente, se ainda listava Hanover como a número um, mas talvez o que dizia sobre Croton ainda fosse verdade.

— Vem, vamos *embora*. — Jenny puxou o pai pelo bolso da bermuda Carhartt, já toda animada com Croton.

Parecia mais legal do que Hanover. E tomara que não tenha código de disciplina.

Professor Pierre Papademetriou

Departamento de Inglês, The Evergreen State College

2700 Evergreen Parkway NW

Olympia, WA 98505

Daniel Humphrey

815 West End Avenue, apt. 8D

Nova York, NY 10024

Caro Sr. Daniel Humphrey,

Vi sua solicitação de estágio remunerado de verão no site de empregos da universidade. Sou professor de poesia e biologia na universidade e procuro por um estagiário de verão. Você pode morar em minha casa. Tenho dois cachorros e um filho. Minha esposa foi para a Grécia. Meu filho é pescador. Os cães ficam do lado de fora. Você trabalhará comigo em meu interessante livro. Vou alimentá-lo com a boa comida grega! Me diga quando chegará e vou consertar a rede no sótão. Preciso alimentar os cães. Eles adoram minha *moussaka*!

Responda em breve, por favor.

Pierre

d e v têm déjà vu... o tempo todo

— Caramba. Sua casa está tão... *lavanda* — observou Dan quando Vanessa o deixou entrar. Quando ele morava ali, as paredes do pequeno apartamento indefinível eram brancas, lisas e descascavam, e havia lençóis pretos pendurados nas janelas no lugar de cortinas. Agora as paredes estavam pintadas com um delicado tom lavanda claro com borda verde-aipo, e cortinas de *chintz* pretas e brancas se penduravam de trilhos de verdade nas janelas. Havia uma mesa e cadeiras de madeira dinamarquesa modernas na sala de estar e um sofá cinza moderno bem legal. O lugar parecia ter sido arrumado por um decorador de verdade.

Vanessa corou, o que era estranho para ela. Desde quando ela corava?

— Blair meio que enfeitou um pouco. Gostou?

Dan estava suado da viagem de metrô, e porque tinha corrido desde a estação L, a 13 quadras de distância. Ele passou um dedo pegajoso na parede recém-pintada, o coração acelerado.

— Acho diferente — respondeu ele, nervoso. Vanessa olhava para ele com aquele jeito desavergonhado e franco dela, fazendo com que ele suasse ainda mais.

Quando Vanessa chegou em casa, havia uma caixinha branca esperando por ela na bancada da cozinha. Ela a abriu e encontrou um anel de prata no formato de duas mãos segurando corações entrelaçados. Por dentro do anel, havia a inscrição PARA TODO O SEMPRE. AMOR, A. A não ser por um breve caso com um piercing no lábio, Vanessa raras vezes usava jóias, e este tipo de anel de amor/amizade era tão brega que a fez rir. Ela certamente nunca pensaria em usá-lo, independente de quem o tivesse dado a ela. Ela recolocou o anel na caixa e o guardou na gaveta de talheres. Era possível que Aaron tivesse dado o anel de brincadeira, mas então por que ele se incomodaria em mandar fazer a inscrição? Mesmo quando estavam juntos, Dan nunca daria a ela um presente tão piegas. Pensando bem, ele também nunca a convidou para acampar sob as estrelas com ele. Vanessa era o tipo de garota água-encanada-e-descarga-na-privada. Ela odiava o sol, e ficar ao ar livre, com aranhas, formigas, abelhas e mosquitos, lhe dava arrepios. É claro que as intenções de Aaron eram boas. O que importava era a intenção, essas coisas. Mas ela e ele teriam de conversar — uma coisa que eles não faziam muito desde que estavam namorando. Apesar de Aaron mandar uma enxurrada de bilhetes de amor, dar presentes a ela e dormir com ela o tempo todo, o relacionamento dos dois até agora era puramente físico.

Não que ela se importasse. Havia uma coisa no estresse das provas finais, da formatura e em virar uma página na vida que no fundo estava pirando Vanessa. Ela simplesmente não estava em seu juízo perfeito. Ou talvez morar em um apartamento com paredes lavanda com uma garota que tinha uns 170 pares de sapatos, inclusive 34 pares de Manolo Blahniks,

tenha transformado Vanessa em outra pessoa. Antes habituada à solidão, Vanessa não conseguia mais ficar sozinha e descobriu que a melhor maneira de afastar a mente do futuro era tomar uma vodca e depois namorar.

Ela só descobriu isso agora?

— Você está pálido — disse Vanessa a Dan. Depois ela deu um passo na direção dele, passou os braços em seu pescoço e o beijou no rosto. Ela estreitou os olhos e inalou o cheiro pungente e almiscarado de Dan. — Pálido, mas muito bom.

Vanessa estava com um top preto de alcinha e sem sutiã. A cabeça tinha sido raspada recentemente, mas ela deixou o cabelo escuro em torno do rosto crescer tipo um centímetro, atenuando a testa branca e larga e os grandes olhos castanhos. E ela desistira do piercing no lábio.

O que foi uma boa idéia.

Ela também estava com uma minissaia preta que nunca teria pensado em usar antes de Blair Waldorf se mudar para lá. Mas ela combinou a minissaia com meias pretas e brancas até o joelho e os inseparáveis Doc Martens, deixando muito claro que, apesar da influência de sua colega de apartamento, ela jamais ia comprar um par de saltos agulha Manolo Blahniks de pele de cobra, nem que eles fossem pretos.

O declive suave de seus antebraços brancos, a curva de bochada dos lábios vermelhos e o brilho desafiador dos grandes olhos castanhos fez com que Dan se perguntasse como ele conseguia viver sem ela. Ele resistiu ao impulso de sacar o caderno de couro preto e escrever um poema. Em vez disso, pegou um Camel do bolso e o enfiou entre os lábios sem acender.

— E aí, quer andar um pouco? Tomar um café ou coisa assim? — arriscou ele, tentando parecer vagamente normal.

Vanessa deu de ombros sem se afastar dele.

— Estou tendo um *déjà vu* daqueles — confessou ela com um sorriso bestificado. Não foi assim que eles voltaram da última vez? Ele apareceu e depois eles basicamente arrancaram as roupas um do outro?

— Eu também — admitiu ele, no fundo esperando que a história se repetisse.

— Blair e eu acabamos de descobrir uma porta para o terraço do prédio. Esse tempo todo eu pensava que estivesse com cadeado, mas a tranca está totalmente quebrada. É bem legal lá em cima... Quer dar uma olhada?

Então agora Vanessa também estava tomando banho de sol?

— Claro — concordou Dan.

Para surpresa dele, ela pegou uma garrafinha de Absolut e uma garrafa de água tônica na geladeira, enfiando-as em um saco de papel com dois copos de plástico do Scooby-Doo, que ela encheu de gelo.

— Eu meio que criei gosto por esse troço — admitiu ela com um sorriso malicioso.

Dan a encarou surpreso, todo o corpo tremendo de expectativa. Vanessa nunca soube lidar com álcool; nem ele.

Ela a seguiu para fora do apartamento, andando pelo corredor sujo de chão de cimento e subiu a escada tosca do prédio, que era pintada de preto e cheirava a aguarrás. Dois andares acima, Vanessa empurrou uma porta de metal com os dizeres NÃO ENTRE e saiu para a luz quente e brilhante do terraço. De repente a cidade estava toda em volta deles e a ponte de

Williamsburg parecia tão perto que se poderia tocar nela. À direita, o East River estava vítreo e frio enquanto um iate deslizava ao ultrapassar uma balsa que trazia uma carga de Porta Johns, as velas brancas infladas no ar espesso da tarde. À esquerda deles ficava a fábrica de açúcar, uma fumaça ondulante saindo das grandes chaminés e aumentando a névoa. Do outro lado da ponte, Manhattan assomava grande e cheia de promessas. Nascido em Manhattan, Dan não conseguia se livrar da sensação de que, quando estava no Brooklyn, alguma coisa empolgante ia acontecer do outro lado da água, e que ele ia perder.

— Vem cá — gritou Vanessa sobre o rugido do trânsito. Ela passou por baixo de uma viga de metal que sustentava a enorme caixa d'água que dominava o terraço. — A gente fica totalmente protegida do sol e da chuva aqui embaixo. E olha só, a condensação da caixa d'água até mantém o ar meio frio.

Dan avançou e se enfiou embaixo da caixa d'água. Um futon preto estava esticado no chão, completo, com um sortimento de almofadas pretas de pele falsa. Vanessa parecia ter seu ninho de amor ao ar livre.

— Você e Aaron devem passar muito tempo aqui — comentou ele, sem-jeito.

Ela se sentou no futon e começou a servir vodca nos copos plásticos do Scooby-Doo.

— Na verdade, eu prometi a Blair não emporcalhar isso aqui. Só descobrimos no sábado e ontem estava chovendo, então o Aaron nunca subiu aqui.

O que significava que ela e Aaron nunca transaram lá em cima, o que meio que fez com que Dan se sentisse

melhor ao se sentar no futon. Vanessa passou a ele a vodca com tônica.

— Desculpe, não tem lima.

Ele se sentou e acendeu um cigarro. Um helicóptero rugiu alto perto dali. Ele tinha de admitir, era um lugar bem legal de se ficar.

— Aí, orador da formatura, hein? Cheguei a pensar em talvez matar minha formatura. — Vanessa bateu o copo no dele e tomou um gole grande e demorado. — A nós.

Dan piscou para ela enquanto bebia, segurando o copo plástico com o cigarro na mão, a cara branca ao sol. Havia algo de diferente em Vanessa desta vez. Algo preguiçoso, perigoso e sexy.

A cobra se enrosca no cimento quente, sua mente começou a escrever furiosamente, porque ele não conseguia se conter.

Vanessa sorriu, devolvendo o olhar intenso dele com um risinho de constrangimento.

— Não sei por que estou fazendo isso, mas... — começou ela. Depois ela baixou o copo, curvou-se lentamente para ele e passou a língua no pescoço de Dan.

Uau!

Os olhos castanhos e sonhadores de Dan ficaram enormes. Ele se perguntou se talvez Vanessa tivesse bebido durante todo o dia e o estivesse confundindo com Aaron. Ou talvez ele e Aaron tivessem sido pegos numa espécie de experiência de troca-de-corpos-em-que-a-mente-dissolve-a-dobra-do-espaço-tempo saída direto do tipo de quadrinhos que ele costumava ler quando tinha nove anos, e ele era *realmente* Aaron. Todavia, era o mero êxtase de beijar Vanessa de novo e a mera

agonia de até pensar em se afastar dela. Mas depois de alguns minutos, ele se obrigou a avançar.

— Hummm, posso te fazer uma pergunta... O que você está fazendo?

Vanessa pegou a bainha da camiseta vermelha desbotada Stussy dele e a levantou, olhando a barriga nua e branca.

— Você às vezes não se pergunta o que é que isso tem demais? — perguntou ela, como se fosse uma resposta.

Dan não disse nada. Vanessa parecia estar passando por uma espécie de fase experimental e ele não ia atrapalhar, em especial porque parecia envolver querer tirar a camiseta dele. E as calças dele. E as meias dele pareciam estar seguindo o mesmo caminho da necessidade dela de se expressar. E quando ela não tinha mais nada para tirar dele, ele a ajudou a tirar a roupa também. Logo eles estavam ajoelhados no futon debaixo da caixa d'água, nus.

E vem me falar em *déjà vu*!

você pode tirar a garota do 212, mas não dá para tirar o 212 da garota

— Vocês têm alguma coisa que não tenha... *brilho*? — quis saber Blair Waldorf enquanto passava os dedos nos vestidos em uma arara circular no fundo da *Isn't She Lovely*, uma pequena loja de vestidos de noiva e de ocasiões especiais em Williamsburg a uma quadra de distância do apartamento que ela dividia com Vanessa. Ela passava pela loja todo dia quando ia e voltava da cafeteria onde um táxi especial a pegava de manhã, depois de ela comprar seu *latte* grande com uma dose extra de expresso, e onde a deixava depois da aula. Dessa vez ela resolveu entrar, pensando que podia ser legal comprar um vestido de formatura em um lugar tão completamente fora do mapa que nenhuma outra garota do terceiro ano da Constance Billard poderia ter um igual. O problema era que, sem nenhuma etiqueta de grife para mostrar seu mérito, ela não tinha certeza se os vestidos eram feios de um jeito *cool* ou se eram só feios mesmo.

— Este aqui é muito popular para crismas — disse-lhe a vendedora acintosamente perfumada com um forte sotaque

britânico. Ela ergueu um vestido de verão de um branco es-tonteante, incrustado de strass, com um corpete de renda de poliéster e uma saia que era tão dura e brilhante que parecia ter sido laminada.

Blair olhou para um dos muitos espelhos que cobriam a loja e viu a morena altiva numa saia de uniforme listrada de azul e branco da Constance e camisa pólo rosa-bebê de gola branca que a encarava, e de repente furiosa consigo mesma. Quem ela estava enganando, fingindo não precisar de um vestido de formatura Oscar de la Renta ou Chanel feito sob encomenda? Ela enganchou a bolsa Fendi rosa no ombro e baixou os óculos de sol de aro de tartaruga Parsol no nariz, tentada a comprar o horroroso vestido que a vendedora acabara de mostrar e levar para casa para Vanessa como uma brincadeira, fingindo que ia usá-lo na formatura. Mas pensou que gastar dinheiro numa coisa tão medonha, mesmo de sacanagem, a deixaria ainda mais furiosa. Quando é que a vida dela ficou tão *pobre*?

Quando ela decidiu largar Manhattan e se tornar uma *hipster* do Brooklyn?

Em geral, Blair não podia sair de uma loja sem comprar pelo menos uma coisa, mas em geral as lojas a que ela ia eram repletas de artigos irresistíveis. No que dizia respeito a Blair, *Isn't She Lovely* devia se chamar *Isn't She Ugly*.

Do outro lado do trecho da Broadway coberto de lixo onde ficava o prédio cinza esfarelento de cinco andares de Vanessa, um aglomerado de gente estava parado olhando para cima, a boca escancarada.

Hummmm, adivinha por quê?

Distraída e nada curiosa com qualquer coisa que os moradores pudessem achar interessante, Blair atravessou a rua correndo, subiu a escada de cimento em ruínas e abriu a porta pichada do prédio. Ela prendeu a respiração ao subir a escada para o apartamento de Vanessa, no segundo andar. O prédio estava praticamente montado em cima de uma fábrica de açúcar, e o ar em volta era tão doce e pesado quanto uma torrada cheia de xarope — misturada com um toque de xixi de gato de rua.

Nham.

— Que fedor — disse Blair em voz alta enquanto ainda tentava prender a respiração. Como ansiava pelo saguão imaculado de mármore cor de betume do luxuoso prédio com todos os serviços na rua 72 onde ela morara até agora. Ah, ela sentia falta do cumprimento do quepe de lã verde do porteiro enquanto ele abria a porta de seu táxi e a ajudava com as bolsas, protegendo-a da chuva com o enorme guarda-chuva preto. Como desejava o zumbido do elevador revestido de veludo vinho enquanto ele a levava para a cobertura.

A porta pintada de preto do apartamento estava aberta, largando pequenas lascas de tinta preta no chão de cimento sujo do corredor.

— Querida, cheguei! — gritou Blair enquanto entrava no apartamento que ela redecorou alegremente algumas semanas antes em tons de lavanda, cinza-pombo e aipo. O pequeno quarto-e-sala de teto baixo estava muito mais bonito do que quando ela se mudou, em especial sem aqueles revoltantes lençóis pretos nas janelas. Ela e Vanessa até ficaram mais unidas, é isso mesmo. E era divertido morar num lugar tão

diferente de onde ela fora criada. Era mesmo, de verdade. Mas ainda assim estava meio saudosa. Afinal, *Isn't She Lovely* dificilmente era substituída para Barneys.

— Ah, *isso*. Ah, *isso*. Ah, *isso*! — uma voz masculina, rouca de êxtase, ecoou pelo corredor e entrou no apartamento.

Eca.

Os lábios de Blair se franziram numa careta. Vanessa e Aaron estavam lá de novo, no terraço. Como se eles não passassem noite após noite gemendo e uivando feito cães selvagens. O estômago de Blair se revirou e ela se serviu de um copo de água do filtro Brita que comprou porque não confiava na água do Brooklyn. Depois de terminar com Nate, ela não ficou enjoada nem uma vez — esse seria o sinal definitivo de fraqueza, e ela não era mais fraca —, mas a imagem de Vanessa e Aaron, as cabeças raspadas juntas e os corpos brancos se debatendo no terraço em plena luz do dia, era muito parecida com a imagem de Serena e Nate se sacudindo na banheira da casa de jogos de Isabel Coates. Foi o suficiente para ela querer se livrar violentamente do creme de manga que tinha tomado três horas antes.

Engolindo o copo de água, ela se agarrou na bancada de fórmica branca rachada para se estabilizar. No fogão elétrico antigo, havia uma panela de água velha com duas salsichas de tofu rosa-acinzentadas e frias boiando lá dentro — restos do repugnante café-da-manhã do meio-irmão Aaron, ou do almoço, ou do jantar. E isso, com os vestidos horrendos da loja do outro lado da rua, o cheiro nojento na entrada, o sexo gemebundo do terraço que devia ser reservado para as vodcas com tônica ao amanhecer com Vanessa enquanto elas plane-

javam um meio de sabotar a ascensão de Serena a oradora da formatura... para Blair *já bastava*. Ela enfiou a mão na bolsa Fendi e pegou o celular, apertando os botões freneticamente.

— Blair, querida? A que devo o prazer, *chica*? — atendeu Chuck Bass numa voz alta, parecendo mais gay do que o de costume. — Não me diga que você foi secretamente apaixonada por mim em todos esses anos e agora que estamos prestes a nos formar, você finalmente tomou coragem de me contar.

— Não exatamente — rebateu Blair. — Você é o único que eu conheço que tem carro.

— Um Jaguar conversível cinza-pérola não é só um carro, é um ninho móvel de prazer. — Chuck tocou a buzina ao fundo. — E por acaso eu estou “no carro” enquanto falo com você.

— Tanto faz. — Blair abriu a porta de compensado e dobradiças frouxas do abarrotado armário de casacos que fedia a naftalina na sala e pegou as duas malas de couro com o diagrama Louis Vuitton em ouro. As malas ainda estavam parcialmente ocupadas, uma vez que Vanessa não tinha espaço suficiente no armário para acomodar o infindável guarda-roupa de Blair. Só o que ela precisava fazer era dobrar os vestidos pendurados no armário e encher uma sacola de compras, ou quatro ou cinco, com os meros 36 pares de sapatos que ela comprou, e ela estaria pronta para dar o fora. — Pode vir me buscar?

— É claro, meu docinho. — A voz de Chuck assumiu um falso tom paternal. — Não está metida em algum problema, está?

Blair fez uma careta ao ver uma barata acampada no fundo do armário, uma barata meio morta agitando as pernas traseiras na soleira da porta.

— Eu estou em *Williamsburg* — gemeu ela, como se fosse refém no porão de alguém.

— E Manhattan *precisa* de você — entooou Chuck. — *Nós precisamos desesperadamente de você!*

Blair riu. Parecia bom não ter mais de fingir que ia se tornar uma daquelas *hipsters* que usavam meias listradas até os joelhos, saias quadriculadas e óculos birutas, comiam homus o tempo todo e iam a galerias de arte depois da aula em vez de ir à Barneys. Ela pegou do cabide o vestido preferido Diane von Furstenberg, vermelho de bolinhas brancas, e o vestiu, tirando a saia de jeans preta Habitual e a camiseta cinza-escuro C&C California que eram um tédio. Manhattan precisava dela. É claro que precisava.

— Vou chegar em cinco minutos, gata. Agora só preciso atravessar a ponte — tranqüilizou-a Chuck, o motor do Jaguar roncando ao fundo. — E aí, para onde é que vou te levar? De volta para casa?

Blair não tinha pensado nisso. Ou melhor, tinha sim, mas a casa dela não era a primeira opção. A mãe ainda estava mentalmente doente depois de se casar com Cyrus Rose naquele outono e de ter a filha na primavera. Cyrus era barulhento, suarento e desagradável, e preferia andar pela casa usando apenas um robe de seda verde frouxo e mais nada. A bebê Yale era adorável na maior parte do tempo, mas tinha ficado com o quarto de Blair, mandando Blair para o velho quarto de Aaron, onde a gata de Blair, Kitty Minky, desenvol-

vera um problema com a urina em reação ao cheiro do boxer de Aaron, Mookie. E por falar nisso — onde *estava mesmo* o Mookie? Em geral ele vinha com Aaron quando ele ficava com Vanessa em vez de dormir no quarto do irmão de Blair, Tyler, ou desmaiar no sofá de couro na biblioteca da cobertura depois de tomar cerveja orgânica demais.

Ai, ai, ai.

— Talvez, agora que vou para Yale, eu não me importe em ficar em ca... — a voz de Blair falhou ao ter a inspiração e uma nova idéia fabulosa começar a se formar em sua cabeça.

Depois que o pai saiu da cobertura e antes de ele ir para a França para morar com o namorado gay francês — Jacques ou Jean-Claude, ou qualquer que seja a porra do nome dele — ele acampou no Yale Club por alguns meses. Fica bem em frente à Grand Central Station, mas, ao contrário da antiga estação de trem, o Yale Club nunca foi realmente reformado e ainda tinha aquele astral andrajosamente elegante da Nova York antiga. Era o tipo de lugar que a ex-melhor amiga de Blair, Serena, iria adorar, enquanto Blair normalmente preferia uma suíte de elegância mais suntuosa no Carlyle ou em um dos outros hotéis importantes da cidade. Mas ela já havia ficado numa suíte do Plaza, onde foi tratada só como outra hóspede qualquer. No Yale Club, ela seria a “filha de Harold Waldorf”, o que era quase tão bom quanto ser da realeza.

Quase.

— Na verdade, estou me mudando para o Yale Club... Pelo menos até decidir o que vou fazer neste verão — anunciou ela ao telefone, sorrindo para as unhas perfeitamente pintadas de coral como se este fosse seu plano há muito tempo.

— Então é assim?

Blair desviou os olhos das sacolas pretas da Barneys abarrotadas de sapatos. Vanessa estava parada na soleira da porta do apartamento, as mãos nos quadris brancos e redondos, usando uma camiseta preta e calcinha Hanes de algodão preto. Aquele cara macilento que Blair achava que Vanessa tinha chutado para sempre estava parado atrás dela, vestido somente numa cueca cinza Fruit of the Looms, enquanto o resto das roupas surradas-demais-até-para-ficar-limpas estavam numa trouxa em seus braços. Uma hematoma enorme e roxo aparecia em sua garganta, pouco abaixo do pomo de Adão.

Eca! Um chupão!

— É aquele com pichação na porta toda. Vou descer daqui a cinco minutos — instruiu Blair a Chuck antes de desligar. Ela pôs as mãos nos quadris, tentando pensar numa forma elegante de dizer a Vanessa que ela ia dar o fora dali. Era engraçado ser amiga da garota de cabeça raspada que todo mundo em sua turma achava tão esquisita, e Blair gostava genuinamente de Vanessa graças a sua abordagem não-enche a tudo e seu senso de humor sarcástico e sombrio. Mas com a aproximação da formatura, Vanessa tinha ficado meio maníaca, pedindo a Blair para pintar as unhas dos pés dela quase toda noite e até fazendo Blair experimentar aquele kit idiota de spray para luzes no cabelo com ela. Graças a Deus foi apenas temporário. Vanessa parecia ansiar por companhia, então, se ficar com o meio-irmão de Blair, Aaron, e esse Dan macilento a fazia feliz, Blair sinceramente não se importava. Ela mesma havia superado os homens. Em poucos minutos, Vanessa teria o

apartamento todo só para ela de novo, ela podia ir em frente e fazer uma orgia completa, se quisesse.

— Uma pessoa vem me buscar — disse ela à guisa de explicação.

Vanessa tinha acabado de ser pega traindo o meio-irmão de Blair, Aaron, com Dan, que devia fazer parte do passado. Numa situação dessas, a maioria das pessoas teria agido pelo menos de um jeito meio envergonhado. Mas não Vanessa. Ela piscou os grandes olhos castanhos para Blair de um jeito acusador.

— Você vai embora? Como pode? Está puta comigo? — Ela tombou a cabeça raspada e se corrigiu. — Quer dizer, mais do que o de sempre?

Chamar Blair e Vanessa de O Estranho Casal era dizer pouco. Blair fora criada por uma equipe de babás e freqüentara a pré-escola em Park Avenue Presbyterian, assim como todas as outras crianças de famílias do Upper East Side. Vanessa foi criada pelos pais hippies e artistas em Vermont e só foi para a escola aos dez anos de idade. Aos 15, ela se mudou para Williamsburg para morar com a irmã mais velha, Ruby, e passou os dois primeiros verões trabalhando em dois turnos na loja de fotocópias do bairro, a Kinko's, para ganhar o bastante para comprar sua primeira câmera de vídeo digital. Blair passava os verões jogando tênis na casa de veraneio do pai em Newport, em Rhode Island, ou ajudando Serena a roubar garrafas de Stoli do armário da casa de campo de Serena em Ridgefield, Connecticut. Blair tinha como modelo Audrey Hepburn e sua cor preferida era o rosa-choque. Vanessa tinha como modelo ela mesma e mais ninguém, a não ser talvez o

grande cineasta sueco de vanguarda Ingmar Bergman, e só usava preto. Elas não podiam ser mais diferentes.

— Não. — Blair deu de ombros, permitindo que um sorrisinho brincasse em sua cara de raposa. — Por que eu ficaria puta com você?

Vanessa entrou na cozinha e pegou uma das salsichas de tofu encharcadas que Aaron deixara na panela no fogão, comendo metade de uma só dentada. Ela desenvolveu um gosto por elas desde que estava namorando Aaron.

— Quer? — ofereceu ela a Dan e a Blair, estendendo-a para eles como um dedo meio mastigado.

Credo, obrigada.

— Eu tô legal — murmurou Dan, apalpando as calças amarrotadas.

Blair acenou para a salsicha de tofu, para Dan seminu e seu chupão nojentos, o apartamento encardido-apesar-da-novademão-de-pintura, e tudo lá fora, tudo de Williamsburg.

— Não é para mim — ela tentou explicar.

Vanessa assentiu devagar. Desde que Blair descobrira Serena e Nate conspirando na banheira da casa de jogos na residência de verão de Isabel Coates nos Hamptons, ela estava agindo de uma forma meio doida.

— Tem certeza de que o Yale Club vai te aceitar? Você ainda nem é aluna deles.

Blair enfiou uma braçada de moletons Juicy Couture cor de rubi na mala já pesada. Antigamente ela era sensível ao tema de Yale, mas isso foi antes de ela entrar.

— Meu pai é sócio. Eles vão me aceitar ou ele vai dar uma dura neles.

Vanessa ainda olhava para ela. Blair podia ouvir o tique-taque do relógio elétrico no fogão velho.

— Ah. Eu quase me esqueci.

Ela pegou a sacola de compras da Browns of London que tinha carregado da escola para casa.

Não que ela realmente tenha feito tudo isso a pé.

— Comprei um vestido de formatura para você. Era tão perfeito, e imaginei que você não ia querer comprar nada que não fosse preto. Eu até tenho os sapatos perfeitos para você usar com ele.

Vanessa puxou o embrulho de papel de seda branco da sacola e sacudiu o vestido. Embora fosse branco, era incrível. Meio uma mistura de Morticia Addams com a Noiva de Frankenstein. É claro que ela não tinha coragem de dizer a Blair que Aaron propôs que eles saíssem da cidade antes que a formatura sequer acontecesse.

E a gente pensando que ela havia se esquecido de tudo isso.

Vanessa ficou em um pé só e coçou a panturrilha com as unhas pintadas de preto do outro pé, ainda segurando o vestido. Ela já estava totalmente pirada com a formatura e o que vinha pela frente, e agora essa.

— Que merda. Isso é triste. — Ela se atirou nos braços de Blair. — Vou sentir saudade de você.

Blair retribuiu o abraço.

— Olha, nós somos praticamente da mesma altura — murmurou ela com delicadeza, dando um apertão afetuoso no corpo seminu de Vanessa. — Vamos ficar uma ao lado da outra na fila da formatura.

Vanessa sorriu e enxugou uma lágrima perdida. Ela apon-

tou para um sapato na miríade de pares de saltos agulha Manolo espalhados no chão de madeira poeirento.

— Não se você usar um desses.

— Bom, você pode pegar um par emprestado — ofereceu Blair gentilmente. As duas meninas riram e em um instante tudo tinha sido perdoado. Até o sexo barulhento com Aaron na noite passada e o sexo casual com Dan no terraço no que devia ter sido o lugar especial de Blair e Vanessa. Se era disso que ela precisava para aliviar a agitação pré-formatura, então seria assim.

— Vou tomar um banho — anunciou Dan, embora nenhuma das meninas estivesse prestando atenção nele.

Vanessa pegou a saia jeans preta que Blair descartara no chão e a vestiu sobre a bunda sem sequer tentar abotoá-la. Depois ela pegou as alças de uma das malas Louis Vuitton e passou duas sacolas cheias de sapatos da Barneys sobre o ombro.

— Vamos. Vou te ajudar a descer com as bolsas.

Chuck estava esperando na esquina atrás do volante do novo Jaguar conversível prata — um presente antecipado de formatura. O carro parecia completamente incongruente com o bairro arruinado. Ele abriu a mala e as meninas largaram a bagagem de Blair lá dentro.

— Deixei umas coisas para você no armário. — Blair deu um abraço rápido na colega de turma. — Te vejo amanhã na aula de inglês.

Vanessa retribuiu o abraço.

— A gente se vê amanhã, piranhuda — respondeu ela com ternura.

Blair olhou a porta pichada se fechar nas costas de Vanessa quando ela entrou. Depois ela abriu a porta do carro na do Jaguar.

— Eu soube que nos anos 1940 todos os ex-alunos costumavam levar prostitutas no Yale Club — anunciou Chuck enquanto Blair pegava o cinto de segurança. — E eles nem tinham banheiro de mulheres. — Ele arrancou do meio-fio e passou a mão no joelho nu de Blair. — Eu sabia que isso não ia durar. Você é mulher para homens, e não uma mulher para mulheres.

Blair enxotou a mão dele e revirou os olhos azuis, irritada. Chuck era e sempre seria um babaca, tolerado só porque ele, Blair e o resto de sua espécie nasceram no Lenox Hill Hospital na 77 com a Park e todos tinham ido para a pré-escola juntos. Eles freqüentaram escolas de dança juntos e tiraram férias com suas famílias em St. Barts. Os pais deles pertenciam ao conselho do Metropolitan Museum e da Metropolitan Opera, e todos falavam a mesma língua tácita. Mas, ao contrário dos outros moradores do Upper East Side, Chuck não conseguira entrar para nenhuma das universidades particulares a que se candidatara. Os pais dele o estavam mandando a uma academia militar qualquer no norte de Nova Jersey. Então era fácil entender por que ele criticava tanto o Yale Club: ele estava com invejinha.

Você acha mesmo?

O novo CD de Justin Timberlake tocava no som Blaupunkt do carro e Blair colocou o volume no máximo. Chuck pôs a mão no joelho dela novamente enquanto eles se aproximavam da ponte de Williamsburg. Ela a pegou e colocou na alavanca

de câmbio. Será que Chuck a estava confundindo com uma puta feito a Serena, que não tinha moral e se agarrava com um cara só porque ele era bonito e ela estava vagamente excitada?

— Dirija — ordenou ela. — Só dirija. — Ela cruzou as mãos no colo, toda empertigada. Ela não era assim.

Ah, não era, é?



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Não sabe de quase nada a não ser s-e-x-o

As provas finais serão na semana que vem e ninguém parece ligar para isso. Em vez de ficar em casa decorando cronologias de história americana avançada ou conjugações de verbos irregulares em francês, todo mundo fica pedindo comida chinesa, e indo para a cama... com um amigo. Que bando de gente previsível. Mas que maneira melhor de se livrar do estresse pré-finais e formatura?

Alguém falou em presentes?

A formatura — a cerimônia, quero dizer — é realmente para os pais. É graças aos presentes que ganhamos de formatura que vale totalmente passar por ela. Vamos adivinhar o que algumas de nossas pessoas favoritas estão pedindo à mamãe e ao papai...

B: Ela afirma ter superado os homens, mas o que ela realmente quer é um namorado novo e gato. Um namorado que

não a traia com a melhor amiga em uma banheira de uma festa.

V: Um calendário que alterne os meninos para que ela possa dar conta de todos.

N: Um suprimento eterno de Kleenex com um lindo suporte para caixa de Kleenex Ralph Lauren azul.

D: Um Hyundai usado, uma carteira de motorista... ah, e uma vida.

S: Outro hobby que não seja roubar o namorado da melhor amiga. O que foi que aconteceu com a carreira de modelo/ atriz dela, aliás?

J: Peraí, ela não está se formando. Mas ela ainda precisa de uma escola para ir no ano que vem.

Uma coisa que todos queremos: uma festa gigante e fabulosa para todos irem. Nada desse blablablá irritante de não-ter-mine-nunca-seu-drinque. Vamos simplesmente achar o lugar perfeito, convidar todo mundo, fazer a maior farra da vida e não ir embora nunca.

Seu e-mail

P:

Cara GG,

meu irmão mais novo está na sétima série do st. jude's e ele soube que **N** vai a um psiquiatra. supostamente ele tem que, tipo assim, voltar a ser um bebê para que seu psiquiatra possa entender por que ele é tão cabeça-oça. É por isso que ele chora o tempo todo.

— nformed

R:

Cara nformed,
Desculpe-me por perguntar, mas essa técnica de regressão também não vai fazer **N** urinar nas calças? Eca. Coitadinho!

Flagras

N beijando **S** recatadamente no rosto em frente ao prédio dela na 82 com a Quinta. Será que os pais dela estavam olhando ou ele é, tipo assim, o único cara no universo todo que consegue resistir a ela, embora ela supostamente seja namorada dele? Será que ele estava com as calças molhadas e teve que ir correndo para casa para trocar de roupa? **B** e **C** ouvindo música aos berros no trânsito da **ponte de Williamsburg**. O braço dele estava em volta dela e ela estava fazendo carinho em Sweetie, o macaco de estimação dele. Agora este *sim* é um relacionamento que pode dar certo! **V** borrifando desodorizador de ar no ninho de amor no terraço e rearrumando as almofadas de pele. Com tantos caras para pegar, deve ser difícil manter as coisas arrumadinhas e cheirando a novas. E o que era aquela cuequinha que vimos **V** atirar do terraço na rua?! **J** em uma loja de ferragens de **New Hampshire** tentando convencer o pai a comprar um carrinho de mão para **D** como presente de brincadeira de formatura em vez de um carro. Não pense que ele não ia gostar da piada. **K** e **I** experimentando cada par de sandálias **Ferragamo** que existem. Será possível que ninguém vai contar a essas meninas que usar sapatos iguais é brega? Ai, eu contei!

Lembrem-se, a formatura é para mães e pais. Então por que não usar aquele vestido **Laura Ashley** cheio de babados com

o laçarote branco na bunda que sua mãe guardou para você desde que você tinha dez anos e depois auferir as recompensas? Alguém aí sabe soletrar *B-M-W*?

Perdoem minha ganância.

Pra você que me ama,

gossip girl

s demonstra como ser malcriada e legal

— Sr. Beckham? — chamou Serena, abrindo a porta da primeira das quatro cortinas pesadas que levavam ao quarto escuro da Constance Billard. — Sr. Beckham, posso entrar e conversar com o senhor por um minuto?

Serena ouviu o barulho de um banco.

— Claro, entre — respondeu o único professor de cinema da Constance Billard. — Cuidado com as cortinas.

As aulas do dia tinham acabado e um silêncio caiu sobre a escola, quebrado somente pelo riso de algumas meninas que ainda estavam lá ou o clique dos saltos de uma professora. Serena ficara para trás para ver se podia remediar o problema de ser oradora da turma. Não que ela definitivamente tenha aceitado, mas ela já estava muito afastada de Blair. Tornar-se oradora das veteranas só seria mais uma coisa que ela conseguira sem realmente querer.

Como um certo namorado de olhos verdes?

Ela entrou na sala de revelação, certificando-se de que as cortinas se fechassem atrás dela para bloquear a entrada da menor partícula de luz. Uma lâmpada vermelha especial para

quarto escuro brilhava no teto, mas ainda assim era difícil enxergar. Os braços e pernas nus de Serena se eriçaram. O quarto escuro sempre lhe dava arrepios.

O Sr. Beckham era o único professor jovem e legal na Constance. Só que ele pensava que era mais legal, mais jovem e mais bonito do que realmente era. Julgando-se um artista, ele usava óculos de armação retangular e camisetas Club Monaco de manga comprida, pretas e apertadas, que mostravam seu peito tonificado da ginástica. Ele eriçava o cabelo louro escuro com gel e inseria uma palavra francesa aqui e ali sempre que podia.

— Ah, Serena — exclamou ele, deixando de lado o bagel com cream cheese que estava comendo. Ele abriu os braços.

— *Quelle* prazer!

Serena remexeu no botão na cintura de sua saia de uniforme de primavera listrada de azul e branco e passou de um pé de apoio para outro. Por que é que falar com um professor fora da sala de aula era sempre meio constrangedor?

Em especial quando você suspeitava de que o professor estava meio a fim de você.

— Hummm, eu só queria agradecer ao senhor por me indicar para ser oradora da turma — disse Serena a ele. Ela enfiou o polegar na boca e começou a roer a unha rosa-pérola já roída.

Observação a todos: só gente ridiculamente bonita poder ter esse tipo de comportamento sem dar nojo a todos os outros.

— Mas então — continuou ela —, eu só queria que o senhor soubesse que eu me excluí da lista de indicados. — Ela

passou ao dedo anular, que não era roído desde o café-da-manhã. — Eu nunca fui boa com discursos.

E além disso, a Blair é a única pessoa além de mim que foi indicada e ela realmente quer fazer isso, e eu tenho medo de que, se eu aceitar, ela vá me matar enquanto eu estiver dormindo.

O Sr. Beckham tirou os óculos e começou a limpá-los com a batinha da camiseta preta, revelando um trecho de uma barriga surpreendentemente nua. Serena procurou não olhar e se perguntou casualmente se ele era gay. A pele nua parecia totalmente indecente, como se ele estivesse se exibindo para ela ou coisa assim.

— Sabe por que eu indiquei você, *n'est-ce pas*? — perguntou ele, olhando investigativamente para ela na escuridão vermelha enquanto continuava a limpar os óculos.

Mais oui. Porque você tem tesão *pour elle*?

— Bom... — começou Serena, procurando por uma desculpa para se virar e fugir dali. De repente havia algo de horripilante e insano no fato de que o Sr. Beckham estava comendo um bagel enquanto revelava um filme. Ela se perguntou se ele era viciado nas substâncias químicas ou coisa assim.

O Sr. Beckham pôs os óculos de novo e se sentou novamente no banco de metal giratório.

— Serena, eu ando observando você desde que cheguei aqui, desde quando você só estava na quinta série. E eu sei que parece piegas, mas você realmente ilumina meu quarto escuro. — Ele parou para dar um pigarro, claramente nervoso demais para pensar em alguma palavra em francês. — Se eu não fosse seu professor, eu ia...

Ele ia... derramar fixador nela toda e depois lambar? Um conselho: *Corre, garota, corre!!!*

Serena tinha certeza absoluta de que não queria ouvir mais nada.

— Hummm, Sr. Beckham? Desculpe, mas eu realmente tenho que ir. Eu só queria agradecer por seu apoio. — Ela ergueu a mão e acenou toda rígida, embora ele estivesse sentado bem na frente dela. — Acho que vejo o senhor na formatura — acrescentou com uma falsa animação. Depois ela se virou para sair pelas cortinas pesadas.

— Espere.

A barriga de Serena se encheu de medo e ela tremeu novamente na camisetinha branca. Ela podia ouvir vozes do lado de fora, no corredor. Alguém a ouviria se ela gritasse bem alto. Ela se virou.

— Eu tenho mesmo que ir.

O Sr. Beckham saiu do banco e andou na direção dela.

— Eu poderia... — Ele engoliu em seco, o pomo-de-Adão sacudindo nervosamente. — Se importaria se eu só... lhe desse um beijo *petit, petit*? — perguntou ele em voz baixa, unindo o polegar e o indicador para demonstrar como o beijo seria pequeno.

Serena hesitou, relutando em transformar isso em grande coisa mas ansiosa para se livrar dele. Ela podia simplesmente dizer não e sair. Ou podia pirar e correr para a sala da Sra. M e dedurá-lo. Ou podia deixar que ele desse o beijinho e lembrasse dela de vez em quando para depois se esquecer para sempre.

Ela ergueu os ombros ossudos e se virou para oferecer o rosto macio, delicado e bronzeado de sol, deixando bem claro que o Sr. Beckham não ia entrar em ação na sua boca.

Ele deu um passo à frente e plantou um beijo cuidadoso no meio da bochecha de Serena, como um selo.

— *Tant pis* — disse ele baixinho e tristonho, depois abriu as cortinas do quarto escuro, como que para que ela soubesse que ele não tinha a intenção de abusar mais dela.

Imagino que ele não ligava muito para expor o filme dele à luz.

— *Adieu*, Serena.

No corredor, bem do lado de fora do quarto escuro, a Sra. M estava parada com seu terninho preferido de linho vermelho, azul e branco Talbots com a Srta. D'Agostino, a nova professora sem-graça de espanhol, que segurava uma lata de metal dourado cheia de trufas de chocolate.

— Oooh, sua diabinha! — piou a Sra. M deliciada enquanto colocava uma trufa na boca. Depois ela percebeu Serena e seus olhos castanhos se arregalaram, como uma criança pega com a mão no vidro de biscoitos.

Serena reprimiu uma gargalhada, sentindo-se de repente um balão inflado demais. Como a vida era estranha; ela deu um sorriso duro para a Sra. M e pegou uma trufa da lata enquanto corria para a saída da escola.

Ah, as coisas por que nós, veteranas, temos de passar. Agora, corre, garota, *corre!*

a nova droga preferida de n

A festa de final de ano do time de lacrosse ia acontecer na academia do St. Jude's, o que era meio idiota, uma vez que estava uns 26 graus lá fora e uma festa no parque teria sido muito melhor. Mas os meninos eram todos menores de idade, e assim umas cervejas na academia e uma pizza era tudo o que o treinador Michaels permitiria. Além disso, todos os meninos tinham tomado um porre na casa de Jeremy Scott Thompkinson antes e todos iam acabar derrubados em algum lugar depois de tudo, então, que diferença fazia?

Nate pegou sua pizza e fechou os olhos com força. A última festa de lacrosse do ano. A última festa de lacrosse *da vida*. Que droga. As lágrimas já estavam começando a cair.

A academia ficava no terraço do prédio de tijolos aparentes e de seis andares na East End Avenue, com vidraças gigantes dando para o reluzente East River e o Queens. Numa tarde, perto do final da oitava série, Nate, Jeremy, Anthony Avuldsen e Charlie Dern se prontificaram a relaxar um pouco depois do treino de lacrosse. Eles se demoraram um pouco atirando os arcos e depois se esconderam de Rick, o zelador,

atrás da enorme estante de metal onde as bolas eram guardadas. Quando Rick acabou a limpeza e as luzes se apagaram, eles se postaram na frente das vidraças — bem ali onde Nate estava parado agora — vendo o pôr-do-sol, fumando uma erva e comendo Starbursts até as nove. Um alarme disparou quando eles finalmente saíram do prédio, mas eles correram para o Carl Schurz Park a algumas quadras e não foram apanhados. Bons tempos, aqueles. Agora os bons tempos estavam prestes a acabar. Talvez já tivessem acabado.

Os olhos de Nate varreram o horizonte acima da água prateada e os prédios industriais baixos. Em algum lugar no sudoeste do Queens ficava Williamsburg, Brooklyn, onde Blair morava agora. Ele se perguntou o que ela estaria fazendo. Parada no terraço, talvez, fumando um Merit Ultra Light e enfiando agulhas nos bonequinhos de vodu que ela deve ter feito dele e de Serena.

Não se iluda, meu bem.

Nate tirou as lágrimas de seus lindos olhos verdes com o polegar e largou a fatia de pizza que ele mal tocou na lata de lixo. Anthony apareceu, passando o braço musculoso nos ombros de Nate, e lhe deu um beijo no rosto com uma ternura fingida.

— Qual é o problema, docinho?

— Vai se foder — respondeu Nate, dando um soco nas costelas de Anthony.

O amigo recusou-se a ser enxotado com tanta facilidade.

— Vai tomar uma cerveja com a gente e parar de se lamentar? — Uma mecha exagerada de cabelos louríssimos caiu pelo rosto sardento de Anthony e ele a afastou. — Cara, isso é uma festa!

Nate riu e se permitiu ser conduzido para onde os outros garotos estavam parados, tomando cerveja e ouvindo o treinador falar. Jeremy puxou para cima a calça Levi's azul escura grande demais e atirou uma garrafa de Heineken a Nate.

— Ei, ouviu essa? Toda quarta-feira depois do treino o treinador toma um Viagra e encontra a mulher no hotel Pierre. — Ele abriu outra garrafa para si mesmo e tomou um longo gole. — Quem teria imaginado isso.

O treinador Michaels enfiou as mãos nos bolsos do inseparável blusão vermelho Lands' End, parecendo satisfeito consigo mesmo.

— Quem disse que não podemos curtir?

Nate ergueu a garrafa numa resposta silenciosa à pergunta do treinador e secou metade do conteúdo. Michaels tinha todas as qualidades rudes e paternais que um cara podia querer num técnico, mas Nate nunca sentiu muito afeto por ele. O treinador fez dele capitão no meio da temporada só porque o primeiranista que devia ser capitão sumiu misteriosamente da escola. E o treinador ainda teve de dar os parabéns a Nate por ele ter entrado para Yale, Brown e Harvard. Não surpreendeu Nate que o treinador precisasse de Viagra para transar. Ele era meio insensível.

Não que Nate pudesse julgar. Depois do *trunk show* no St. Claire naquela manhã, Serena se atirou toda pra cima dele, mas em vez de suar a camisa com ela enquanto o táxi disparava pela Park Avenue, só o que ele conseguiu fazer foi olhar pela divisória de vidro para o meio da rua, chorando porque o calor tinha feito com que as tulipas vermelhas e amarelas soltassem as pétalas e murchassem.

Posso imaginar que não eram só as tulipas que estavam murchando.

O treinador Michaels começou a falar de como as minivans na verdade eram os carros mais sensuais na estrada porque tinham dois conjuntos de bancos traseiros. Nate bebeu a cerveja enquanto reavaliava o técnico. Até no casaco idiota Lands' End dele ele era saudável, impetuoso e vigoroso. Ninguém jamais pegou *a ele* chorando como uma menininha pelas menores coisas. Talvez um pouco de Viagra fosse exatamente o que Nate precisava.

Ah, não.

Nate terminou a cerveja e baixou a garrafa na comprida mesa dobrável que a turma da cozinha da escola montara para a festa. Depois se virou e foi para a sala da equipe de educação física, do outro lado da academia, perto do vestiário dos homens. Todo mundo ia pensar que ele só ia fazer xixi.

Quando na verdade...

Na mesa do treinador, havia uma foto 20 por 25 da esposa dele, Patricia. Ela parecia uma Jennifer Aniston com rugas e um corte de cabelo pajem tingido de castanho avermelhado. Pequena e rija, usando uma versão feminina da Lands' End do casaco do treinador, seus olhos castanhos brilhavam e os lábios rosados sem batom se abriam em um sorriso largo e feliz. Os dentes eram tão brancos que deviam ser falsos, e Nate se perguntou se ela os tirava durante aquelas escapadelas induzidas por Viagra no hotel Pierre.

A sala do departamento de educação física tinha cheiro de batata frita velha e chulé. Uma enorme pilha de revistas antigas estava no chão, encimada por uma edição sobre roupas de

banho que exibia uma foto de uma brasileira impossivelmente gostosa usando nada mais do que uma calcinha de biquíni de malha. Os braços sardentos abraçavam o peito nu casualmente e ela ria para a câmera como quem diz: “Desafie-me a abrir os braços!”

Nate ficou tentado a pegar a revista e olhar, mas resistiu, abrindo a gaveta larga sob a mesa de metal verde do treinador. A gaveta estava uma bagunça, cheia daqueles saquinhos de amendoim que dão nos aviões, vidros de corretor, clips, Advil, sacos de gelo e vários frascos de remédio. Nate os vasculhou até encontrar o que estava procurando. Casualmente, ele o colocou no bolso da calça cáqui Brooks Brothers e saiu de fininho da sala.

Os outros meninos ainda estavam ouvindo o treinador se vangloriar de quantas vezes tinha engravidado a mulher.

— Eu já era casado quando tinha a idade de vocês — estava dizendo o técnico.

— *Caraca* — murmuraram os colegas de Nate, horrorizados.

Na verdade, já estar casado com Blair teria lhe poupado muitos problemas, pensou Nate de um jeito meio disparatado.

Ah, tá. Como se estar casado pudesse ter evitado que ele a traísse?

— Aí, chorão! — gritou Jeremy para Nate. Ele puxou os jeans para cima e pegou outra Heineken no isopor. — Tinha uma garota escondida no banheiro ou o quê?

Os outros meninos olharam, na expectativa. Apesar de ser um atleta bonito e bobalhão como o resto deles, Nate sempre conseguia fazer as maiores surpresas. O simples fato de que

consequira pegar Blair Waldorf e Serena van der Woodsen tinha elevado seu *status* ao de um semideus.

Nate deu um sorriso amarelo e ergueu as mãos, sinalizando para Jeremy lhe atirar outra cerveja. Se eles pudessem ver o que estava em seu bolso, teriam ficado mesmo muito surpresos.

aconteceu uma coisa engraçada no yale club

— É tão bom tê-la conosco, Srta. Waldorf — recebeu-a o tenso *concierge* do Yale Club. — Se me acompanhar, Dominick cuidará de sua bagagem.

— Obrigada — respondeu Blair graciosamente, satisfeita consigo mesma por ter feito Chuck telefonar e fingir ser o pai dela e reservar um quarto minutos antes de ela chegar. É claro que ela podia ter pedido ao pai para ligar ele mesmo, mas ele estava na Alemanha comprando um avião ou um carro, ela não tinha certeza, para o novo namorado francês, Giles, e ela não queria incomodá-lo.

O saguão do Yale Club era formal e sem exageros, com um piso de mármore preto e branco, paredes brancas e algumas poltronas no azul Yale espalhadas pelo ambiente. Enquanto os funcionários corriam com suas malas e chaves, Blair manteve o queixo erguido, imaginando que era Elizabeth Taylor nos tempos em que ela era linda, magra e glamourosa, chegando em uma pousada simples em uma pequena cidade

da Escócia onde seu novo filme estava sendo rodado. Ela podia suportar o ambiente antiquado e rude desde que passasse a maior parte do tempo no bar.

Ela seguiu o *concierge* vestido de preto e gravata-borboleta até um dos elevadores revestidos de madeira e ficou parada em silêncio esperando que a porta se fechasse, rezando para que seu quarto tivesse armários amplos e lençóis decentes. Era precisamente um daqueles momentos corriqueiros e incômodos que a faziam pensar que a vida estava só esperando que alguma coisa acontecesse.

Mas aí alguma coisa *realmente* aconteceu.

— Espere! — Um rapaz alto de ombros largos gritou para ela enquanto entrava às pressas no elevador. O cabelo castanho claro era curto e ondulado e a pele tinha uma linda cor de bronze dourado. Os olhos verdes reluzentes eram emoldurados por longos cílios castanhos, e a boca vermelha e feminina era composta por um queixo quadrado e masculino. — Obrigado — ele agradeceu ao *concierge* num sotaque britânico. Depois se virou e ficou de frente para Blair, olhando desavergonhadamente para ela enquanto as portas do elevador se fechavam a suas costas.

Parece que Elizabeth achou seu Richard Burton.

Blair se balançou em suas sandálias douradas Manolo Egyptian Goddess enquanto eles subiam. Que sotaque britânico charmoso. Que linda camisa branca e jeans Helmut Lang perfeitamente passados. Que sapatos Church's of London adoráveis. Que cabelos dourados, que olhos verdes, que ótima altura! Ele era uma versão mais alta e mais bonita de Nate — mas até melhor do que Nate, por causa do delicioso sotaque!

Ela não devia ter superado os homens? Mas uma versão superbritânica de Nate? Ah, qual é, quem resistiria?

O elevador parou no quarto andar. O rapaz deu um passo para o lado e o *concierge* saiu.

— Basta me seguir, senhorita — disse o *concierge*, gesticulando para Blair ir atrás dele. Blair hesitou. Como poderia deixar esse cara de aparência deliciosa para trás?

— A senhorita primeiro — murmurou o rapaz em voz baixa, apertando o botão para manter a porta do elevador aberta para que Blair não fosse esmagada.

— É por aqui — sugeriu o *concierge*, andando na frente pelo corredor acarpetado de azul Yale.

Blair foi para o corredor e começou a seguir o *concierge*, andando na menor velocidade possível. E de repente o rapaz estava andando atrás dela, exalando aromas agradáveis e parecendo deliciado com a própria sensualidade.

O *concierge* parou no final do corredor.

— É sua suíte júnior, senhorita, bem ao lado da suíte do Sr. Lorde.

Sr. Lorde?!

O rapaz inglês sorriu para Blair enquanto apalpava as chaves.

— Lorde Marcus Beaton-Rhodes — apresentou-se, estendendo a mão. Blair percebeu de imediato que ele estava com o anel de Yale. — Para meu constrangimento, meus amigos em Yale me chamam de Lorde.

Lorde. Gostaria que conhecesse meu namorado, o Lorde. Isto é, meu marido, o Lorde. Nós nos conhecemos em Yale. O Lorde e sua linda esposa passarão as férias em seu iate no sul da França nesta pri-

mavera com a família perfeita antes de uma longa estada em seu castelo de verão na Cornualha...

— E você é?

Blair bateu as pestanas grossas e maquiadas, despertando de seu delicioso devaneio.

— Blair Cornelia Waldorf — trinou ela, parecendo exatamente Audrey Hepburn em *Bonequinha de luxo* quando se apresenta a seu novo vizinho, Paul Varjak. — Na verdade, vou começar em Yale neste outono.

— E eu acabei de terminar lá. Urra! — Lorde Marcus atirou as chaves em seu quarto e tirou os sapatos na soleira da porta. — Diabos, estou atrasado para o squash, mas vamos... — ele sorriu timidamente. — Poderíamos tomar um drinque esta noite?

Blair assentiu numa concordância muda. Mal podia acreditar em sua sorte.

— Vejo você no salão principal às sete, então.

O lorde fechou a porta do quarto e o *concierge* depositou as chaves da suíte adjacente na mão de Blair.

— Suas malas estarão aqui logo. Está tudo bem, Srta. Waldorf?

— Maldição! — Ela ouviu o lorde exclamar com seu sotaque adorável ao pisar em alguma coisa em seu quarto. Blair o imaginou atirando as lindas roupas inglesas feitas sob medida por todo o quarto enquanto procurava por alguma coisa para usar no squash. Se ela fosse sua namorada, organizaria suas camisas por cor e colocaria os sapatos em ordem alfabética de acordo com o estilista para que ele não tivesse que se debater tanto procurando por suas coisas.

É claro que ela faria isso.

Ela entrou no quarto e deixou-se cair na cama king-size para escutar, os olhos dardejando pelo quarto como sempre fazia, apreendendo tudo. Era pequeno e roto-chique, pecando para o roto, sendo o relevo dourado nas cortinas, na colcha e no papel de parede azul-real a única tentativa de grandeza. Não era exatamente o Plaza, mas *tinha* um lorde inglês gato morando no quarto ao lado.

Sim, sim — tudo estava *mais* do que bem.

o que os alunos de internato fazem quando estão com tédio

Já eram cinco da tarde quando Jenny e o pai chegaram a Croton School, em Croton Falls, Nova York. A noite semanal de vinho e poesia beat de Rufus com os amigos anarquistas, poetas e esquisitos ia começar em uma hora em um bar do Greenwich Village e ele estava ficando ansioso. Croton ficava só a uma hora e meia de trem da cidade e Jenny não via a hora de se livrar dele, então ela propôs pegar o trem para casa.

— Não pegue a rua 125 — aconselhou Rufus, embora fosse a estação mais próxima de seu apartamento. Ele deu a Jenny três notas de vinte dólares. — Vá para a Grand Central e pegue um táxi. E me ligue quando estiver saindo, para que eu avise a seu irmão para esperar por você.

Como se Dan realmente se importasse se ela *ia mesmo* voltar para casa. Ultimamente Dan tem estado tão preocupado que mal parece se lembrar de que eles antigamente eram meio amigos.

Jenny deu um beijo no rosto do pai. Era bonitinho como ele a tratava como um bebê, mas ela já estava com quase 15 anos — podia cuidar de si mesma.

— Tenha uma boa noite, pai — disse ela com doçura. Ela acenou um adeus enquanto a perua Volvo amassada azul-marinho desaparecia na estrada. Depois ela abriu mais um botão da blusa e entrou em uma casa vermelha de madeira com uma placa dourada na porta pintada de verde que dizia ADMISSÃO, ansiosa para conhecer sua guia em Croton.

— Você! — gritou uma voz de homem com entusiasmo assim que ela abriu a porta. — É você!

A boca muito vermelha de Jenny se abriu de choque. Olhando de lado para ela do outro lado da sala, na área de admissão estranhamente decorada, estava um clone mais másculo e vestido de forma menos extravagante de Chuck Bass. A mesma cara de comercial europeu de loção pós-barba, o mesmo cabelo escuro penteado para trás com gel, o mesmo sorriso convencido, o mesmo brilho pervertido nos olhos. Ele foi até ela e estendeu a mão, um anel com monograma rosa brilhando na mão direita.

— Eu sou seu guia. Meu nome é Harold Bass. Me chame de Harry. Talvez você conheça meu primo Charles Bass... Conhecido como Chuck. Ele me contou tudo sobre você. E é claro que eu vi suas fotos na Internet.

Ai, meu Deus.

Jenny conseguiu sorrir. Chuck Bass quase a deflorara em uma cabine do banheiro de mulheres no antigo prédio da Barneys durante sua primeira festa beneficente no outono passado, e Jenny ainda tinha um pouco de medo dele. Mas os Bass eram uma poderosa família do Upper East Side, famosa por sua filantropia, pela decadência e pelo jeito rebelde de seus

filhos degenerados. Se o primo de Chuck gostava de Croton, então devia ser o tipo de escola que Jenny procurava.

— Não fique desconcertada com a aparência puritana daqui, Jennifer — aconselhou Harry, os dentes brancos faiscando. Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça de linho azul-clara Zegna que usava com chinelos de palha, bem no estilo aluno-de-escola-preparatória-vai-à-praia. — A gente basicamente se diverte, tipo assim, oitenta por cento do tempo, dorme quinze por cento do tempo, come cinco por cento do tempo e estuda sempre que tem algum tempo de sobra, isto é, nunca.

Jenny sorriu. Parecia bom — simplesmente bom.

Harry Bass apertou os lábios e tombou a cabeça de lado como se a estivesse avaliando.

— Vamos. Tem algumas pessoas que quero que você conheça.

Com o coração acelerado de expectativa, Jenny o seguiu para fora do prédio e por um longo caminho íngreme de cascalho que fazia uma curva atrás de uma fila de prédios de tijolos aparentes com venezianas de madeira preta nas janelas. O caminho terminava em uma trilha de terra estreita que levava a um pequeno lago de patos e ao bosque.

— Só mais um pouco — explicou Harry, os chinelos batendo nos calcanhares.

Jenny hesitou, perguntando-se que diabo estava fazendo no meio da mata essa gente que ele queria que ela conhecesse. Estaria ela prestes a fazer parte daquelas tradições peculiares dos internatos de que ela tanto lera, como fogueiras e banhos no lago nus à meia-noite? No meio do lago, um pato

de cabeça verde escura estava grasnando alto para um pato marrom mais recatado, tentando atrair sua atenção. Jenny não pôde deixar de se maravilhar em ver como era estranho que fosse passar um dia inteiro no interior depois de passar toda a vida até agora na ilha de Manhattan.

— Aonde vamos? — gritou ela a Harry enquanto corria para acompanhá-lo.

Antes que ele pudesse responder, uma menina com um biquíni vermelho-bombeiros apareceu no caminho a uns cinco metros deles.

— Ei, Bass! — gritou ela tão alto que as folhas pareceram sacudir nas árvores. — É melhor que você e sua namorada nova sentem a bunda aqui antes que a gente termine com o você-sabe-quem!

— Vem! — gritou Harry para trás. Ele riu para Jenny. — Vamos. Você sabe que quer ir.

Ele até *falava* como o primo.

Agora que tinha certeza de que ela e Harry não iam ficar sozinhos na mata, Jenny se sentiu mais confiante em segui-lo. Estava mais frio na sombra das árvores e o cheiro era de musgo molhado. De repente eles deram num grupo de cinco rapazes e quatro meninas, sentados numa roda, com trajes de banho ou short e camiseta, o resto das roupas espalhadas na base de uma árvore próxima. Alguns estavam bebendo cerveja Coors em lata, alguns fumavam cigarros e todos pareciam extremamente felizes de estar ali.

A garota de biquíni vermelho — magra e pálida, de cabelo castanho claro comprido e brilhante e lindos olhos castanhos — estendeu as mãos para eles.

— Mais um minuto e você-sabe-quem ia aparecer e pegar esses aqui — disse-lhes ela com um sorriso reluzente. Jenny encarou as palmas das mãos da menina, pontilhadas de pequenos comprimidos brancos.

— April, você é demais. — Harry pegou um comprimido de Ecstasy das mãos da menina e colocou na boca. — Anda, Jennifer — ele instou Jenny, apontando para a mão estendida de April. — Quanto mais rápido tomar um, mais rápido vai se apaixonar por mim. — E deu um sorriso diabólico. — Quer dizer, por nossa escola.

Ah, é mesmo?

Já haviam oferecido drogas a Jenny antes. Ela ficou doidona uma vez, com Nate Archibald, no dia em que eles se conheceram, no Sheep Meadow do Central Park. Ela se apaixonou por ele naquele dia e ficou apaixonada por ele até que ele terminou com ela na festa de Ano-novo. Provavelmente, se ela não estivesse chapada, teria entendido que ela e Nate haviam acabado de se conhecer e que ela precisava conhecer Nate muito melhor antes de beijá-lo.

Ela estendeu a mão para pegar um dos comprimidos de Ecstasy da mão de April sem a intenção de realmente ingeri-lo. Era tão pequenininho que ninguém ia perceber.

— Hummm — piou ela, fingindo estar deliciada enquanto colocava a mão em concha na boca e deixava o comprimido minúsculo cair por seu queixo e descer pelo amplo decote dos peitos 42.

A gente sempre soube que um dia eles seriam uma mão na roda!

— Vamos jogar Pato, Pato, Ganso — anunciou um dos meninos que bebiam Coors com uma cara completamente careta, como se estivesse tentando organizar uma partida amistosa de futebol. Ele não vestia nada a não ser um short azul e parecia um ciclista do Tour de France, com músculos retesados, a cabeça raspada e os olhos azuis intensos. — Quer jogar?

— Claro! — respondeu Harry Bass com entusiasmo. Ele passou o braço na cintura de Jenny e deu um beijo no lado da cabeça dela. — Minha abobrinha — murmurou ele com afeto.

Jenny teve a sensação de que o Ecstasy de Harry não era o primeiro que ele tomava naquela tarde. Ela estava prestes a afastá-lo quando percebeu que ia ter de pelo menos *fingir* que tinha tomado a droga; caso contrário, ficaria óbvio que ela não tinha tomado nada. O problema era que ela nem sabia em quanto tempo devia começar a fazer efeito.

— Ééé! — guinchou ela. — Vamos jogar!

Eles se juntaram à roda e sentaram entre um japonês bochechudo de bermuda xadrez Madras e cabelo de roqueiro e o cara musculoso de short azul de ciclismo. Todos estavam sorrindo tanto, que parecia que seus dentes doíam.

— Primeiro eu — ofereceu-se April. — Mas antes acho que vamos precisar de um pouco disso aqui. — Ela passou alguns pacotes de chiclete Dentyne de canela.

— Você é uma deusa — disse-lhe o cara de short de ciclismo, elogiando-a. Ele colocou três pedaços de chiclete na boca e começou a mascar com voracidade. — Muá, muá, muá!

April estourou umas bolinhas cor-de-rosa com o chiclete e bateu palmas.

— Tá legal, gente, lá vai! — Ela saiu do meio da roda e começou a andar no sentido anti-horário, batendo na cabeça de cada um enquanto passava. — Pato, pato, pato, pato, pato, pato, *ganso*! — gritou ela enquanto batia na cabeça do japonês de cabelo bacana e depois corria dali. Ele se levantou e foi atrás dela, pegando-a nos braços e derrubando-a no chão. Eles ficaram deitados por algum tempo, arfando e meio que se acariciando.

Jenny percebeu que nenhum dos outros sequer estava olhando para eles. Estavam concentrados demais em seu chiclete, ou estavam passando as mãos nas costas do outro e rindo. Depois ela também sentiu uma mão em suas costas, por baixo da blusa.

— Vamos tirar a blusa — sugeriu Harry ansioso.

— Tá legal — concordou Jenny, sem querer ser uma puritana. De qualquer modo, só lhe restavam três botões. Os guias escolares definitivamente estavam certos sobre Croton. Era devassa, e talvez, depois que ela se acostumasse, exatamente do que ela precisava.

— Uau — murmurou ele enquanto ela dobrava a blusa com cuidado e a colocava na relva ao lado dela. A cara dele era a definição precisa da expressão *ficar pasmo*.

— Agora você — disse Jenny, sentindo-se confiante por saber que ela era a única que estava careta no bosque. Bom, *quase*.

— Mas o que é que vocês estão fazendo aqui?! — retornou uma voz grave. Um homem de aparência atlética, cabelo castanho crespo e bigode castanho chegou pelo caminho, descalço, com uma Levi's desbotada e uma camisa azul-clara puída desabotoada até o meio do peito.

April se sentou e enxugou a boca, os olhos castanhos brilhando.

— Oi, Sr. Tortia.

O Sr. Tortia não estava tão irritado quanto aparentava. Ele quase parecia querer participar.

— E então, o que foi que eu perdi? — quis saber ele com ansiedade. Depois ele viu Jenny. — E quem é você, posso saber?

Harry afagou o sinal entre os ombros nus de Jenny.

— Ela é candidata a aluna. E acho que ela tomou a sua parte.

Jenny cruzou as mãos no peito. Na verdade, a parte dele estava em algum lugar dentro de seu sutiã Bali cor da pele extra-reforçado com suporte duplo, sem atrito e alças superlargas, mas ela não ia se oferecer para dar a informação.

O Sr. Tortia pegou uma coisa de seus dentes manchados de tabaco e atirou com raiva na relva, parecendo genuinamente irritado.

— Isso é uma escola, e não uma boate de strip. Coloque suas roupas — disse ele a Jenny.

Que bom.

Jenny pegou a linda blusa em estilo japonês, levantando-se enquanto passava os braços pelas mangas e abotoava até queixo. *Quem diabos é esse cara, aliás?*, perguntou-se ela indignada e assustada.

— Não pode estar falando a sério sobre vir para esta instituição — observou o Sr. Tortia, o grosso bigode castanho molhado de suor e saliva. — Croton se orgulha de sua descrição. Nossos alunos são a *crème de la crème*!

Jenny olhou para a roda de alunos de Croton, os umbigos de fora e os mamilos piscando para ela no sol quente de verão, a boca mascando o Dentyne, avoados de Ecstasy e exaustos de uma única rodada de Pato, Pato, Ganso. Discrição? *Crème de la crème*? A *crème de la crème* dos fodidos, talvez. E que direito tinha esse bigodudo de dizer se ela podia entrar ou não?

— O senhor é professor daqui ou...? — perguntou ela educadamente.

O Sr. Tortia se agachou e estendeu a mão para April, que lhe passou um pedaço de Dentyne. Ele se levantou novamente.

— Na realidade, sou o diretor — respondeu categoricamente. Ele puxou o bigode e lhe abriu seu primeiro sorriso. — Lição número um da discrição: não mencione este pequeno incidente a ninguém. Entendeu?

Jenny assentiu.

O Sr. Tortia ergueu as mãos e acenou com a palma para baixo, como a rainha da Inglaterra.

— *Arrivederci*, pequena candidata! — entoou ele, dispensando-a.

Harry estendeu a mão e deu um tapinha na bunda de Jenny.

— Dirija com segurança — disse-lhe ele com afeto, embora ela obviamente não tivesse idade para dirigir.

Arrivederci, fodidos!

Com todo o corpo tremendo de afronta, Jenny correu pelo caminho ao longo do bosque, querendo de todo o coração que houvesse uma estação do metrô bem ali no lago dos patos. Ela podia sacar seu MetroCard e pegar o trem 3 para a rua 96 com a Broadway e chegar em casa a tempo para o *American Idol*. O pato de cabeça verde grasnou para ela zombeteiramente quan-

do ela passou. “*Crème de la crème! Crème de la crème! Crème de la crème!*”, ele parecia estar dizendo.

Jenny pegou o celular e discou para o serviço de informações.

— Táxi. Em Croton Falls, Nova York — instruiu ela.

— Não temos cadastro de táxis — respondeu a telefonista suavemente. — Vou verificar limusines.

— Ótimo. — Jenny digitou no celular o número do único serviço de limusines da cidade de Croton. Com o dinheiro que o pai lhe dera, combinado com o dinheiro que já estava na carteira, ela talvez pudesse pagar ao motorista para levá-la direto para casa.

Quem disse que ela não era *crème de la crème*?

v vive a felicidade em dobro

Quando Aaron voltou do ensaio da banda, Vanessa estava parada na frente da pia do banheiro, olhando o cabelo — ou a ausência dele — no espelho redondo e manchado de pasta de dente, ainda molhado do banho. Ela se livrara do cheiro almiscarado de Dan e ficou apavorada ao descobrir que meio que gostou do fato de que Aaron não sabia de absolutamente nada.

Quando ela era má, ela era *má mesmo*.

— Toalha legal — observou Aaron, dando um beijo em sua nuca.

— Obrigada. — Vanessa bateu as pestanas e colocou as mãos nos quadris, modelando a toalha de banho floral de *chintz* lavanda e preto, uma das muitas que Blair comprou para o apartamento durante sua temporada curta mas cativante.

Aaron passou os braços na cintura de Vanessa.

— Recebeu meu presente?

Ele estava tão gracinha numa camiseta laranja e bermuda verde-militar baggy, e tinha o cheiro dos cigarros naturais que ele sempre fumava.

— Blair foi embora — disse-lhe Vanessa monotonamente, ignorando a pergunta dele sobre o anel brega de amor/amizade que ele deixara na bancada da cozinha naquela manhã. — Ela não conseguiu viver tão longe da Barneys em um prédio sem elevador e porta pichada.

— Bom, quem pode culpá-la? — Aaron sorriu para o reflexo dos dois no espelho — duas cabeças escuras raspadas, dois pares de olhos castanhos, dois pares de lábios vermelhos e finos. — Recebeu meu e-mail?

Nós quase podíamos ser gêmeos, pensou Vanessa, arrepiando-se. Ela de repente se lembrou daqueles livros antigos e excêntricos de V. C. Andrews que ela lera quando tinha 12 anos, sobre irmão e irmã que ficaram trancados num sótão e acabaram dando à luz gêmeos.

— Blair quer ser nossa oradora da formatura. Se eu faltar à formatura, ela vai me matar.

Aaron revirou os olhos, baixou a tampa branca da privada e se sentou nela. Ele suspirou.

— Não sei como é que ela faz isso.

— Como assim? — Vanessa não deixou de observar que aquela conversa no pequeno banheiro era a mais longa que eles já tiveram sem esquecer do que estavam falando e sem tirar as roupas um do outro.

— Você é a pessoa mais íntegra que eu conheço, mas ela até consegue que você faça o que ela quer — explicou Aaron, esfregando a nuca onde crescia parte do cabelo supercurto.

— Não é assim. Nós somos amigas. E depois... — Vanessa rapidamente mudou de assunto. — Acho que viajar pelo interior de carro e acampar parece tão... legal. — Ela pôs as mãos

nos bolsos, esperando que Aaron tivesse se esquecido da história do anel. — Quer dizer, desde que haja, tipo assim, um banheiro e um chuveiro que eu possa usar.

Parece que ela não conhece muito bem o significado de “acampar”.

— É mesmo? — Aaron se levantou, sorrindo enquanto virava a cara de Vanessa para ele. — Então, você está, tipo assim, totalmente nua debaixo dessa toalha? — perguntou ele, beijando seu pescoço e os ombros.

Vanessa sabia que devia ficar envergonhada por sua trapaga ultrajante. Dan só havia saído há uma hora. Agora aqui estava ela com Aaron, seu namorado de verdade, fingindo que era perfeitamente natural tomar um banho no final da tarde, quando ela normalmente só tomava de manhã. Talvez ela estivesse perdendo a cabeça, mas de certa forma isso tornava ainda mais excitante o fato de ficar com Aaron e Dan.

Aaron abriu o chuveiro e tirou a camiseta pela cabeça.

— Eu digo que a gente precisa de uma boa limpeza. — Ele puxou a toalha de Vanessa. — Vem, eu vou lavar o seu cabelo.

A toalha caiu no chão e Vanessa riu alto, surpresa por se sentir tão sem culpa. A verdade era que, no futuro muito próximo, ela não veria muito nenhum dos dois, então por que não curtir os dois agora, enquanto eles estavam bem ali diante dela — nus?

Depois do banho quentíssimo dos dois, Aaron se ocupou em cozinhar nuggets de trigo integral com fritas de batata-doce, enquanto Vanessa editava seu último projeto de filme, uma série de entrevistas com veteranos da Constance e de outras escolas particulares que ela filmara nos últimos meses.

Algumas das entrevistas eram engraçadas e perspicazes, mas outras podiam ser interpretadas como uma espécie de doença mental por quem não conhecia as pessoas. Blair parecia totalmente apavorante sentada diante da Fonte Bathesda no Central Park, vestida numa camisa pólo preta e seus brincos de cristal Swarovski e jade. Um grupo de rapazes sem camisa jogava frisbee ao fundo, com meninas de biquíni espalhadas aos pés deles.

“Mas para mim não é só sexo. É todo o meu futuro. Yale e Nate: as duas coisas que eu sempre quis...”, declarou Blair, parecendo incomumente psicótica. “E se eu não conseguir... Alguém vai pagar por essa porra. Esta é, tipo assim, minha única chance de ser feliz, e acho que eu mereço, sabia?”

Bom, oi, piranha doida.

Vanessa estremeceu. É claro que era um bom filme, mas considerando como as coisas tinham rolado com Nate, ia ferir demais os sentimentos de Blair usar isso.

Aaron saiu da cozinha para espiar a telinha da câmera digital de Vanessa por sobre o ombro, um palito de cenoura na boca.

— Quando aparece a minha parte?

Vanessa avançou até chegar à entrevista de Aaron, feita numa noite no quarto dela — o que explicava por que ele só vestia um lençol listrado lavanda e verde-aipo. A entrevista foi feita antes que ele cortasse o cabelo, e pequenas trancinhas castanhas apontavam em todas as direções.

“Estou me sentindo muito bem mesmo comigo desde que soube de Harvard”, disse um Aaron praticamente pelado e de trancinhas para a câmera. “Quer dizer, antes eu era um cara

magrelo com aparelho nos dentes e cabelo crespo, e agora sou, tipo assim, o *rei*. É totalmente demais!”

Que bom pra você, cara. Que bom pra você.

Atrás deles, o *timer* do forno apitou.

— Eu pareço um babaca — observou Aaron casualmente enquanto voltava à cozinha. — Mas pode usar. Eu não ligo.

Vanessa voltou à parte de Blair, vendo repetidamente e tentando editar de uma forma que Blair não parecesse totalmente demoníaca. Talvez Blair não tivesse mais Nate, mas no final das contas entrara para Yale. À medida que Vanessa rolava sem parar essa parte do filme, ouvindo as declarações hilárias de tão egocêntricas e as tristes verdades de colegas de turma e outros estudantes, ela foi se tornando cada vez mais reticente sobre faltar à formatura. Não que ela realmente fosse de abraços em grupo ou de vestidos brancos, mas parecia meio *errado* faltar ao único dia que ela esperara desde que tinha começado em Constance Billard na sétima série.

Mas, ficar com dois caras no mesmo dia *não era* errado?

Professor Pierre Papademetriou

Departamento de Inglês, The Evergreen State College

2700 Evergreen Parkway NW

Olympia, WA 98505

Daniel Humphrey

815 West End Avenue, apt. 8D

Nova York, NY 10024

Caro Daniel Humphrey,

Fiquei tão animado em contratar você como meu assistente de verão que me esqueci de lhe falar sobre o tema de meu livro: poemas sobre sexo. Quero dizer, poemas que são sobre o sexo ao longo dos tempos, o que para mim é interessante porque eu ensino poesia e biologia, e eu sou grego! O livro ainda não tem título, mas talvez você possa me ajudar a pensar em um dos bons! Também não expliquei que você vai morar em minha pequena casa com meus dois cães, Platão e Platão Jr., e meu filho, Mick, porque Evergreen não permite que os alunos se mudem antes da orientação no final de agosto. A rede no sótão está consertada, então, venha! Vamos nos divertir muito com o *ouzo* caseiro de Micky!

Atenciosamente,

Pierre

dan prefere sexo de verdade a poemas sobre sexo

Dan estava sentado no fundo da sala da aula de inglês avançado, as mãos tremendo ao reler a carta. O professor Papademetriou parecia um homem legal e provavelmente seria um bom orientador. Dan podia se imaginar curtindo umas taças de vinho na casa do professor enquanto ele falava da queda de Tróia e o filho recheava folhas de uva ou coisa assim. O caso era que Dan não queria mais ir para Evergreen.

— Dan, pode nos esclarecer quem é o narrador neste poema? — perguntou a Srta. Solomon. Ela usava um mini-vestido de renda preta apertado e quase transparente, os braços compridos e magros, e as pernas ossudas se projetando do corpo, o que a deixava parecida com um desenho animado em um especial de TV de Halloween. Ela enrolou uma mecha do cabelo de rato no indicador, um gesto que ela devia julgar irresistível para Dan. A Srta. Solomon tinha uma queda séria por ele e sempre que suspeitava que ele não estava prestando atenção na aula, batia o pé como uma criança petulante e lhe fazia uma pergunta, exigindo sua atenção.

Ele nem sabia de que poema estavam falando, embora soubesse que era de Robert Frost, e ele tinha decorado quase tudo de Frost.

— Ou é o cara ou cavalo — respondeu Dan mecanicamente sem sequer olhar para ela.

— Obrigada, Stormfield — disse a Srta. Solomon com sarcasmo.

— Até eu posso fazer melhor do que isso — caçooou Chuck Bass da frente da sala, onde decidira se sentar todo dia até a prova final, numa derradeira tentativa de conseguir mais do que um D em inglês. Chuck estava de bermuda xadrez laranja e branca, uma camisa pólo branca, sapatos de couro brancos e um cinto de couro branco combinando. Era o tipo de roupa que uma mamãe da Park Avenue colocaria no filho de 13 anos para ir à igreja, só que Chuck tinha escolhido a roupa ele mesmo. Sweetie estava sentado no colo de Chuck, com uma tiara pequena de strass.

Dan deu de ombros. Ele estava além das tiradas de Chuck, e estava além da paixonite insolente da Srta. Solomon. Muito além. Na verdade, neste exato momento ele estava tão consumido de amor por Vanessa, que não tinha certeza do que fazer consigo mesmo.

Arrã.

No metrô, ele começou a escrever seu discurso de formatura, baseando-o em todos os discursos de formatura idiotas que ouviu nos filmes. *Nós somos o futuro. O ingresso para uma vida de sucesso é uma boa educação. O mundo espera por nós com tudo o que tem para ensinar.* Mas isso foi antes de ele e Vanessa transarem no terraço. Agora ele tinha certeza absoluta de que

estava mudando o tema. Pois como não poderia ele escrever sobre o amor?

Duas vezes arrã.

Ele olhou para a carta novamente, pegou a caneta preta Paper Mate mastigada e virou uma folha em branco no fichário de folhas soltas.

Prezado Professor Papadimetriou,

Obrigado por me oferecer a oportunidade de trabalhar com o senhor neste verão. Porém, aconteceu uma coisa e eu não poderei aceitar o cargo. Gostaria muito de um dia conhecer o senhor, seus cães e seu filho. Até lá, boa sorte, e boa sorte com seu livro.

Com meus melhores votos,

Daniel Humphrey

P.S.: anexeí um poema que o senhor pode querer incluir em seu livro.

Ele abriu outra folha em branco.

Visões do terraço

A vista é melhor daqui de cima.

Vêjo suas fábricas, seus rios.

Se suas colinas não estiverem na frente

Eu posso ver as janelas do apartamento do outro lado da rua.

Vêjo uma mulher servindo leite ao pôr a mesa para o jantar.

Ah, ali. Ali está a mesa. Ali.

Posso ver tudo daqui.

Ali. Sim. Bem ali.

Dan não tinha certeza se realmente teria coragem de mandar um poema tão sexualmente explícito como esse a um professor que ele nunca viu na vida, mas seria legal se o professor Papadametριiou usasse o poema em seu livro.

A Srta. Solomon se sentou a sua mesa e pousou o queixo pontudo e desagradável nas mãos, parecendo totalmente derrotada porque tinha usado o vestido mais sensual para Dan e ele mal tinha olhado para ela nos últimos quarenta minutos.

— Gostaria que vocês abrissem seus cadernos e usassem os últimos dez minutos de aula para escrever o que tiverem vontade — instruiu ela com a generosidade de sempre. Normalmente, ela tagarelava sobre Wordsworth ou outro poeta morto até cinco minutos depois de a sineta tocar, enlouquecendo os meninos. Dan aproveitou a oportunidade para começar um novo discurso de formatura.

Senhoras e senhores, estamos aqui reunidos para comemorar o término do primeiro capítulo de nossa vida e o início do segundo. Já sabemos o que virá a seguir: Quatro anos de universidade, e depois outra formatura. Mas trá-lá-lá! Agora é na hora de se apaixonar...

Trá-lá-lá? Três super-hiper-arrãs.

quem é esse cara?

O horário de estudos das veteranas era no último tempo de terça-feira na sala do terceiro ano da Constance Billard, um antigo depósito sem janelas no alto da biblioteca que foi cedido para as veteranas como um lugar onde todas as alunas do primeiro e segundo anos podiam relaxar. Não havia professor algum ali, o que significava que nenhuma das meninas prestava atenção em Mimi Halperin, a esperta mas idiota presidente de turma do terceiro ano, enquanto ela fazia anúncios sobre os privilégios das alunas durante a semana de provas.

— Nada de uniformes a semana toda, meninas. E só precisamos vir à escola para as provas. Incrível, hein? — Mimi bateu palmas e colocou o cabelo grosso atrás das orelhas estranhamente pequenas. As outras meninas bocejaram e olharam o relógio, ansiosas para ir embora e continuar sua busca pelo vestido de formatura perfeito ou trabalhar em seus bronzeados. Mimi era a palhaça da turma e amiga de todas durante a primeira série mas, agora que estavam crescidas, ninguém a achava engraçada. Ainda assim, elas votaram para que ela ocupasse a presidência no final do primeiro ano porque ela era a

única que parecia querer isso. Como entrava no currículo que era enviado para a universidade, a presidência da turma era uma posição desejada, até o terceiro ano. A presidente tinha de comparecer a reuniões semanais do conselho de alunas às sete e meia da manhã e ajudar em todas as funções da escola, como a feira de livros e o fundo para as bolsas de estudo. Era muito trabalho e, agora que chegara o final do terceiro ano e todas já haviam entrado para a universidade, ninguém ligava mais.

— Continuando, é um prazer para mim anunciar... rufar de tambores, por favor... que nossa oradora da formatura é... Blair Waldorf! Aí, Blair! — Mimi pulou em suas pernas gorduchas e bateu palmas no alto da cabeça como se esta fosse a melhor coisa que lhe acontecera na vida.

Engole essa, sua piranha!, regozijou-se Blair em silêncio para a nuca loura clara de Serena. *É isso que você consegue por me sabotar.*

A sala zumbia de fofocas enquanto todas discutiam os resultados. Ninguém realmente queria que Blair fosse oradora, porque seu discurso ia ser todo sobre si mesma, mas elas questionavam a capacidade de Serena de escrever um discurso coerente.

— Ela é tão burra de todas as drogas que tomou no internato que provavelmente ia ter que subornar a Blair para escrever um discurso para ela — cochichou Laura Salmon a Rain Hoffstetter.

— Ouvi dizer que a Serena vai faltar — cochichou Rain. — O Nate passou uma DST braba pra ela e ela vai perder a formatura porque tem que ir a uma clínica na Bélgica para tentar se curar.

— É verdade? — perguntou-se Blair em voz alta. Não sobre a parte da DST, mas sobre a parte de desistir-do-discurso-de-formatura. Ela estava relutante em prolongar o horário das alunas, porque só restavam cinco minutos para ela se trocar, passar pó, brilho labial e perfume antes do encontro marcado com o lorde inglês que prometera passar a tarde fazendo compras com ela. Na noite anterior, bebendo martinis Ketel One, Lorde Marcus confessou que seu jogo de squash foi um desastre total porque ele ficou pensando nela o tempo todo. E Blair confessou que procurou pelo nome dele no Google no minuto em que abriu o laptop. A família dele, os Beaton-Rhodes, era dona da maior fábrica de têxteis da Inglaterra e morava em uma mansão enorme e histórica nos arredores de Londres. Eles também eram proprietários de uma *villa* perto de Milão e uma casa de praia em Barbados. Os pais de Marcus eram amigos especiais da família real e o próprio Marcus fora aos funerais da princesa Diana. Ele foi citado pela revista *Hello!* como um dos solteiros mais cobiçados da Inglaterra, e Blair estava decidida a conquistar seu coração antes que qualquer uma daquelas piranhas inglesas gananciosas o pegassem. Mas primeiro precisava saber se tinha derrotado Serena na eleição para oradora da formatura ou se só vencera porque era a única menina que restava na disputa. Ela olhou para Serena e repetiu: — É verdade?

Serena se remexeu na cadeira, puxando o uniforme por sobre os joelhos nus e as meias amarelas nos tornozelos para que parecessem ridículos e de nerd. Ela queria que seu martírio passasse despercebido do resto da turma. Agora todo mundo sabia dele.

— Tem algum problema? — respondeu ela, parecendo muito mais cretina do que pretendia.

— Mas Blair, você não *queria* ser a oradora? — perguntou Vanessa Abrahms de seu lugar ao lado de Blair. Vanessa usava um top preto sem sutiã e devia ter sido mandada para casa por vestir roupas inadequadas em vez do uniforme. Normalmente, esse tipo de conversa vamos-lá-turma lhe deixava maluca, mas ela estava se sentindo tão nostálgica com a formatura ultimamente que, na verdade, queria estar ali.

— É — admitiu Blair. — Eu queria.

Vanessa revirou os olhos e fez um afago delicado no braço da amiga.

— Então, que importância tem para você?

Blair deu de ombros.

— Podemos ir agora? — perguntou ela a Mimi, ansiosa para tirar o uniforme e vestir a calça branca e apertada Juicy Culture e o top verde Marni que tinha trazido para fazer compras com Lorde Marcus.

Serena olhou com gratidão para Vanessa. Ela realmente não queria criar confusão. E talvez, quando pensasse nisso mais tarde — anos depois, quando as duas tivessem cabelo azul de velha e tivessem se retirado para Mustique ou outro lugar ensolarado e quente —, Blair podia odiá-a um pouco menos.

Depois do horário das alunas, as veteranas se reuniram do lado de fora das grandes portas azuis da Constance Billard, ainda zumbindo sobre a questão do discurso de formatura. Elas não conseguiram deixar de perceber o lindo cara alto de cabelos dourados que estava na calçada só a alguns metros dali, com jeans perfeitamente passados e a mais linda camisa xadrez sal-

mão e branco Thomas Pink. Blair disparou por elas usando uma roupa totalmente diferente da que vestiu na escola naquele dia, desceu correndo a escada e, para completa surpresa de todas, deu um beijo no rosto do rapaz sem sequer parar para tomar fôlego.

— É bom te ver também — disse Lorde Marcus rindo, segurando os braços dela e olhando-a de cima abaixo com prazer.

Blair ficou cor-de-rosa ao olhar a sandália Kate Spade verde-jade. Meu Deus, ele era um sonho — ainda melhor do que o homem que ela sonhou que estrelaria com ela no filme de sua mente, porque ele era *real*, e *da real*za, e mais perfeito do que Nate jamais conseguiria ser.

Na noite anterior, no bar do Yale Club, quando ela começou a embaralhar as palavras de tanto Ketel One, ele a levou pela mão até os quartos, dando-lhe um beijo delicado antes de dizer boa-noite. Blair estava tão tonta que quase vomitou. Como alguém podia ser tão insanamente sexy sem fazer esforço algum? Isso foi tudo o que ela pôde fazer para não demolir a parede entre eles com o secador de cabelo profissional do salão Vidal Sassoon e pular sobre aquele corpo maravilhoso.

O grupo de veteranas se comprimiu na frente da escola com seus uniformes azuis iguais, parecendo um pouco os pombos que ficam empoleirados na beira do telhado da escola ao olhar com incredulidade para Blair e seu lorde gato e britânico.

— O que foi que ela fez, criou o cara em laboratório ou o quê? — perguntou Laura Salmon com um misto de inveja e espanto. E puxou a blusa branca apertada no peito numa tentativa ridícula de exibir o novo sutiã vermelho DKNY.

— Ele é totalmente perfeito — sussurrou Isabel Coates, arrancando parte das fivelas que prendiam seu cabelo castanho comprido demais. — Mas aposto que ele lava pratos no Yale Club ou coisa parecida.

— Na verdade, acho que ele é primo dela... Sabe aquela tia que ela tem na Escócia? — improvisou Rain. — Ela só está fingindo que é o namorado gostosão dela para fazer ciúme no Nate.

— Mas o Nate nem está aqui — assinalou Kati Farkas, o lábio inferior rosa num beicinho que a fazia parecer ainda mais burra do que já era.

— Não, mas a Serena está — assinalou Isabel apropriadamente.

As meninas se viraram para olhar Serena, que acabara de sair pelas portas. Ela ajeitou os fones de ouvido do míni iPod rosa e piscou os olhos azuis gigantescos, o cabelo louro claro e comprido brilhando no sol quente. Ela acenou para as outras meninas e depois começou a descer a escada alegremente até ver Blair, segurando as lapelas de seu gato da realeza britânica.

Lorde Marcus estava prestes a acenar para parar um táxi para a loja de Oscar de la Renta na Madison com a 66, onde prometeu ajudar Blair a escolher o vestido de formatura, quando Blair de repente agarrou sua camisa xadrez rosa e branca, quase arrancando-a do corpo dele.

— Me beija *agora* — disse ela com urgência. É claro que era meio inesperado, eles só se conheceram no dia anterior, mas isso não tornava tudo mais romântico?

Ou mais bizarro.

— Porque alguém está olhando ou porque você quer isso?
— respondeu Lorde Marcus com um sorriso sacana e irresistível que deixava muito claro que ele não dava a mínima para o motivo.

— As duas coisas. — Blair fechou os olhos com a expectativa do beijo. É claro que ela não estava apaixonada, *ainda*. Era a *idéia* de Lorde Marcus que ela amava. Mas o primeiro beijo dos dois durou mais tempo do que um beijo na tela, foi mais gostoso do que um bife e melhor do que um devaneio, *muito* melhor. Certamente ela não ia precisar de muito tempo para se sentir genuinamente apaixonada. E definitivamente estava quase lá.

Um táxi encostou ao lado deles e, com os lábios dele ainda nos de Blair, Lorde Marcus ergueu a mão para fazer sinal. Mas o táxi já estava ocupado por um muito tenso Nate Archibald. Nate abriu a porta do táxi e Lorde Marcus e Blair deram um passo para o lado para permitir que Serena passasse voando por eles e entrasse no banco traseiro. Ela fechou a porta, olhando para Blair e Lorde Marcus pela janela com seus enormes olhos azuis. Blair a encarou também, o corpo apertado no de Lorde Marcus. Serena ergueu a mão para acenar para eles, os lábios perfeitos separados em um sorriso enquanto o táxi arrancava para a Quinta Avenida.

E embora Serena já tivesse ido, Blair sorriu também. Porque pela primeira vez em sua vida, ela sinceramente não dava a mínima para onde eles estavam indo.

adivinha quem está transando na bergdorf?

Localizada na Quinta Avenida com a 58, a Bergdorf Goodman era uma das mais antigas e mais luxuosas lojas de departamentos de Manhattan. Foi a primeira loja em que a mãe de Serena a levou para fazer compras e, embora estivesse mais cheia e fosse mais antiquada do que a Barneys ou a Bendel's, parecia o lugar adequado para comprar seu vestido de formatura. Ela pediu a Nate para acompanhá-la só porque precisava de uma segunda opinião, embora, com seu uniforme padrão de camisa pólo surrada ou camisa branca e calça cáqui, Nate não fosse exatamente um especialista em moda.

— Fico me perguntando onde Blair o conheceu — disse Serena em voz alta enquanto o lustroso elevador cor de marfim da Bergdorf os levava para o terceiro andar.

Nate não respondeu. Estava olhando os peitos de Serena. Pareciam duros, como as pequenas maçãs que cresciam na propriedade de veraneio da família em Mt. Desert Island, no Maine. Ele tinha tomado alguns Viagras do treinador Michael antes de encontrar Serena e tinha certeza absoluta de que estava começando a sentir o efeito. Havia muita pressão ali, como

uma masturbação sem mãos, e se ele não fizesse alguma coisa a respeito logo, as coisas iam ficar meio atrapalhadas.

Mas logo quando?

As portas do elevador se abriram e Serena imediatamente foi para uma arara de terninhos Oscar de la Renta brancos extraordinariamente produzidos — saias pregueadas na altura dos joelhos e casacos ajustados com cintos de couro branco decorados com uma adorável fivela de couro branco.

— Não sei por que eu ligo — continuou ela enquanto passava os dedos nos terninhos sem sequer perceber que Nate estava olhando para ela como se ela fosse uma fatia de pizza com queijo extra que acabara de sair do forno da Original Pizza do Ray. — A Blair provavelmente nunca vai falar comigo de novo.

— Posso ajudá-la? — ofereceu-se uma volumosa vendedora de meia-idade com um crachá dourado da Bergdorf que dizia JOAN. Joan vestia um conjuntinho Chanel roxo que não ajudava em nada com seus quadris encrespados e as pernas de piano.

— Preciso experimentar esses aqui em tamanho P. — Serena apontou para três dos terninhos Oscar de la Renta. Até agora ela não pensara em vestir um terninho para a formatura em vez de um vestido, mas parecia fazer perfeito sentido. Ela nunca foi do tipo de vestido-branco-de-franja mesmo, e havia alguma coisa tão cintilante e definitiva nos terninhos que os tornavam totalmente perfeitos para a formatura.

Nate estava praticamente explodindo ao seguir Serena e Joan até a sala de provas das mulheres. Ele ficou parado do lado de fora enquanto Joan passava os terninhos, fechava as

pesadas cortinas de veludo cinza e depois corria para encontrar mais alguma coisa que achava que Serena podia gostar. Agora era a chance dele.

Ele escancarou as cortinas. Serena tinha desabotoado seu uniforme, sua blusa branca estava ao redor de seu pescoço e ela estava usando apenas uma camiseta, em vez de um sutiã.

— Ei — ela sorriu para ele timidamente. — Tudo bem, se você quiser entrar.

Nate fechou as cortinas com uma das mãos enquanto desabotoava o cinto com a outra. *Vai, vai, vai!*

Serena começou a tirar um dos terninhos do cabide. Depois percebeu Nate olhando para ela com as calças pelos tornozelos.

Como é que é?

— Nate, o que está fazendo? — Os olhos verdes e brilhantes dele reluziam e os lábios finos se separaram famintos, como se ele não tivesse almoçado ou coisa assim. Ela riu e cruzou os braços. — Eles não têm câmara nessas coisas, têm?

Até parece que um deles se importava!

Ele pegou a camiseta dela e a arrancou do corpo, rasgando-a inteiramente ao meio. Serena largou o terninho no chão da sala de provas e agarrou Nate. Pela primeira vez, Nate não estava chorando em um punhado de lenços amarrotados. E ela não ia desperdiçar essa oportunidade.

Nate ficou eternamente grato que Serena fosse Serena e não Blair. Blair ia querer dissecar o comportamento dele, enquanto Serena só arrancou o que restava de sua roupa e o ajudou a tirar a camisa.

— Você não me disse que estava tão excitado e com todo esse tédio.

Mais ou menos.

Nate pegou os outros terninhos de cetim branco Oscar dos cabides e os espalhou aos pés deles.

— Lembra quando estávamos na banheira na minha casa no verão, antes da oitava série? — disse ele com urgência, apertando os lábios no pescoço dela.

Serena corou novamente. Como poderia se esquecer? Tinha sido a terceira vez. Quando os dois ainda faziam as contas.

— Vamos fazer a mesma coisa novamente — Nate praticamente gritou. — Finja que todos esses vestidos brancos são bolhas!

Caramba. Quem disse que os homens não têm imaginação?

— *É!*

— *Ah, isso!*

— Gostou de alguma coisa, querida? — Joan, sempre a mais prestativa das vendedoras matronas da Bergdorf, enfiou a cabeça grisalha pela abertura da cortina grossa de veludo. Ela viu uma confusão de pernas bronzeadas e retorcidas e cetim branco no chão da sala de provas e se retirou rapidamente, tomando alguns comprimidos para a pressão antes de receber uma nova remessa de suéteres Missoni. Esse tipo de comportamento vulgar era totalmente inadequado a uma dama e portanto não era nada Bergdorf, mas não havia muito que ela pudesse fazer. Serena van der Woodsen abrira uma conta na Bergdorf quando tinha sete anos e era uma cliente leal desde então. E é claro que era bom ver que ela se sentia tão à vontade na loja.

Nate começou a chorar assim que acabou. O efeito do Viagra passara bem a tempo.

— Eu nem acredito que você vai usar um desses — murmurou ele, tirando a saia de um dos terninhos de baixo de sua bunda nua.

— Bom, eu ainda nem experimentei. — Serena deixou a cabeça tombar para trás, fechando os enormes olhos azuis escuros enquanto Nate apertava o rosto encharcado no cabelo dela. Era doce e meio feminino da parte dele chorar depois de ter transado, e Serena de repente percebeu que ela era o lado mais forte e mais “masculino” da relação. Pelo menos eles finalmente conseguiram. Agora eram autenticamente um casal.

Mais ou menos um casal.

— Eu já tenho um vestido Tocca amarelo que gosto de verdade, talvez eu possa descolorir ou coisa assim — continuou ela distraída.

E então a mente de Nate também começou a vagar, para o trabalho final de história.

E vem me falar de multitarefa!

Ele estava escrevendo sobre as origens do lacrosse, mas será que o professor de história, o Sr. Knoeder, vulgo Sr. Sem Pau, acha que é politicamente incorreto ou sei lá o que escrever sobre um esporte dos antigos índios americanos sem lidar com a política de como os índios foram tratados no tempo da colônia e essas coisas? Afinal, Nate ia para Yale no ano seguinte para *jogar* lacrosse, e não para se tornar uma espécie de *historiador* do lacrosse.

É óbvio.

Ele se apoiou no cotovelo e puxou um lenço de sua bolsa de lona azul-marinho Jack Spade. Já estava acostumado a carregar lenços.

— Talvez a gente devesse ter ido à Bendel's para procurar por um vestido lá — disse Serena, passando os dedos nos botões de um dos terninhos.

Não... as cabines de provas de lá não eram assim tão grandes.

olha b morrendo e indo para o céu

Por que nunca na vida Blair havia entrado na loja de Oscar de la Renta na Madison Avenue, estava além da compreensão dela. A loja era baseada na casa do Sr. de la Renta na República Dominicana, com paredes de pedra coral dominicanas, palmeiras de estuque e uma vitrine de sapatos montada como uma passarela. Os trajes de noite estavam pendurados em uma enorme sala mobiliada com sofás de dois lugares da coleção de móveis de Oscar de la Renta. Que péssimo para Blair que ela não estivesse procurando por um vestido de baile de tule preta, ou ela teria agarrado Marcus e o puxado para um dos sofás de toile só para agradecer por tê-la levado ali.

— Olá, Marthe — Marcus cumprimentou a vendedora latina incrivelmente bonita que parecia uma amazona. Ela vestia uma saia bufante dourada e um suéter rosa-choque apertado de manga curta que era ao mesmo tempo retrô anos 1950 e ultramoderno.

No começo, os pêlos de Blair se eriçaram e ela começou a mostrar os caninos, mas depois ela percebeu rapidamente que ter ciúme de qualquer uma que fosse impossivelmente alta, curvilínea e linda seria uma total perda de tempo.

— A Srta. Waldorf está procurando por um vestido branco — explicou Marcus, colocando o braço em torno de Blair e apagando totalmente qualquer ciúme ou idéia irracional que ela tivesse, ou que viesse a ter.

Caraca, ele é bom *mesmo*.

Marthe assentiu com seriedade e os levou a uma arara de vestidos brancos maravilhosos que ficariam estonteantes em Martha, mas que Blair já sabia que a deixariam parecida com uma gorda nanica sem curva nenhuma. Ela estava prestes a protestar, mas Marcus — Deus o abençoe — já entendera tudo.

— Que tal um daqueles terninhos? — perguntou ele, andando para passar o dedo em uma primorosa saia pregueada de cetim branco. A saia fazia conjunto com um casaco de cetim branco ajustado que exibia o mais perfeito cinto de couro na cintura, adornado com uma elegante fivela de couro branco.

— Você tem o corpo perfeito para estes conjuntos — declarou Martha num maravilhoso sotaque. Ela andou até a arara e escolheu três dos terninhos para Blair experimentar. — E você é tamanho M, eu tenho certeza.

— Talvez ela seja até P — replicou uma voz masculina sonora de trás deles.

Blair girou, o coração já alvoroçado por ser confundida com tamanho P, e quase sufocou na própria saliva quando viu quem era. Parado a alguns metros dela estava o próprio Oscar de la Renta, vestido num terno perfeitamente cortado, uma camisa branca engomada e uma gravata rosa, a linda cabeça careca parecendo ter sido lubrificada com azeite, as sobranceiras grisalhas ardentes. Blair o vira centenas de vezes nas páginas das

revistas de moda e nas colunas sociais, mas nunca pessoalmente. E, para um velho, ele era suntuosamente sexy.

— Ah, Sr. de la Renta — Marthe cumprimentou o chefe com um sorriso caloroso. — A Srta. Waldorf vai vestir bem um de seus terninhos, não é?

O Sr. de la Renta olhou Blair de cima a baixo e depois abriu um sorriso de apreciação.

— Muito bom — concordou ele. Ele se virou para Marcus. — Senti falta de sua mãe em Milão.

— Oi, tio Oscar. — Marcus deu um sorriso largo, avançou um passo e abraçou o estilista, envolvendo-o num abraço afetuoso. Blair quase vomitou no lindo chão.

Tio Oscar?

Marcus sorriu e depois tocou o braço dela.

— Ele não é meu tio de verdade, mas bem que poderia ser. Minha mãe só usa as roupas que o tio Oscar faz para ela.

Quem poderia culpá-la?

Pela primeira vez, Blair ficou sem fala. Ela se sentia exatamente como a Dorothy de *O mágico de Oz* quando acorda depois do ciclone no Kansas e descobre que está em Munchkinland, diante de Glinda, a bruxa linda e boa. Só que Blair não era nem de longe tão gorda quanto Judy Garland. *Ela* era tamanho P!

— Por aqui, Srta. Waldorf — instruiu Marthe, levando-a para uma grande sala de provas com cortina verde-jade. Ela pendurou quatro terninhos nos cabides dentro da sala — dois em tamanho M e dois P.

— Não se preocupe, eu ajusto — disse o Sr. de la Renta atrás delas. — Só preciso encontrar minha fita métrica.

Blair estava convencida de que estava sonhando, então o que quer que o Sr. de la Renta dissesse estava ótimo para ela. Marthe a ajudou a vestir a saia P, que se ajustou nela como um sonho, mas assim que ela passou os braços nas mangas do casaco P, ficou claro que os ombros iam ficar apertados demais. Marthe trocou para o M, afivelou o cinto de couro fino e depois abriu a cortina.

Tan-tan!

Blair pôs as mãos nos quadris e saiu da sala de provas como uma modelo na passarela, sibilando a saia pregueada de um lado a outro, um enorme sorriso colado na cara. Por que ela não pensou em usar um terninho desses antes? Não que *houvesse* muitos terninhos assim. Era ao mesmo tempo elegante e vulgar — totalmente chique mas, sobretudo, exclusivo.

— Diabos — disse Marcus à meia-voz. — Você está sensacional.

E você também!, Blair quase berrou. Não só Lorde Marcus era lindo e um aristocrata de tirar o fôlego como era amigo do estilista de moda mais maravilhoso do universo.

O Sr. de la Renta franziu o cenho e sacudiu a fita métrica.

— A cintura está toda errada — disse irritado, puxando o casaco de Blair. — E o corpete está apertado demais. — Ele desfez o cinto e abriu os botões do casaco, arrancando-o dos braços de Blair. — Pode ficar com a saia, querida. Mas por favor, eu poderia fazer um casaco que caia bem?

Se ele poderia?

Blair queria que Serena ou suas outras colegas de turma entrassem ali e a vissem parada no meio da loja de Oscar de la Renta usando somente o sutiã La Perla rosa e uma das lindas

saias pregueadas do “tio Oscar”, sendo medida para a roupa de formatura pelo *próprio* Oscar de la Renta. Ela olhou para Marcus, que sorriu para ela e depois colocou a mão direita silenciosamente no coração, os olhos verde esmeralda brilhando de adoração.

Caramba.

Blair precisou se esforçar para não fazer xixi nas calças. Estava tão feliz, que nem tinha certeza se podia ficar de pé.

— Fique parada — instruiu o Sr. de la Renta ao levantar os braços de Blair e passar a fita métrica por seus peitos 36. Talvez fosse o fato de que estava cercada de homens lindos e roupas lindas, mas Blair teve o impulso ridículo de lambar a cabeça careca e sexy dele. Ela riu, cambaleando um pouco nos pés descalços enquanto ele passava a fita métrica para medir seus quadris. — Fique parada!

Ela fechou os olhos com força e fez o máximo que pôde para não se mexer, acreditando verdadeiramente que, quando abrisse os olhos novamente, ia descobrir que morreu e foi para o céu.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Open call

Caso você não saiba, aquele diretor de cinema indie esquisito, Ken Mogul, percebeu que ninguém sequer ia prestar atenção nele até que ele fizesse um filme que fosse um grande sucesso, e então ele está fazendo um. Ele também está na missão de descobrir a próxima estrela jovem do cinema, então está dando uma *open call* para o novo filme, *Breakfast at Fred's*, no restaurante de mesmo nome na Barneys neste sábado. O filme é um *remake* de *Breakfast at Tiffany's*, *Bonequinha de luxo*, com um elenco inteiramente de adolescentes. E adivinha quem vai ser a primeira da fila no teste? E adivinha quem não sabe atuar de jeito nenhum?

Mas adivinha só quem *sabe*??!

Hummm... Eles vão escolher a garota que definitivamente sabe como encarnar o papel mas não tem talento, ou a garota com talento que não é nada parecida com Audrey Hepburn? Parece um daqueles bordões vazios de *America's Next*

Top Model, meu programa de amor-e-ódio preferido de todos os tempos.

Internato de prestígio amplia o currículo de artes

Eu não ando com um monte de novidades? Então, para o caso de *alguém estar* interessado, a Waverly Prep, um colégio interno de prestígio no Upper Hudson Valley, está procurando por jovens e florescentes Picassos e Monets. Eles esperam um jorro de novos candidatos com talento artístico neste outono, mas nós sabemos de uma em-breve-segundanista sem-escola que simplesmente não consegue esperar por mais tempo. (Você não quer realmente ir para uma escola pública, quer, J?)

Dublês de celebridade

Britney tem um. Leonardo tem um. E até alguns dos freqüentadores do circuito da sociedade de Nova York têm um. Ao que parece, o estilista de moda Oscar de la Renta está em tal demanda nas festas em todo o mundo que manda seus clones às festas que ele mesmo não se importa de faltar, e à loja na Madison Avenue para manter a equipe atenta. Seus dublês são todos parentes dele, da República Dominicana, e alguns até têm o mesmo nome, então na verdade eles não precisam de muito esforço para fingir que são o primo famoso. Agora, se eu pudesse ter um dublê para ir a minhas provas finais, eu poderia me concentrar em descansar para as festas depois da formatura!

Técnico de lacrosse do St. Jude investiga roubo de Viagra

Este alerta veio na forma de um e-mail e me pegou de guarda baixa:

Cara Gossip Girl,

Por favor, informe a seus leitores que roubar é um problema grave. Quem quer que tenha pego meu vidro de Viagra — e eu tenho certeza de que foi um veterano de meu time de lacrosse — não vai se formar! Obrigado por sua ajuda.

Michaels

Alguma sugestão de como devo responder?

Flagras

S e **B**, as duas com sacolas enormes de compras, saindo da **Bergdorf Goodman** e da **Oscar de la Renta**, respectivamente. Imagino que elas tiveram sorte e acharam os vestidos de formatura de seus sonhos! Um **D** sem a cabeça raspada e mais-neurótico-do-que-o-de-costume comprando uma coletânea de poemas de amor de **Pablo Neruda** na **B&N**. Será que ele está no fio da navalha desta vez? Peraí, do que eu estou falando? Ele está sempre no fio da navalha. **V** no **CVS** no centro de **Williamsburgh**, comprando sabonete líquido bactericida Jergens. Todos esses banhos pré-transa e pós-transa — é preciso estar preparada. **J**, com o irmão, na livraria, lendo *The Best Public Schools in NYC*. Será que ela já desistiu do internato? Olhai, **J** — leia a nota anterior. Você ia ficar surpresa com

o que pode acontecer nas últimas semanas de aula. Gente pi-
rando, sendo jogada de um lado para outro. Você precisa ter
fé. É como aquela música do *West Side Story*: “Existe um lu-
gar para nós!...”

Vou parar agora e fingir que estou estudando para as provas
finais.

Vejo vocês na *open call* na Barneys no sábado de manhã —
quem *não* vai estar lá?

Pra você que me ama,

gossip girl

objetos refletidos no espelho estão mais próximos do que parecem

— Isso também é marrom? — perguntou Jenny Humphrey a sua às vezes melhor amiga, Elise Wells. Ela sacudiu uma escovinha de maquiagem Sephora na ponte de seu adorável nariz de botão algumas vezes. — Estou tentando reduzir o tamanho do meu nariz.

Como se não houvesse outra parte do corpo que *realmente* precisasse ser reduzida.

— Que nariz? — perguntou Elise. — Você quase não tem nariz. — Elise também tinha nariz pequeno, mas era arrebitado, o que era quase pior do que ter um narigão, porque ela era alta e estava sempre preocupada que as pessoas olhassem os pêlos e a meleca de seu nariz.

Pêlos e meleca do nariz, ai meu Deus!

Era o horário de estudos do último tempo e Jenny tinha ido ao banheiro do jardim de infância, que estava sempre vazio à tarde porque as alunas do jardim de infância iam para casa às duas horas. Os reservados eram mais estreitos do que nos outros banheiros da escola e as privadas só tinham 45 cen-

tímetros de altura, com assentos rosa-choque Hello Kitty. Até as pias eram mais baixas, com degraus de plástico rosa Hello Kitty diante delas e saboneteiras rosa-claro Hello Kitty. Toda a parafernália Hello Kitty fora doada por um pai de Tóquio que por acaso era *dono* da Hello Kitty.

— Já ouviu falar de uma escola chamada Waverly Prep?
— perguntou Jenny, passando blush vinho nos lábios e depois borrando com Vaselina, outra dica que aprendeu na TV com uma modelo/atriz de nome Lauren Hutton que era da mesma idade dela mas ainda assim linda o bastante para ser modelo da J. Crew.

Elise sacudiu a cabeça.

— É outro internato? — Elise não diria isso em voz alta, mas ela odiava a idéia de Jenny ir para um colégio interno e deixar a amiga sozinha no segundo ano da Constance Billard. Quem mais ia pedir rolinhos primavera com ela e receber o pedido bem nas portas azuis? Quem mais ia dizer a ela, delicadamente, que sua saia ficaria melhor *sem* pregas?

— Bom, acabo de saber que eles têm um novo programa de artes que é ótimo. Tipo assim, eles têm uma galeria de verdade que abrem ao público e os alunos organizam as exposições e tudo. Parece bem legal. É claro que a solicitação de matrícula devia ter sido feita, tipo assim, em dezembro, mas eu estava pensando que talvez eu pudesse mandar uma obra minha... — Jenny puxou o fecho de sua bolsa de maquiagem listrada de amarelo e rosa LeSportsac, vendo-se em um dos espelhos minúsculos e quadrados em cima da pia enquanto falava. Lauren Hutton estava certa. Seu nariz parecia menor. Se ao menos o cabelo escuro não fosse tão crespo e rebelde.

— É minha última chance. Se eu não conseguir entrar para lá, vou ter que ir para uma escola pública.

Deus me perdoe!

— Eu só queria não ter queimado todas aquelas telas... — acrescentou ela pensativa e roçou os lábios um no outro pela última vez.

Quando estava apaixonada por Nate, Jenny tinha pintado o retrato dele no estilo de cada um de seus pintores preferidos: Matisse, Picasso, Chagall, Monet, Warhol, Pollock. Os quadros eram vívidos e cheios de emoção, como se ela estivesse tentando invocar o amor que sentia nas telas. Mas quando Nate terminou com ela, Jenny ateou fogo nas telas numa lixeira de metal na calçada de seu prédio, queimando rigorosamente todas.

Elise arreganhou os dentes para o espelho, tentando tirar os restos da laranja que ela comeu no almoço com a unha do dedo mindinho que ela não pintava.

— É, mas você ia querer mesmo mandar para um internato todo um monte de pinturas de um cara que nem fala mais com você? — perguntou ela sensatamente.

Bom, pelo menos eles iam saber que eu consegui ter um namorado, retorquiui Jenny em silêncio, de repente preocupada com a blusa rosa Peter Pan de Elise e o modo como seu hálito sempre cheirava aos rolinhos primaveras da véspera.

Além disso, a Waverly parecia o tipo de escola que estava sempre evoluindo; não uma escola zoneada *per se*, mas uma escola que não tinha medo de experimentar uma novidade ou assumir o risco de aceitar alguém.

Tipo *ela*, por exemplo?

Elise parou de futucar os dentes e pegou a bolsa de maquiagem de Jenny, abrindo-a sem pedir permissão e destampando um tubo de brilho labial Stila lilás. Ela abriu bem a boca e começou a passar o gloss generosamente.

Quando realmente pensava no assunto, Jenny entendia que corria um risco com Elise. Primeiro ela não tinha amiga nenhuma, e agora tinha uma amiga, quer gostasse disso ou não.

— Você tem razão — refletiu ela, pegando de volta a bolsa de maquiagem e despejando o conteúdo em uma das pias baixas e pequenas. — Eu devia mandar alguma coisa nova à Waverly. Algo que eu não tentei antes. — Ela vasculhou o sortimento de delineadores, sombras e batons, procurando pela paleta favorita de sombra para os olhos Clinique de quatro tons de cinza em sua caixa de plástico verde. — Se importaria se eu pintasse seu retrato com isso? — perguntou ela à amiga, erguendo a paleta e sentindo-se repentinamente inspirada. Ela ia fazer Elise com sombra para os olhos, o pai com vinho tinto e Dan com... café instantâneo. Era inovador e significativo, e era melhor do que mandar à Waverly uma folha solta de sua estréia como modelo de sutiã ou seu primeiro aparecimento na Page Six.

Não que Jenny ainda não fosse a baladeira que procurava por uma escola que fosse uma zona, mas Serena van der Woodsen lhe ensinara uma lição muito importante: as baladeiras são mais inteligentes e têm mais profundidade do que parecem.

sossegue seu coração traidor

Vanessa estava sentada no chão da sala vestida somente com a camiseta preta SUGARDADDY NA HUNGRIA que a irmã, Ruby, tinha mandado de Budapeste, uma parada recente na turnê da banda, e uma cueca samba-canção listrada de cinza e branco de alguém — estava ficando difícil concatenar os dois. Ela tentava editar suavemente a entrevista pavorosa e engraçada de Chuck Bass, completa, com macaco, e com Kati e Isabel falando de como decidiram ir juntas para o Rollins College na Flórida, embora Isabel tivesse entrado para Princeton. Chuck vestia uma camiseta branca sem manga e apertada e estava passando bronzeador Bain de Soleil nos braços musculosos e artificialmente bronzeados enquanto explicava como ficava dourado o ano todo. Seu macaco continuava enroscado no colo, piscando estupidamente para a câmera com os olhos azuis apavorantes.

“Normalmente eu uso as camas de luz uma ou duas vezes por semana, ou uso este bronzeador maravilhoso Esteé Lauder para manter a cor legal o ano todo. Mas eu me pergunto... Por acaso você sabe se existe um bom salão de bronzeamento perto do Forte Lee?”

Isabel e Kati estavam deitadas de costas com as cabeças juntas — a cabeça brilhante e escura de Isabel e o louro crespo e arruivado de Kati — sorrindo para a câmera como irmãs que não eram nada parecidas.

“É tipo assim, como é que vou me concentrar em, tipo assim, Introdução ao Direto em Princeton, se minha melhor amiga no mundo todo foi para a Flórida sozinha?”, perguntou Isabel alegremente, os lábios tão cheios de brilho que estavam praticamente gotejando.

“E além disso, nós duas vamos perder cinco quilos neste verão com a Dieta de South Beach para ficarmos lindas em nossos biquínis xadrez preto e vermelho Shoshanna, que vamos usar todo dia!”, guinchou Kati toda animada, esperneando tanto que o uniforme listrado de azul-claro e branco subiu, revelando a calcinha de algodão branco Gap.

A maluquice era que quanto mais Vanessa repassava as entrevistas, mais se tocava de que ia realmente sentir falta dessas pessoas, mesmo sendo umas monstruosidades, e ela se perguntou se havia um jeito de fazer com que parecessem mais inteligentes e menos insanas.

Provavelmente não. E desde quando isso seria divertido?

Enquanto trabalhava, ela não conseguia deixar de se distrair com a idéia de que logo ali, depois da ponte de Williamsburg, o diretor de cinema indie Ken Mogul estava selecionando o elenco para o primeiro empreendimento comercial, *Breakfast at Fred's*, que seria rodado no restaurante Fred's na loja de departamentos Barneys na 60 com a Madison. Meses antes, Ken Mogul assistiu a um curta-metragem de Vanessa, que acidentalmente vazou para a Internet, e tentou contratá-la para

trabalhar com ele. Ele queria que ela largasse a escola e adiasse a faculdade. É claro que Vanessa disse não. Mas agora Ken Mogul estava em Nova York, fazendo um filme bem debaixo do nariz dela. Ela ia viajar de carro pelo interior com Aaron neste verão de qualquer forma, mas...

É meio tentador, né?

Alguém bateu na porta da frente.

— Oi! — gritou Vanessa antes de ver quem era. Aaron devia vir depois do ensaio da banda e tinha prometido levar comida tailandesa para o jantar e ajudá-la a estudar para a prova final de matemática. Devia chegar a qualquer momento, mas ele tinha a chave. Ela se levantou e espiou pelo olho mágico na porta. Não havia ninguém ali.

Ouvindo passos fracos ecoando na escada, ela semicerrou os olhos e viu a bunda magrela vestida-num-short-azul-marinho de Dan enquanto ele desaparecia na escada preta e suja a caminho do terraço. Ela se esqueceu de que ele também tinha a chave.

Vanessa já podia sentir o jato de adrenalina que sentiu da última vez em que Dan apareceu. Era ficar com ele que a deixava desse jeito, ou era a idéia de que Aaron podia entrar pela porta a qualquer momento e pegar os dois? Mas será que isso importava?

É óbvio que não.

Ela rabiscou um bilhete apressado para Aaron — *Fui na lavanderia* — embora já tivesse pego a roupa limpa na Wash 'n' Fold de manhã, antes de ir para a aula. Depois abriu a porta da frente e correu escada acima.

Dan estava deitado de costas no futon debaixo da caixa

d'água, vestido somente com a cueca samba-canção preta de algodão, folheando uma coletânea de capa rosa de poemas de amor de Pablo Neruda. Ao lado dele, em uma bandeja de estanho, quatro ostras do Zabar's e uma garrafa aberta de Merlot com dois copos térmicos. Quando ele viu Vanessa, imediatamente se sentou e começou a ler em voz alta.

Não se afaste, nem por um dia, porque...

Porque — não sei como dizer: um dia é tempo demais.

— Não acha que podia ligar antes de vir? — perguntou Vanessa, fingindo ficar furiosa, porque ela sabia que Dan ficava excitado quando ela estava puta. — Aaron vai aparecer, tipo assim, agora.

— Esse é um poema chamado “Desejo sua boca, sua voz, seus cabelos” — explicou Dan, olhando para ela com doçura. Ele serviu um pouco de vinho num copo e estendeu. — Quer?

Vanessa revirou os olhos e foi para o futon.

— Acho que sei o que você deseja. — Ela se sentou e tirou a blusa, a adrenalina bombando ainda mais agora. — Depressa — ordenou ela. — Aaron vai trazer meu jantar e depois tenho que estudar.

Os vizinhos nos prédios próximos ajustaram os telescópios. Tinham se mudado para o bairro porque o aluguel era barato. Quem diria que também teriam diversão ao vivo?

Quanto mais mandona e irritada ficava Vanessa, mais excitado e aflito ficava Dan, e mais ele a amava. Suas mãos tremeram e o suor se formou no lábio superior recém-barbeado. Ele estava inteiramente à mercê dela.

Na Broadway, Aaron ignorou o grupo de espectadores do outro lado da rua, todos encarando o terraço do prédio de Vanessa. Ele levava dois pratos de *pad thai* picantes e quentes em um saco de papel debaixo do braço, estava com vontade de fazer xixi, a porra do trem L estava tremendamente lotado e ele estava suando feito um porco. Só o que queria era entrar e tomar uma boa ducha fria. De preferência com Vanessa.

Ele encontrou o bilhete dela e rabiscou ali, *Estou no banho*. Depois deixou a porta da frente aberta para que ela entrasse com mais facilidade com a cesta de roupa limpa e ligou o som, berrando aquela música dos Raves que Dan Humphrey gravara com a banda — a única que era boa.

— *Me quebra feito um ovo!* — Aaron cantou junto, no chuveiro.

Três andares acima, Dan já estava enfiando os pés nas meias de novo. A música estava fraca mas era inconfundível.

— Acha que ele viu a gente? — Um pequeno arrepio percorreu o corpo de Vanessa com este pensamento. Meu Deus, que pervertida!

Dan engoliu rapidamente a última ostra.

— O que quer que eu faça? — perguntou ele, parecendo tão excitado quanto ela. *Está vendo como somos perfeitos um para o outro?*, pensou ele. Os dois ficavam totalmente excitados com o fato de que Aaron não sabia de nada. É claro que a traição era ruim e errada, mas é totalmente divertida quando você está completa e loucamente apaixonado pela pessoa com quem você traiu!

— Vou descer e distraí-lo — sussurrou Vanessa, embora o trânsito na ponte de Williamsburg fosse tão barulhento que ninguém podia ouvi-la. — Enquanto isso você vai embora.

Dan colocou a rolha na garrafa meio consumida de Merlot e tentou enfiá-la na bolsa de carteiro preta Manhattan Transfer.

— Quer que eu vá embora? — respondeu ele, frustrado. Ele se imaginou escalando a fachada do prédio como o Homem-Aranha com Vanessa pendurada em seu pescoço feito Kirsten Durst.

Como se isso um dia fosse acontecer, Sr. Braços de Macarrão.

— Pode deixar isso aqui. — Vanessa apontou o vinho. — Nós vamos tomar depois.

Nós significava ela e Dan, ou ela e Aaron?

— Tá legal — respondeu Dan, entendendo que Vanessa estava prestes a descer e fingir que não tinha estado ali. Meu Deus, como Vanessa era inteligente. E tão durona e fria quando estava sob pressão. — Boa sorte nos estudos desse fim de semana.

Vanessa deu um tapinha na bunda dele.

— Eu te ligo — prometeu ela antes de correr para baixo. A porta para o apartamento estava aberta e Aaron estava no banho.

Vanessa tirou a roupa pela segunda vez em 15 minutos.

— Oi — ela o cumprimentou, puxando a cortina do box.

— E aí. — Aaron sorriu e estendeu a mão ensaboada para ajudá-la a entrar.

Dan desceu a escada devagar e na ponta dos pés, lendo Neruda para si mesmo, as mãos suando enquanto tentava entender se o que acabara de acontecer era insanamente excitante ou insanamente ultrajante.

...Nesta parte da história sou eu quem morre...

O problema com os poetas como ele é que eles sempre pecam pelo negativismo.

adivinha quem vem para o café-da-manhã no fred's?

No sábado de manhã, a fila de meninas bonitas passava pelas portas da frente da Barneys, subia a Madison com a 61 e virava a esquina para a Quinta Avenida. A maioria estava de tubinho preto sem mangas, sandálias pretas sem salto e óculos de sol pretos grandões, tipo Jackie Onassis. Serena vestia seu novo jeans preferido True Religion.

Típico.

De algum jeito, ela conseguiu ser uma das primeiras meninas da fila. Talvez porque ela e Nate não tivessem realmente ido dormir naquela noite — graças ao vidrinho de comprimidos que ele ficava tomando? — e ela ainda estivesse acordadíssima às cinco da manhã. Ela só pegou um *latte* duplo na deli e foi para lá, carregando o livro de francês, como se tivesse realmente de estudar alguma coisa.

Blair *era mesmo* a primeira da fila. E, surpresa, surpresa, ela *era mesmo* Audrey Hepburn. O mesmo vestido preto Givenchy, o mesmo colar de pérolas, o mesmo corte de cabelo à france-

sa — com a ajuda de uma peruquinha — os mesmos óculos de sol enormes Chanel, as mesmas luvas pretas até o cotovelo. Lorde Marcus, sendo o doce e encantador gato que era, ajudou-a a se vestir e até teve a idéia de passar a noite em um carro alugado, estacionado na frente da Barneys, para que ela fosse a primeira da fila da *open call*. É claro que eles não conseguiram fazer grande coisa por medo de amassar a roupa de Blair, mas ainda assim foi divertido ficar de mãos dadas no banco traseiro e conversar sobre o futuro próximo, quando Blair seria uma estrela famosa de Hollywood.

— Eu serei seu laçao — propôs Lorde Marcus com o adorável sotaque inglês. — Vou abanar você com folhas de palmeira e servir seus coquetéis. — É claro que ele não dava a mínima para desistir de sua vaga no programa de pós-graduação em administração na London School of Economics, onde ia começar no outono. Ele faria qualquer coisa por Blair, qualquer coisa!

— E eu vou ter os melhores estilistas fazendo roupas para mim em cada cidade do mundo — fantasiou Blair com os rancos de nervosismo na barriga. Ela queria tanto esse papel que nem comera o dia todo, mas já era quase meia-noite e ela estava faminta. — Ou talvez eu peça ao tio Oscar para fazer todas as minhas roupas.

Um vendedor de cachorro-quente estava se preparando para a noite na esquina da 61 com a Madison. Será que Lorde Marcus ficaria apavorado se ela comesse um, de pé diante do meio-fio na frente da Barneys?

Não seria pior do que Audrey Hepburn comendo um bolo de um saco de papel diante da Tiffany's.

— Olha, querida, o jantar! — gritou Lorde Marcus, percebendo o vendedor e lendo o pensamento de Blair. — Fique sentadinha aqui e eu vou buscar um para nós.

Querida. Ela era a querida dele e ele buscava coisas para ela!

Então eles comeram cachorros-quentes Sabrett com mostarda e tempero e tomaram cerveja A&W, de mãos dadas, e cochilaram até que as pálpebras de Blair se abriram e viram Serena assomando na névoa do amanhecer com seus jeans perfeitamente relaxados e sem maquiagem nenhuma. Ela saiu às pressas do carro e colocou os óculos de sol Chanel nos olhos. De jeito nenhum aquela vaca loura ia roubar seu papel neste show.

E pouco importavam as outras centenas de candidatas a atriz que estavam começando a aparecer para o teste.

Agora eram quase oito da manhã e o teste ia começar. Era uma manhã de maio incomumente quente e úmida e as duas meninas estavam paradas no início da fila, abanando-se com a folha das falas que os assistentes de Ken Mogul lhes deram e que elas já haviam decorado.

Por fim Serena não agüentou mais.

— Mas como está quente. — Blair não respondeu, então Serena estendeu a mão e tocou no braço nu de Blair. — E aí, aquele cara com quem você está saindo... Ele parece bem legal — aventurou-se ela, sem-jeito.

Blair queria ser mais alta para poder olhar Serena de cima com a severidade de um falcão, e assim Serena nunca mais tentaria falar com ela. Mas que pena, ela era quase 15 centímetros mais baixa do que Serena, em especial porque estava

usando as sandálias sem salto tipo Holly Golightly exigidas para a ocasião.

Ela estava prestes a dar uma resposta curta e extremamente grossa quando percebeu uma coisa surpreendente. Ela nem se importava mais com Serena e Nate. Blair tinha a versão de Nate mais bonita, mais alta, mais refinada, de melhor família e britânica, e ela estava perfeitamente feliz com ele, muito obrigada. Na verdade, só para provar como estava de bem com tudo, eles bem que podiam ser amigos — os quatro.

Ela puxou os enormes óculos de sol Chanel para a cabeça e deu um sorriso reluzente para a ex-amiga.

— E se depois disso nós quatro tomássemos um drinque no Yale Club? Eles têm um estar ótimo. Parece um bar de hotel de um filme antigo ou coisa assim. Você ia adorar.

— *É mesmo?* — Serena arfou, perguntando-se se podia estar sonhando. Será que Blair realmente convidara a ela e Nate para tomar um drinque com ela e o namorado novo?

— Desculpe por fazê-las esperar, senhoras. Muito bem, Blair Waldorf, você é a primeira — anunciou um magricela em seus vinte anos com um corte de cabelo mullet de *hipster* e jeans Diesel desbotados enrolados até os joelhos.

Blair baixou os óculos de sol no nariz.

— Boa sorte — disse Serena fraquinho, ainda sem ter certeza se elas estavam realmente se falando.

O cara do mullet conduziu Blair para dentro da loja — felizmente tinha ar-condicionado! —, passando pela seção de cosméticos, até os elevadores. A Barneys só abria às dez horas no sábado, então estava estranhamente silenciosa. É claro que Blair passou tanto tempo ali que podia ter encontrado o ca-

minho para o Fred's de olhos vendados, mas isso não era o bastante para conseguir seu papel.

Fred's, o famoso restaurante da loja, ficava no nono andar. Comprido e estreito, com janelas em toda uma parede dando para a Madison e um bar pequeno e moderno, era o tipo de restaurante que, dada sua popularidade, era surpreendentemente pouco espetacular. O que o tornava espetacular era sua clientela — as Holly Golightlys dos dias de hoje e suas mães ou relações públicas que moravam na Park Avenue, todas vestidas de Chanel ou Prada, tomando vinho branco e comendo salada enquanto se preocupavam se outra pessoa compraria o último par de botas de salto agulha e cano alto Costume National que elas viram quando subiam para o restaurante.

Mas naquele exato momento o restaurante estava vazio, a não ser por Ken Mogul e sua equipe. O diretor estava de pé junto ao balcão do bar, os notórios olhos azuis esbugalhados injetados de cansaço, dando orientações sobre a iluminação a um bando ruidoso de louras da equipe com idênticos vestidos pretos. Ele exibia uma barba avermelhada curta e espetada e não tinha bigode — o que nunca era um bom visual — e cabelo ruivo crespo na altura do ombro. Sua jaqueta de couro estilo anos 1980 tinha ombreiras enormes e a calça Levi's era apertada demais — o que também não era bom. Blair nunca o vira antes e achou que ele podia ser alguém da equipe até que ele se dirigiu a ela.

— Bom, você certamente *se parece* com a personagem. — Ele apontou para uma das banquetas de couro preto e cromo do bar, gesticulando para ela se sentar. — Mas este é um *remake* completo, você sabe disso. Estou tomando algumas liberda-

des. Por exemplo, a Holly pode não ter cabelo castanho. E ela pode ser alta.

Que jeito de irritar uma morena que sempre se irritou com muita facilidade!

Blair tinha levado três horas para se vestir, então ela decidiu ignorar o insulto. Ela dobrou a folha de papel que recebera para ler e a enfiou na bolsa, em parte para impressionar Ken Mogul com o fato de que ela já decorara as falas, e em parte para mostrar que suas plumas não se arrepiavam tão facilmente. Depois sentou-se na banquetta e cruzou as pernas com a graça de bailarina de Audrey Hepburn.

— Não vou te dar orientação alguma — assinalou Ken Mogul. — Só faça do seu jeito, tá legal? Então... ação!

Blair tinha procurado Ken Mogul no Google e descobriu uma tonelada de artigos sobre como ele se considerava o “antidiretor”, e como os atores odiavam trabalhar com ele porque ele só os encarava sem os dirigir. Ele devia se achar terrivelmente de vanguarda ou coisa assim. Bom, para ela, tudo bem, porque ela não precisava ser dirigida — ela *era* Audrey Hepburn no papel de Holly Golightly 24 horas por dia.

Ela pegou em sua bolsa Chanel fina de cetim preto um cigarro e a comprida piteira de ébano e madrepérola que encontrara em um antiquário em Rhode Island dois verões antes.

— *Como* vai? — ronronou ela, parecendo exatamente Audrey de seu jeito mais charmoso. Ela acendeu o cigarro e soprou uma fumaça delicada sobre a cabeça de Ken Mogul. Depois deu aquele sorriso sonhador e distante que era a marca registrada de Audrey. — Você não *adora* isto aqui? Não é *maravilhoso* acordar e saber que este lugar está *bem aqui*, todo dia? É meu *paraíso* absoluto.

Blair esperou pela resposta de Ken. Aquelas eram as únicas falas que lhe deram e ela poderia dizê-las com tanta perfeição, mesmo que as dissesse para si mesma.

Ken Mogul cobriu os olhos esbugalhados com a mão e depois a tirou num jogo estranho de esconde-esconde. Ele encarou Blair por um momento mais longo e depois gritou:

— Próxima!

Blair desceu da banquetta e saiu com graça do restaurante até onde Lorde Marcus esperava por ela, perto do elevador. Ele a recebeu em seus braços fortes, competentes e aristocratas.

— Você estava deslumbrante — ele a tranqüilizou. — Eu fiquei vendo da porta.

Blair colocou o rosto no peito dele, ainda no personagem.

— Eu amo isto aqui — suspirou ela sonhadora.

As portas do elevador se abriram e Serena e Nate saíram.

— Boa sorte! — disse Blair com generosidade. Ela deu outro trago no cigarro na piteira e abriu um sorriso sereno para Nate. Ele retribuiu com um sorriso amarelo, os olhos meio avermelhados, como se estivesse chorando, ou, mais provavelmente, extremamente chapado. Mas de onde Blair estava, com o corpo apertado no lorde gato britânico, esta não era de jeito nenhum uma preocupação dela.

Depois Lorde Marcus a beijou na cabeça, provocando-lhe um pequeno arrepio pela coluna. A porta para o banheiro das mulheres ficava bem diante deles. Ela pegou a mão dele e o arrastou para lá.

Nada melhor do que uma pequena sessão de amassos antes do café-da-manhã.

s tem que dizer as falas duas vezes

Serena estava preocupada porque achava que devia ter se vestido como as outras meninas. Será que o diretor ia pensar que ela não estava se esforçando o bastante porque não tinha pérolas e um tubinho preto? Além disso, ela era loura e ossuda, era alta e não se parecia nada com Audrey Hepburn. Na verdade, agora que ela pensava no assunto, ela nem devia estar tentando o papel.

Tarde demais.

— Ah, graças a Deus — exclamou Ken Mogul quando a viu. — Vai em frente. *Ação*.

Serena não procurou Ken Mogul no Google e não sabia nada de seu estilo de direção, mas ela sabia o que significava a palavra *ação* e, no minuto em que a ouviu, começou a fazer sua parte.

— Como vai? — cricrilou ela toda animada, erguendo a mão a um *bartender* imaginário. Ela se sentou e depois girou na banquetta do bar, rindo e balançando as pernas com satisfação. — Você não adora isso aqui? Não é maravilhoso acordar e saber que este lugar está bem aqui, todo dia? É meu paraíso absoluto!

Ken Mogul fez de novo o troço esquisito de esconde-esconde com as mãos. Ele olhou para uma das louras que pareciam suecas, agarrou o par de óculos de aviador que ela trazia na cabeça e os atirou a Serena.

— Faça de novo com isto aí — ordenou ele.

Serena fez o que ele mandou, perguntando-se se era bom ou ruim que Ken Mogul tenha fechado os olhos quando ela começou a falar.

— Próxima! — gritou ele, dispensando-a.

Nate esperava perto do elevador, um lenço molhado amassado no punho.

— Minha mãe me trouxe aqui para comprar meu primeiro terno de verdade — disse ele a Serena, o lábio inferior tremendo. — Depois fomos tomar sorvete de creme e ela me levou ao zoológico no parque. Tinha cheiro de amendoim.

— Ai. — Serena o abraçou e lhe deu um beijo na orelha. — Olha, acho que sei de um jeito de te animar. — Depois do incidente do Viagra na Bergdorf na terça-feira, Serena pensou que Nate ficava basicamente excitado a qualquer hora, em qualquer lugar. Ela apontou para o banheiro das mulheres.

Nate hesitou. Tinha fumado um baseadinho quando acordou e deixara o Viagra em casa. Além disso, todo esse choro era muito cansativo. Ele realmente não estava no espírito.

A porta do banheiro das mulheres se abriu e Blair e aquele gato de cabelos cor de areia saíram de mãos dadas.

— Como vai? — Blair gesticulou com a piteira vazia numa imitação exagerada do papel que as duas tinham acabado de fazer. Ela riu. — Vocês não querem beber alguma coisa?

— Definitivamente — disse Serena ansiosa.

É claro que eram só dez e meia de uma manhã de sábado, mas as futuras Audreys do mundo claramente sabem como se divertir.

Lorde Marcus apertou o botão do elevador e as portas se abriram.

— Espera! — gritou uma das louras de vestido preto da equipe de Ken Mogul. O coração de Blair deu uma parada. Certamente iam lhe oferecer o papel agora mesmo e mandar as outras meninas para casa. Mas a garota olhava para Serena.

— Êpa! — Serena corou, tirando os óculos de aviador da cabeça e devolvendo-os. — Mas que clepto que eu sou!

A garota pegou os óculos e depois ficou na ponta dos pés para sussurrar no ouvido de Serena. Blair observou, concentrada, enquanto Serena assentia, ouvindo em silêncio. Depois a garota saiu para passar seus óculos de sol a outra esperanças Holly.

Blair mordeu o lábio, quase tirando sangue. A necessidade de saber o que a mulher tinha sussurrado para Serena a estava matando, mas ela se obrigou a não perguntar e Serena decidiu não contar. A idéia de que elas estivessem meio que se falando de novo era tão tênue e tão nova, que nenhuma das duas queria estragar tudo.

E além do mais, Lorde Marcus só tinha visto o melhor do comportamento de Blair. Ela não podia bancar o *Exorcista* e pirar na frente dele agora, ou ele ia fazer as malas e voltar para o Reino Unido no tempo que levava para dizer “Maldição”.

Serena pegou a mão de Nate e deu um apertão excitado, mal conseguindo guardar o segredo para si mesma.

— Vamos tomar um porre.

— Bravo, bravo! — concordou Lorde Marcus.

Blair sequer vacilou ao ver Serena e Nate de mãos dadas. Ela sempre quis fazer parte de um quarteto; sempre pensou que seria ela e Nate e Serena e alguém. Ela olhou para os lindos olhos verdes-campo-de-golfe de Lorde Marcus e ele se abaixou e a beijou com ternura na ponta do nariz.

Nate nunca teve essas demonstrações públicas de carinho. E de qualquer forma, o que havia assim de tão especial em Nate?

homens serão sempre homens e mulheres serão sempre mulheres

— Eu ouvi falar de você. Você é o cara que vai ficar no meu lugar no time de lacrosse de Yale. Com licença, senhoras. — Lorde Marcus estendeu a mão por sobre Blair e Serena para apertar a mão de Nate no banco traseiro apinhado do táxi enquanto ele disparava pelo asfalto quente da Park Avenue. — A treinadora disse que você era um doido com um bastão. Essa é uma maneira de colocar as coisas.

Nate esperava que Lorde Marcus não adivinhasse que ele andara chorando. Agora seria uma boa hora para tomar outro Viagra, só para dar uma sacudida no ego e impedir que as lágrimas caíssem. Se não tivesse aqueles efeitos colaterais irritantes, ele tomaria todo dia.

Tipo o quê, as ereções? Mas isso não é efeito colateral, é a grande questão!

— Então Yale é, tipo assim, muito pesada ou o quê? — perguntou Nate, porque era a única coisa em que pôde pensar em dizer. Blair estava com a cabeça no ombro de Lorde Marcus e parecia tão à vontade, que era meio perturbador e legal de ver

ao mesmo tempo. O cabelo escuro tinha crescido e parecia tão macio e brilhante que Nate quase podia senti-lo em suas mãos.

Ah, por favor. Não chore.

— Não é tão duro quanto a bunda da treinadora Heffner — brincou Lorde Marcus. — Ela nos contou de ter te furado com um garfo quando você tentou chegar nela.

Nate tinha bloqueado este episódio de sua mente e vacilou ao se lembrar.

— Eu não estava esperando uma treinadora, uma mulher — admitiu.

— Pode acreditar, nenhum de nós estava — respondeu Lorde Marcus com um sorriso astuto. Ele acendeu um Marlboro, mas o taxista baixinho e mirrado agitou a mão irritado, então ele atirou o cigarro pela janela.

— Vamos todos acender um cigarro e ver o que ele faz — cochichou Serena, ainda sentindo-se nas nuvens. Ela tirou quatro Merits Ultra Lights da bolsa de camurça preta Balenciaga e Lorde Marcus a ajudou a acendê-los com um isqueiro Tiffany de prata.

O motorista parou cantando pneu quando percebeu a fumaça.

— Saiam do meu táxi! — gritou ele, os punhos mirradinhos erguidos de raiva.

Lorde Marcus, sempre o inglês educado, começou a se desculpar, fingindo não saber que era ilegal fumar em táxis americanos. Mas eles já estavam na Park Avenue com a 57, perto da esquina do Yale Club, então saíram do carro.

Mas que visão: uma morena adorável vestida exatamente como Audrey Hepburn em *Bonequinha de luxo*, dois rapazes

elegantemente vestidos de olhos verdes que jogavam lacrosse e uma linda e arrasadora loura de jeans. O código de vestimenta do Yale Club proibia jeans, mas Serena estava tão linda daquele jeito que ninguém se importou. Assim que entraram no saguão grande e neoclássico do clube, todos os ex-alunos de meia-idade de Yale, com seus ternos J. Press, pararam de falar de negócios e desligaram seus celulares BlackBerry. Ah, ter 17 anos e ser irresistível!

Como se algum deles um dia tivesse sido irresistível.

Lorde Marcus levou Nate a seu quarto para mostrar alguns troféus de lacrosse que só Nate apreciaria, enquanto Blair levou Serena ao estar do clube, onde elas se acomodaram no elegante balcão do bar com seu teto dourado, piso de madeira encerado e painéis de madeira escura. É claro que elas estavam acostumadas a sair o tempo todo, mas ainda parecia extremamente adulto ficar no bar de um clube privativo numa manhã de sábado, em especial quando elas deviam estar grudadas em seus livros didáticos, estudando para as provas finais, que começariam na segunda.

— E aí, o que vai dizer no discurso de formatura? — perguntou Serena a Blair. — O que diz mesmo aquele livro do Dr. Seuss... Sabe qual é, aquele que todo mundo sempre cita?

Blair revirou os olhos. Ela *não* ia citar nada daquele livro.

— Ah, *Os Lugares Para Onde Iremos!*

O bartender de gravata-borboleta trouxe o primeiro drinque de Blair — um martíni Ketel One com uma azeitona. Ela tomou um gole e depois enfiou um cigarro na piteira. Estava gostando tanto de toda essa história da piteira que pretendia

usá-la direto até que *Breakfast at Fred's* saísse e todas as meninas comessem a copiá-la.

Daí a diferença entre estar na moda e criar moda.

— Na verdade, vou escrever sobre procurar o que você quer e conseguir — declarou ela, soprando fumaça por sobre a cabeleira loura clara de Serena. — Nunca pensei que ia conseguir absolutamente tudo o que queria. Mas continuei tentando, de qualquer forma, e agora tenho. *Tudo*.

Serena assentiu.

— Sei o que quer dizer. — O *bartender* trouxe seu gin fizz Tanqueray e ela tomou alguns goles inseguros, perguntando-se se devia contar a Blair agora que quando a assistente de Ken Mogul cochichou no ouvido dela, ela pediu a Serena para voltar para um segundo teste. Mas as coisas estavam indo tão bem com a Blair neste momento, que ela não queria estragar tudo. Além disso, mesmo que lhe oferecessem o papel, ela não tinha certeza se o queria. Ela tentou pensar em outra coisa para dizer, algo sobre conseguir o que sempre quis, embora ela nunca quisesse realmente nada, as coisas simplesmente caíam no colo dela. — Estou tão apaixonada por Nate — soltou ela, tentando parecer tão emocionada com o modo como as coisas estavam rolando quanto Blair.

Blair acendeu o cigarro de Serena. Como seria fácil atear fogo por acidente nos longos cílios de Serena. Ela olhou o salão, tentando decidir se deixaria que seu mau gênio tomasse conta dela ou não.

Caraca, ela está *pensando* nisso? Será um ponto crítico na vida?!

Blair adorava o estar do Yale Club. O revestimento em folhas de ouro e os tapetes orientais o tornavam grandioso e

exclusivo, mas era mais confortável e menos enfadonho do que alguns dos outros salões do clube. O estar era o lugar perfeito para escapar do calor. E combinava com seu vestido.

— Logo, logo vamos todos estar em Yale — refletiu ela.

As duas meninas se encararam, os olhos azuis duros, tentando concluir se isso era bom ou ruim.

— E podemos pegar o trem para a cidade e ficar aqui, e nossos pais nem vão saber que estamos em Nova York!

Isso parecia divertido.

— Seria um ótimo lugar para dar uma festa — replicou Blair, decidindo ser uma pessoa legal. Ela pestanejou, perguntando-se por que não tinha pensado nisso antes. É claro que significava que haveria um monte de penetras, outras veteranas estúpidas de outras escolas que ela nem conhecia, e segundanistas que pensavam que eram descoladas, agora que seriam veteranas no ano que vem. Mas ela era oradora da turma da Constance Billard. Fazia perfeito sentido que desse uma festa de formatura, *a* festa de formatura.

Ela deu um abraço rígido em Serena, mal conseguindo evitar que a piteira erguida ateasse fogo no cabelo dela.

— Nós sempre temos as melhores idéias — murmurou ela, um pouco para si mesma e um pouco para a velha amiga.

Serena sorriu ansiosa, embora não soubesse a que idéias Blair estava se referindo.

— Não temos? — concordou ela.

Nate tinha trazido alguns baseados já enrolados. Ele e Lorde Marcus se acomodaram confortavelmente na suíte com papel de parede dourado e branco, o ar-condicionado bombando enquanto ficavam deitados de costas na cama

king-size cor de abacate, fumando e trocando segredos sobre a Blair.

Tá vendo, os homens são mesmo piores do que as mulheres.

— Ela fica toda amuada quando você chega nela e depois reclama quando você não vai — queixou-se Nate, sacudindo a cabeça. — Eu nunca entendi isso.

— Mas desde que você deixe claro que ela é irresistível, ela não pode criar caso — assinalou Lorde Marcus. — Isso é fundamental.

Nate virou a cabeça para olhar o rapaz mais velho através de uma nuvem de fumaça de maconha. Ele conhecia Blair praticamente desde que nascera. Como é que esse cara, que só a conheceu agora, parecia entendê-la perfeitamente? Seria possível que ele e Blair fossem totalmente incompatíveis? Talvez eles realmente não combinassem muito bem.

Nate não conseguia pensar mais nisso sem ter uma forte crise de choro. Em vez disso, ele deu outro tapa e permitiu que sua mente ficasse oca.

— Estou pensando em pedir a Blair para ir à Inglaterra para me visitar no verão — refletiu em voz alta Lorde Marcus. — Contei a toda a minha família sobre ela e eles estão desesperados para conhecê-la. Ao que parece, meu pai conhece o pai dela. E minha mãe já nos vê casados.

Nate deu outro tapa. Não havia necessidade de ficar triste. Sua mente estava tão branca, macia e sem rugas quanto as fronhas de linho de 800 fios da cama de Lorde Marcus.

Lorde Marcus terminou seu baseado e se sentou, apagando-o elegantemente na sola dos sapatos cor de âmbar.

— As moças devem estar se perguntando onde nós estamos. — Ele deu um tapinha no ombro de Nate. — Vamos, então?

Nate se apoiou nos cotovelos e sacudiu a cabeça enevoada, como um cachorro. Uma lágrima errante saiu do canto do olho esquerdo e caiu por seu rosto. Ele a enxugou com raiva, mas outra começou a sair pelo canto do olho direito.

— Você está bem? — perguntou Lorde Marcus. — Precisa de um minuto?

Nate deu de ombros e depois o lábio inferior começou a tremer.

Lorde Marcus se sentou ao lado dele e pegou Nate nos braços.

— Calma, calma — murmurou ele. — Você vai ficar bem.

Esse não era o carinho gay fingido que Nate e seus amigos costumavam fazer para irritar um ao outro. Era pra valer: um abraço de irmão mais velho. Nate nunca teve irmão mais velho, nem irmão ou irmã nenhuma, e era exatamente de um abraço que ele precisava.

— *Mon père habite em France dans le Loire. Il aime des autres hommes. Il est un fag!* — guinchou Blair, e ela e Serena explodiram numa gargalhada.

— *Qu'est-ce que vou faites, mes cheries?* — disse Lorde Marcus enquanto ele e Nate se aproximavam.

— Estávamos conversando em francês. Tem uma parte oral na prova de francês avançado. Temos que conversar sobre nossa família por dez minutos — explicou Blair. — Usando todos os tempos verbais.

Serena revirou os olhos.

— É nisso que dá fazer o curso avançado. — Ela estreitou os olhos para os dois rapazes. — Ei, vocês dois estão chapados?

Nate sorriu timidamente.

— Mais ou menos.

— Seu grande idiota. — Serena o pegou e lhe deu um beijo na boca, transbordando de alívio porque ela e Blair estavam se falando novamente.

Blair ficou tão bem em ver Serena e Nate se beijando bem diante dela, que nem se mexeu. Segundos depois Lorde Marcus deslizou por trás dela e a abraçou sensualmente pela cintura — o tipo de gesto de marido e dono com que Blair sempre sonhou. Ele piscou para Serena.

— Sabia que *Serena* significa *sereia* em italiano?

— Sabia — Serena riu e depois olhou para Blair de um jeito que dizia: *Onde foi que você achou isso?*

Blair retribuiu o olhar com um sorriso malicioso que era uma mistura de *Está vendo, eu te disse que tinha tudo* e *Pode tirar a mão, piranhuda*.

Nate lambeu dos lábios o gosto do gloss de baunilha MAC de Serena e depois virou o resto do gin fizz, os olhos nos pés perfeitos e levemente bronzeados de Blair. Alguma coisa no modo como eles ficavam naqueles sapatos pretos e sem saltos o deixou seriamente excitado.

Ainda bem que ele deixou o Viagra em casa.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Uma festa não-tão-privativa no Yale Club

Caso você esteja se sentindo excluído do festival de libertinagem noite-e-dia no Yale Club no sábado — eles certamente mantiveram os funcionários ocupados trotando para a Grand Central para procurar por mais Prosecco do Campbell Apartment e cheesecake da Junior's — uma certa futura aluna de Yale vai dar uma tremenda festa de formatura no clube na segunda que vem à noite. O Yale Club é estritamente para sócios, mas não tema. O papai da futura aluna pagou generosamente ao clube para manter as portas abertas a noite toda a qualquer baladeira bem-vestida que entre procurando por outras maneiras de festejar. É o jeito dele de se desculpar com a filha por não estar presente em carne e osso. Ai, que coisa doce.

Vamos esperar que ele não se esqueça de que ela também vai precisar de um jeito para chegar a New Haven no ano que vem. Vrum, vrum.

Depressão pós-café-da-manhã

Ken Mogul ou é extremamente exigente, ou extremamente cruel ou as duas coisas juntas. Rola um boato de que só quatro meninas foram chamadas para fazer um segundo teste para o papel principal de seu novo filme, *Breakfast at Fred's*. Outro boato diz que ele está colocando a irmã mais nova no papel de Holly Golightly e que a seleção de elenco do sábado era na verdade só para extras. Mas que desperdício de talento.

Um casamento arranjado

Todos ouvimos falar de que realeza britânica tem uma tendência aos casamentos arranjados. Muito problema e constrangimento é poupado quando ninguém precisa sair de fininho nem tem que se preocupar em apresentar a namorada socialmente inepta e mal vestida à mamãe, que por acaso é a rainha. Bom, de acordo com minhas fontes no Reino Unido, um certo gato inglês de sangue azul, que recentemente se formou em Yale e agora mora no Yale Club enquanto termina uns negócios — vulgo farra — em Nova York antes de voltar para casa no verão, é noivo de uma inglesa igualmente aristocrata desde que mal tinha dois anos de idade. Eu não vi uma foto dela, mas tendo testemunhado a rapidez com que ele pegou nossa B, aposto que não deve ter lá muito boa aparência e ele provavelmente também não está emocionado demais em se casar com ela.

Identificado ladrão de bens roubados

Não é que eu queira ser portadora de outras más notícias, mas meu amigo treinador vem me mandando e-mails regularmente — ei, quem deu esse link a ele?! — e ao que parece o ladrão de Viagra foi identificado e será castigado de acordo com seu crime. Será que isso significa que ele/ela não vai se formar?

Seu e-mail

P:

Cara GG,

Eu sei que não devia, mas eu meio que dedurei um dos meus amigos e agora estou preocupado que ele não se forme por minha culpa. Eu só pensei, antes ele do que eu, né?

— Idiota

R:

Caro idiota,

É, isso *foi mesmo* meio idiota. Mas você já sabe disso.

— GG

P:

Querida Gossip Girl,

Eu queria convidá-la pessoalmente a fazer um teste em meu novo filme. Você tem a atitude que estou procurando. Espero que também tenha a aparência. Quando vc está disponível?

— mogs

R:

Caro mogs,

Valeu a tentativa.

— GG

Flagras

B, S, N e Lorde M no **Cripriani Dolci** em frente ao **Yale Club**, tomando **Bloody Marys** no *brunch* de sábado. Eles certamente sabem como se preparar para as provas finais! **V** com **A** no **Sa-ab** vermelho dele, fingindo não perceber quando quase atropelaram **D** atravessando a Hudson a caminho de um cinema no **Angelika**. **D** voltava de um daqueles herbanários chineses na Canal Street, carregando um saquinho do que era anunciado como “Poção do Amor”. Ah, a teia emaranhada que tecemos. **J** sozinha nos Gristedes na 96 Oeste comprando uma meia-garrafa de vinho tinto e uma lata tamanho jumbo de cristais instantâneos de Folgers. Suas roupas e mãos estavam manchadas do que parecia sombra cinza para os olhos, café e vinho. Obviamente, ela está tão dedicada a sua arte que nem ousaram pedir a identidade dela.

Mais uma semana

Então é isso, meus amorezinhos — a reta final. Além das provas, que na verdade são só aborrecimentos banais, a escola praticamente acabou. Repita comigo: só mais uma semana até a formatura. Só mais uma semana até a formatura. Só mais uma semana até a formatura.

Boa sorte!!!

Pra você que me ama,

gossip girl

d escreve outra ode

Dan terminou a prova de inglês avançado com vinte minutos de antecedência e começou a reescrever o discurso de formatura sobre o amor nas costas de seu caderno de prova azul. Desta vez ele pretendia citar o poema de Robert Frost “A Estrada Menos Percorrida”:

*Diante de mim havia duas estradas;
Eu escolhi a menos percorrida
E isso fez toda a diferença.*

Mas as palavras pareciam estéreis e inteiramente batidas para ele, em especial no contexto da formatura. Além disso, nem ele nem os colegas de turma iam realmente escolher a estrada menos percorrida. Estavam se formando e iam direto para a universidade. E isso não era um tédio? A verdade era que nunca lhe ocorrera fazer outra coisa. Até agora.

Ele lutou com a idéia durante dias. Vanessa ficaria aqui em Nova York e ele estaria lá, em Olympia, no estado de Washington — do outro lado do país. O pensamento era insuportável

para Dan, embora ele ainda não tivesse certeza dos verdadeiros sentimentos de Vanessa por ele, em especial depois de ela dispensá-lo tão bruscamente na outra noite no minuto em que Aaron chegou em casa e de não ter ligado para ele durante todo o fim de semana.

Mas talvez fosse ele quem não tivesse sido claro. Ele já disse àquele professor meio maluco que decidiu não passar o verão trabalhando em Olympia. Por que não dar um passo além e anunciar a todos na formatura que ele não ia para a faculdade, e ponto final? Isso mostraria a Vanessa, e ao mundo, até que ponto ele estava disposto a ir — por amor. Ele escolheria a estrada menos percorrida.

Dan virou a página e escreveu as palavras *Ode sobre o Amor*, baseando seu novo poema naquele de seu poeta favorito, John Keats. Keats escrevia odes o tempo todo: “Ode à Psique”, “Ode sobre uma Urna Grega”, “Ode a um Rouxinol”, “Ode sobre a Melancolia”, mas nunca uma “Ode sobre o Amor”. Então por que não seria Dan a escrevê-la?

— Faltam 17 minutos — anunciou a Srta. Solomon. Dan olhou para as costas rígidas dos colegas de turma curvados sobre suas carteiras, as canetas trabalhando freneticamente enquanto o relógio preto de parede batia os minutos. Ele voltou a seu caderno azul. “Ode sobre o amor”. É claro que seu amor por Vanessa era misturado com uma forte dose de luxúria imortal. Mas como transmitir isso sem parecer pornográfico? Afinal, o poema devia fazer parte do discurso de formatura.

*Suas orbes brancas de leite,
Os travesseiros de sua barriga,
Coxas como bétulas.*

Eca, chega!

Ele desenhou um X grande nas palavras. *Os travesseiros de sua barriga?* Credo.

Exatamente.

Depois ele se lembrou dos versos de “Ode sobre uma Urna Grega”:

*Mais feliz amor! Mais feliz amor!
Para sempre aquecido e ainda a querer fruir
Para sempre ofegante e jovem
Acima de toda paixão humana
Que deixa um coração desconsolado e exausto,
A fronte incendiada e língua ressecada.*

Havia algum jeito melhor de dizer isso?

Provavelmente não.

Dan começou a desenhar a caixa d’água em cima do prédio de Vanessa, mas ele não era artista e sua caixa d’água mais parecia uma noz. Se ao menos ele pudesse usar o telefone durante as provas. Ele podia ligar para o escritório de administração de Evergreen e comunicar que não iria para lá.

Em vez disso, ele tentou refazer o segmento de abertura de seu discurso de formatura nas últimas páginas do caderno de prova.

Senhoras e senhores, obrigado por comparecerem à colação de grau deste ano da Riverside Preparatory School for Boys. Devem estar muito orgulhosos de seus filhos — tão orgulhosos que estão lhes dando exatamente o que eles queriam de formatura, não é? (Pausa para os risos.)

De qualquer modo, estou honrado por ser o orador da formatura deste ano. Gostaria de começar lendo um poema de Robert Frost.

Diante de mim havia duas estradas;
Eu escolhi a menos percorrida
E isso fez toda a diferença.

Esta é uma citação famosa para discursos de formatura. Sei disso porque procurei no Google. (Pausa para os risos.) Mas é irônica, porque quantos de nós realmente vai escolher a estrada menos percorrida? (Pausa para o silêncio atônito.) Bom, eu vou. E aqui está como vou fazer isso: vou seguir meu coração...

O pequeno cronômetro em formato de ovo da mesa do Sr. Solomon disparou.

— Baixem os lápis, por favor — anunciou ela.

Dan olhou para cima com uma expressão confusa. Como sempre, ele tinha extrapolado.

— Não terminou a prova, hein? — disse Chuck Bass rindo à esquerda dele. Os veteranos tinham permissão para quebrar o código de vestimenta nas provas e Chuck escolhera vestir uma camisa sem mangas Dolce & Gabbanna amarela que de certa forma era mais reveladora do que se ele estivesse de saia.

Dan olhou para ele. Seria possível ser morto em serviço enquanto você ainda está só na academia militar? Ele certamente esperava que sim.

A Srta. Solomon andou pela sala para recolher os cadernos azuis.

— Há algum problema, Sr. Humphrey? — perguntou ela, esticando o peito ossudo para ele através de seu vestido listrado preto e laranja estranhamente feio.

Dan franziu a testa.

— Posso arrancar as últimas páginas do meu caderno de prova? — perguntou ele, sem muita esperança de que ela permitisse.

A professora ergueu os ombros inadequadamente nus.

— Vá em frente.

Dan arrancou as páginas antes que ela mudasse de idéia, surpreso com a total falta de cretinice dela. Talvez a Srta. Solomon finalmente tivesse arrumado um namorado e estivesse ocupada demais devaneando com os finais de manhã do verão quente e sexy que se aproximava e o sexo vaporoso para se incomodar em ser desagradável com Dan.

Ah, até parece que ele *não estava* devaneando com finais de manhã e sexo vaporoso. Aliás, quem não está?

quem pode resistir a uma garota da page six?

A última prova final de Jenny era de biologia e ela ficou acordada a noite toda estudando. Núcleos, protozoários, osmose — ela sabia disso tudo. Ela respondeu às perguntas automaticamente, preenchendo os espaços sem parar e deixando as colegas de turma com uma inveja e tanto. A osmose era o processo em que os organismos assumem as qualidades do outro só por ficarem juntos. Bom, se funcionava com os organismos pequeninhos, por que não funcionaria com elas? Elas andaram com Jenny o ano todo e nem assim ficaram mais inteligentes.

E os peitos delas também não ficaram maiores.

Gostei do seu cabelo, escreveu com o lápis número dois Kim Swanson na beira da carteira de plástico cinza de Jessica Soames. *Dá pra ver a resposta de Jenny para a nº 21?*

Kim Swanson era a garota mais perfeitamente produzida do primeiro ano. Ela mantinha os cabelos, naturalmente castanhos claros, com luzes louras desde os nove anos e preferia blusas brancas Agnès B, perfeitamente passadas com seu uniforme pregueado cinza. Corria o boato de que até a calcinha

dela era passada a ferro, e ela nunca saía de casa sem maquiagem completa, uma pulseira de corrente Cartier de ouro e prata em cada pulso e os brincos de diamante Cartier não tão pequenos na orelhas. Ela passava tanto tempo se produzindo que dificilmente tinha tempo para estudar.

Peraí, escreveu em resposta Jessica Soames. Jessica era a piranha da turma desde a quinta série, quando ela ficou menstruada, e culminando na sétima série, quando ela perdeu a virgindade. Tinha o maior peito de toda a turma também — até Jenny florescer na oitava série, ultrapassando-a por três tamanhos. Jessica deu uma olhada sutil na carteira à direita dela, tentando ler as respostas da prova de Jenny. Mas Jenny já havia terminado e agora estava rabiscando em caligrafia em uma página em branco do caderno de prova.

Fracassada, escreveu ela em letras elegantes, pretas e cheias de voltas, e Jessica tentou não tomar isso como ofensa pessoal.

A verdade era que Jenny tinha escrito a palavra para descrever a si mesma. A primeira coisa que ela fez naquela segunda-feira de manhã foi mandar para a Waverly Prep por FedEx seu trio de incríveis novos retratos, todos emoldurados, mas agora era quinta-feira e ela ainda não tinha recebido resposta do escritório de admissão. Era a primeira semana de junho. Setembro ia chegar depois de três curtos meses, e ela não tinha escola para onde ir. Estava se aproximando calmamente do desespero.

Antes que elas se sentassem para fazer a prova, Elise lembrou a ela que Waverly também estava encerrando o ano letivo e provavelmente só ia receber o pacote que ela mandou depois que as terceiranistas se formassem. Mas Jenny não

engoliu nada disso. Ela obviamente perdera a oportunidade de ir para um internato. Sua única opção além da escola pública era arrasar nas provas e depois implorar à Sra. M para deixar que ela ficasse na Constance. Ela podia repetir o primeiro ano, cultivar sua reputação de nerd total, usar óculos grossos de aro de tartaruga e esticar os uniformes até os tornozelos. Não apareceria mais na Page Six. Não teria mais escapadelas na moda. Não ia mais namorar astros do rock. Nem teria nudez online.

Ai. Mas não era isso que tornava Jenny tão especial?

O problema era que ela já era uma aluna que tirava A direto. Como podia fazer melhor do que já estava fazendo?

Ocorreu a Jenny que talvez suas notas e sua nova obra de arte não fossem o suficiente. Por que não mandar à Waverly um exemplar da revista *W* em que ela aparece como modelo com Serena van der Woodsen e a Page Six que mostra uma foto dela beijando Damian, o guitarrista dos Raves, na calçada do Plaza Hotel?

E já que vai fazer isso, por que não mandar para eles uma mecha de cabelo? Ou um dos enormes sutiãs Bali?

Kim Swanson riu discretamente enquanto escrevia alguma coisa na carteira de Jessica Soames. Jenny baixou o lápis e pousou a cabeça nos braços, o cabelo escuro e crespo caindo em cascata em pequenos anéis por toda a carteira. Se ela mandasse a edição da *W* e o trecho da Page Six, seria o assunto da escola antes mesmo de ter chegado. Era uma forma de chamar a atenção das pessoas, mas depois todo mundo estaria tão cheio de idéias preconcebidas sobre ela que ela nunca conseguiria fazer com que mudassem de opinião. Melhor conqui-

tar sua reputação fazendo com que as pessoas dessem por sua presença depois de chegar lá.

À frente, ela teria um estranho verão em Praga com a mãe, comparecendo a algum famoso acampamento de arte tcheco — algo que ela se comprometera a fazer sob a influência de vinho Manischwitz demais. Seu pai a lembrou da semana passada, quando ela pensou que pelo menos ia ter o internato para ansiar no outono, mas agora ela não tinha tanta certeza.

— *Quatro, três, dois, um, só quatro dias para eu me formar!* — gritou animado um grupo de veteranas no corredor do lado de fora do laboratório de biologia. Depois a sineta tocou e as colegas de Jenny atiraram os lápis no ar e começaram a se abraçar e assinar livros do ano. Até Elise foi pedir a assinatura de Kim Swanson em seu livro do ano, e ela desprezava Kim desde que a menina espalhou o boato horroroso de que Elise nascera deformada e retirou uma corcunda quando tinha dois anos.

— *Summertime* — começou a cantar Roni Chang em seu falsete treinado no coral — *and the living is easy!*

Jenny queria poder compartilhar dessa empolgação. Afinal, era a última prova que fazia. Ela passara de ano! Três longos meses de verão esperavam por ela na Europa e as possibilidades eram infinitas. Mas de certa forma ela não tinha vontade de gritar nem de assinar o livro do ano de ninguém, embora sua letra fosse melhor do que a delas.

Agora ela entendia como as veteranas devem ter se sentido durante todo o inverno enquanto esperavam pela resposta das universidades. Ela fez tudo o que podia. Seu destino estava nas mãos de outra pessoa.

uma cola em nome dos velhos tempos

Blair e Serena se sentaram lado a lado junto à comprida mesa preta do laboratório de química, respondendo a sua última prova final. As alunas de química avançada tinham sido acomodadas entre as alunas de química regular e estavam fazendo uma prova diferente, então não devia importar que as meninas estivessem praticamente se acotovelando. Constance Billard preferia pensar que suas alunas estavam além das colas, mas a verdade era que elas colavam o tempo todo. Blair e Serena não eram exceção.

Molaridade se 5,827g de NaCl é diluída a um volume de 100 ml? Serena escreveu na face interna do antebraço com lápis número dois. Ela bocejou e se espreguiçou, deixando que o braço caísse na beira do caderno de provas de Blair.

$$n = 5,827\text{g}/58,4425$$

$$n = 0,09970 \text{ mol de NaCl}$$

$$M = 0,09970 \text{ mol} / 0,100 \text{ L}$$

$$M = 0,9970 \text{ molar}$$

Blair escreveu a resposta na capa interna do caderno azul de prova. *O que vai vestir na segunda?*, escreveu ela depois disso.

Por que segunda?, escreveu Serena antes de copiar a resposta que Blair lhe dera. Seria possível que Blair já soubesse que ela foi chamada para um segundo teste?

Formatura — dāāāā?!, escreveu Blair apressadamente.

Serena encarou as palavras que Blair havia escrito. Era tão típico dela não ter percebido seu erro. O segundo teste seria na segunda-feira — e a formatura também. Seus pais iam estar lá. Erik, o irmão, tinha adiado os planos de passar o verão esquiano na Nova Zelândia com Liesl, a gostosona-da-semana, para poder estar lá. E Blair ia fazer o discurso.

Êpa.

Não precisa me contar se não quiser, escreveu Blair, antes de correr pelas duas páginas seguintes da prova.

Serena a observou com admiração. Blair merecia totalmente ir para Yale. Era uma fera quando se tratava de provas. A luz do sol entrava pelas janelas do laboratório de química e um passarinho cantou alegremente. Serena suspirou e começou a escrever seu nome no canto da página três de sua prova de nove páginas.

Serena van der Woodsen. Breakfast at Fred's, estrelado por Serena van der Woodsen.

Normalmente ela não devaneava com coisas assim, mas esta era sua primeira oportunidade de estrelar um filme de verdade. Era difícil não querer isso nem um pouquinho.

Blair virou a última página da prova, escreveu rapidamente as respostas e depois voltou para verificar seu trabalho. Quando ficou satisfeita com as respostas corretas, olhou para

a inspetora, a Sra. Crandall. A professora gorda de cara vermelha estava ocupada com suas unhas, que eram pintadas de um bege escuro atroz, deixando seus dedos parecidos com os pés de porco macerados em formaldeído que elas tiveram que dissecar na aula de biologia do primeiro ano. Blair afastou sua prova e estendeu a mão para a de Serena.

— Ei — Serena começou a objetar.

— *Shhhhhh* — sussurrou Blair, já começando a responder às perguntas em branco.

Serena desenhou um carinha sorridente na página em que Blair estava trabalhando. Era como nos velhos tempos. A não ser pelo fato de que ela estava com Nate e Blair com seu novo gato britânico. Ela fez uma careta. *E* ela ia perder a formatura, o que ia fazer com que Blair a odiasse novamente.

É.

homens demais, opções demais, tempo de menos

Vanessa escondeu em seu armário o vestido branco Morgane Le Fay que Blair comprara para ela usar na formatura até o domingo à noite, véspera da cerimônia. As luzes estavam apagadas no apartamento e ela estava sozinha. Ela tirou a camiseta listrada de preto e branco e vestiu a roupa pela cabeça raspada, andando até o espelho de corpo inteiro nas costas da porta do quarto para dar uma olhada.

O vestido era muito mais bonito do que qualquer coisa que ela já teve na vida, com um decote em V que afundava no corpete de cetim, uma bainha assimétrica e uma espécie de cintura baixa no estilo melindrosa que ela não tinha idéia se valorizava seu corpo ou não. Ela e Blair calçavam o mesmo número, e Blair tinha deixado um par de sandálias brancas Michael Kors de salto para combinar com o vestido. Ela até achou para Vanessa um par de luvas de renda branca legais de alguma loja de consignaçoão no Upper East Side, porque era tradição de Constance Billard as meninas usarem luvas brancas durante a cerimônia.

O caso era que Vanessa não iria à cerimônia. Aaron ia aparecer às dez da manhã para pegá-la, seu Saab 900S vermelho carregado de cigarros naturais, biscoitos de soja, edamame desidratado e *ice tea* Snapple sabor pêra para a *sexcapadela* pelo interior. Os pais dela estavam em Santa Fé, no Novo México, participando de algum *happening* de um artista hippie, e a irmã mais velha, Ruby, ainda estava na Finlândia, Polônia ou na Lapônia, criando uma base de fãs estrangeiros para sua banda, a SugarDaddy. Não era como se alguém em sua família se importasse se ela perdesse a formatura. Ela receberia o diploma por e-mail e Blair podia devolver o vestido. Não era grande coisa.

Tá legal. A gente acredita em você.

Houve um som de arranhar na porta da frente. Vanessa saiu do quarto e acendeu a luz da sala enquanto alguém enfiava uma folha de papel por baixo da porta. Ela reconheceu o garrancho infantil de Dan antes mesmo de se ajoelhar para pegar o papel.

Não posso passar pela formatura amanhã sem ver você mais uma vez. Estou lá em cima.

— D

De novo não!

Vanessa não tirou o vestido e subiu a escada para o terraço com suas sandálias Michael Kors. Era uma noite branda de junho, quase nove da noite, mas não estava muito escuro. O trânsito ia e voltava pela ponte de Williamsburg e um coro de alarmes de incêndio soava na Broadway. Uma lanterna estava pendurada na viga de aço que sustentava a caixa d'água. Abai-

xo dela, Dan estava sentado em posição de lótus, nu, com uma brochura grossa aberta no colo.

— O que está fazendo? — perguntou Vanessa.

Dan olhou para ela, a cara apaixonada iluminada pela lanterna. Ele vibrava todo — com a luz e devido a completa adoração por ela.

— Caraca — murmurou ele delicadamente. — Você está tão linda. É quase como se... — ele parou com um sorriso constrangido.

— O quê? — Vanessa cruzou os braços. Se ela e Dan já não fossem amigos há tanto tempo, ela podia ter ficado puta da vida com a droga da aparição pelada dele. Mas Dan era Dan, ela só conseguiu sentir uma leve irritação.

— Você está como eu imagino que estaria em nosso casamento — soltou Dan hesitante.

Caramba.

Vanessa concluiu que a única resposta adequada era ignorar completamente o que ele disse.

— Isso tem alguma coisa a ver com o discurso que você vai fazer amanhã? — Ela apontou para o livro.

— Quê? — Dan olhou para baixo, como se tivesse se esquecido de que ele estava ali. — Humm, mais ou menos. Na verdade, não. — Ele fechou o livro e o ergueu, revelando suas partes masculinas nuas. — É chamado *A arte sexual do êxtase*. Descobri na livraria.

Vanessa assentiu com um interesse fraquinho, como se ele tivesse acabado de dizer que podia chover mais tarde.

— Tem uma parte sobre meditar juntos até que você chegue a um lugar em que os dois, tipo assim, *estão*. Fala de como

Sting consegue, tipo assim, fazer isso para sempre, embora ele seja velho. Bom, é assim que ele faz.

Como se a gente realmente quisesse saber.

Vanessa o encarou. Dan era meio adorável de seu jeito estranho e magricela, mas a verdade era que ela não esperava vê-lo novamente antes de partir no dia seguinte porque ela não queria ter de explicar nada — que o amava, mas que prometera a Aaron. Que foi meio excitante e divertido ver dois caras ao mesmo tempo, mas que agora tinha de terminar em algum momento. A verdade era que ela nem tinha certeza de como se sentia, porque andara tentando não pensar no assunto.

Dan colocou o livro de lado e estendeu a mão.

— Ou a gente pode só se beijar — sugeriu ele com uma espécie de ternura educada que fez com que ela se alegrasse por ele já estar nu.

Ela se abaixou e se ajoelhou diante dele, com o cuidado de levantar o vestido para que não tocasse o chão.

— Só cuidado com o vestido — ela o alertou.

Essa podia ser a única chance dela de usá-lo. Não que ela fosse contar isso a ele.



gossipgirl.net

[temas](#) ◀ [anterior](#) [próxima](#) ▶ [faça uma pergunta](#) [respostas](#)

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Viu como foi fácil?

Conseguimos! Agora, se a gente simplesmente puder decidir por um entre os sete vestidos que compramos para a formatura na Bergdorf, na Barneys e na Bendle's porque a) depois de tomar Vivarin e se entupir de pizza de madrugada, ninguém sabe se vamos engordar ou emagrecer durante a semana de provas; b) nós *odiamos* tomar decisões; e c) o branco é o novo rosa do verão. Pelo menos, é melhor que seja.

Um navio carregado de carros importados da Europa desembarcou nas docas de NY ontem à noite

Estou começando a parecer o *Wall Street* ou coisa assim, não é? Mas então, se você estava andando pela Park Avenue ontem à noite como eu estava, pode ter percebido a frota de carros pretos e reluzentes sendo entregues a uma certa garagem do Upper East Side. Parece que alguns de nós vão ganhar o que pediram, só que... Pai, eu pedi rosa!

Eles sabem que você colou

Para aqueles de vocês que colaram nas provas finais, nós sabemos quem vocês são e seus professores também sabem. Vimos como você terminou cedo e passou o resto do tempo escrevendo bilhetes e fazendo exercícios faciais de atriz — S!! Eles só fizeram vista grossa porque querem se livrar de você. Está além da minha compreensão por que eles se incomodam em aplicar provas finais às veteranas.

Um remédio para o nervosismo pós-formatura

É claro que não há motivo nenhum para nervosismo. Só o que a gente tem que fazer é ficar linda e aceitar nossos diplomas. Mas estamos nervosas mesmo assim. Talvez porque vamos ter que passar por isso tudo com nossos pais olhando. Talvez porque não fazemos idéia do que virá pela frente. Você sabe como a enfermaria da escola sempre receita a mesma coisa, independente do problema que você tem? Mastigue um Pepto-Bismol. Gargareje com água salgada. Bom, eu estou do mesmo jeito: champanhe e um gato. Tome uma dose e depois repita a cada 15 minutos até que os sintomas desapareçam.

Feliz Formatura! Vejo vocês na festa depois!

Pra você que me ama,

gossip girl

pompa e circunstância

Na frente da Brick Church, na Park Avenue com a 92, um monte de carros pretos deixava mulheres vestidas de Chanel e homens e rapazes de Ralph Lauren Purple Label na igreja para ver as filhas e irmãs se formarem na colação de grau da Constance Billard. Era uma balsâmica manhã de junho e uma brisa agradável farfalhava as macieiras que limitavam a calçada, espalhando pétalas e lindas folhas verdes na avenida. A adorável igreja de tijolos vermelhos, com suas robustas colunas brancas e hera bem-cuidada, parecia ter saído de um livro de fotografias. Na verdade, hoje todo o Upper East Side parecia meio pitoresco e banhado no sol e no perfume das flores de maçã, porque hoje era o dia da formatura.

Urraaaa!

A mãe de Isabel, Titi Coates, esticou o pescoço cirurgicamente melhorado para ver o público bem-vestido, quase estourando os botões de seu vestido Versace de manga curta rosa e ouro.

— Eu soube que Harold Waldorf veio de Paris com o fogoso namorado francês para ver Blair se formar hoje — co-

chichou ela a Lillian van der Woodsen, que estava sentada no banco de mogno escuro ao lado dela. — Ele até mandou um Peugeot vermelho conversível desmontado, com um mecânico francês especial para montar o carro para ela.

A Sra. van der Woodsen sacudiu a cabeça. Gostava de fofoca, mas só as inofensivas — sobre os cachorros ou o jogo de golfe das pessoas.

Fofoca *inofensiva*? Que graça tem isso?

— Harold Waldorf está em Bordeaux, em um leilão de vinhos — corrigiu ela a vizinha de roupa brega num sussurro educado enquanto ajeitava a saia de seda lilás na altura da panturrilha de seu conjuntinho Yves Saint Laurent simples-mas-lindo. — Sei disso porque uma querida amiga minha está comprando umas garrafas de Burgundy para nós lá. Mas eu não sei nada sobre o carro.

Perto dali, em uma das câmaras externas da igreja, as veteranas faziam fila por ordem de tamanho, esperando atordoadas os primeiros acordes de “Pompa e circunstância”. Kati Farkas e Isabel Coates eram as mais baixas, usando sandálias Ferragamo sem salto brancas e iguais e vestidos Carolina Herrera iguais estilo noiva com laços de renda nas costas e uns pompons pendurados das mangas nos cotovelos. Desesperadas para ficar uma ao lado da outra na fila, elas fizeram um levantamento de todas as outras meninas da turma, perguntando o tamanho do salto que pretendiam usar na formatura. Até Vanessa, a usuária de botas Doc Martens, disse que ia usar plataforma, então as sandálias sem salto eram sua melhor alternativa. Que legal que não só elas ficassem juntas na fila, usando roupas iguais — elas eram as *primeiras*!

Iupiiiiii!

Com os sapatos de dança Manolo de pelica branca salto 7, Blair estava em algum lugar no meio. O terninho Oscar de la Renta de cetim branco tinha sido feito sob medida sem uma única falha, o casaco apertando a cintura pequena e acentuando seus lindos ombros. Nenhuma das outras meninas tinha sido criativa nem avançada o bastante na moda para sequer pensar em usar um terninho, que dirá o batom rosa-coral Chanel que ela comprou especialmente para o dia ou as pérolas simples que ela escolhera para colocar nas orelhas. Ela decorou seu discurso e ficava recitando repetidamente em sua cabeça, batendo os pés para manter a circulação e a adrenalina altas.

Obrigada por comparecerem, senhoras e senhores. E agradeço à turma do terceiro ano por me eleger oradora. Sabem de uma coisa, algumas de nós estamos juntas desde o jardim de infância. Aprendemos a ler juntas. Perdemos os dentes de leite juntas. Aprendemos a comer a maior quantidade de Oreos no recreio juntas. E à medida que os anos se passaram, aprendemos juntas a não ceder sob pressão. Agora aqui estamos, pré-universitárias, e todas ainda somos amigas. Como não seríamos?

Há outra coisa que aprendi na Constance que gostaria de dividir com vocês hoje: conseguir o que quero...

— Alguém viu Serena? — perguntou Nicki Burton em voz alta enquanto examinava seus olhos castanhos de conta em um espelhinho e ajeitava o vestido de formatura de cintura baixa e estilo melindrosa. — Dá pra acreditar que eu comprei isso em uma loja de roupas para *criança*? — perguntou ela pela décima vez para que todo mundo pudesse observar que ela era magra e pequena.

— E a Vanessa? — acrescentou Laura Salmon, prendendo a respiração enquanto tentava apertar o corpete de renda pouco adequado em seu vestido estilo espartilho Alexander McQueen.

— Acho que elas podiam tentar não se atrasar pelo menos uma vez na vida — disse Rain Hoffstetter, ajudando Laura com os laços e tentando não esbarrar em alguém com seu Christian Lacroix inexplicavelmente bufante.

Blair olhou em volta. Estava tão preocupada em repassar o discurso que nem percebeu: Vanessa e Serena não estavam ali.

Como é?

— São quase dez e meia — anunciou a Sra. McLean com urgência, batendo palmas com as mãos carnudas e sardentas para chamar as meninas à ordem. — Vamos ter que começar sem elas.

Blair girou sem parar o anel de rubi no dedo anular da mão esquerda. Serena e Vanessa iam *perder* a formatura?! Mas elas iam perder seu discurso, e aliás, *onde é que elas foram, porra?!?!*

A Sra. Weeds, a professora de música hippie de cabelo frisado da Constance, tocou alguns acordes no órgão, as omo-platas gordas gingando num tomara-que-caia Laura Ashley.

— Muito bem, meninas, é agora! — gritou a Sra. McLean toda animada. — Seu último urra como alunas da Constance. — Ela ergueu o punho sardento no ar, o terninho vermelho, branco e azul Talbots para ocasiões especiais amarrotando-se com o esforço. — Vamos arrebentar! — acrescentou ela, parecendo mais sapata do que nunca.

— Oh! — o público arfou enquanto as meninas começaram a entrar no corredor principal da igreja e descer a nave

central adornada de lírios no ritmo da música, parecendo um cruzamento de modelos de passarela com noivas por encomenda.

Eleanor Waldorf Rose estava sentada entre o marido de menos de um ano, Cyrus Rose, e o irmão de 12 anos de Blair, Tyler. Eleanor era a única mulher no ambiente a usar um chapéu Philip Treacy cinza-pombo de aba larga com penas de pombo de verdade nele.

Exatamente onde ela pensava que estava... Na Inglaterra?

Cyrus Rose vestia um terno Hugo Boss extraordinariamente feio, cor de abacate e trespassado, e estava balançando Yale, a irmã de seis meses de Blair, no joelho. Yale estava com a kilt da Burberry que Blair comprara para ela antes mesmo de ela nascer e uma blusinha branca de ilhoses que Blair tinha encomendado da Oeuf, uma loja para bebês de Paris. Tyler parecia estar de ressaca. Ou talvez Blair não o visse há tanto tempo que tinha se esquecido de como ele era, embora ele fosse seu irmão. E Aaron não parecia estar ali.

Imagine por quê.

Quando Blair se aproximou do banco deles, Eleanor ficou de pé num salto e lhe soprou um beijo, disparando o celular-câmera Nokia rosa-bebê enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto cheio de rouge.

— Estamos tão orgulhosos de você — despejou ela numa voz que era definitivamente mais alta do que um sussurro.

Do outro lado da nave central, a Sra. Van der Woodsen pegou o olhar de Blair e sorriu orgulhosa para ela, como se Blair fosse sua filha. Blair deu de ombros como quem se desculpa, embora tivesse certeza absoluta de que a mãe de Sere-

na não havia percebido que Serena estava ausente. Coitados do Sr. e Sra. Van der Woodsen. Até Erik, o irmão gato de Serena, estudante da Brown, com quem Blair quase perdeu a virgindade nas férias de primavera passada, estava ali.

Blair nunca viu os pais de Vanessa, mas Vanessa os descrevera muito bem, e ela não viu nenhum hippie mal vestido de cabelos grisalhos no público. Ela decidiu ficar de olho no rabo-de-cavalo castanho da menina na frente dela na fila, que por acaso era Rain Hoffstetter, que ela por acaso meio que odiava. Só o que Blair tinha de fazer era seu discurso, que ela decorara tão perfeitamente que podia recitar até dormindo, e depois pegar o diploma. Depois ia ter a melhor festa de formatura da vida, transar com Marcus, dar um passeio de carruagem pelo Central Park e depois ele ia pedir Blair em casamento... Seus olhos se enevoaram sonhadoramente e ela pisou nas costas do vestido branco de Rain, quase derrubando-a.

Foco, foco!

Uma por uma, as meninas enfileiraram-se e se sentaram nas primeiras três filas de bancos. Trinta e quatro veteranas no total, sem contar que faltavam duas. A Sra. McLean subiu ao púlpito, esperando para se dirigir à turma e a suas famílias. Blair faria seu discurso logo depois dela, e depois a oradora convidada, a “tia Lynn”, uma senhora idosa que basicamente fundou as bandeirantes ou coisa assim, devia falar. Tia Lynn já estava curvada em seu andador na fila da frente, vestida numa calça de moletom marrom-cocô e com aparelhos auditivos nos dois ouvidos, parecendo sonolenta e entediada. Depois que ela falasse — ou emborcasse e morresse, o que viesse primeiro — a Sra. McLean entregaria os diplomas.

A Sra. Weeds atacou os últimos acordes de “Pompa e circunstância”.

— Vamos orar — orientou a Sra. McLean sobriamente e baixou a cabeça. A diretora tinha se tornado profundamente religiosa depois que o marido, Randall, morreu em um acidente de pesca submarina em Florida Keys. Pelo menos essa foi a história que as meninas ouviram, junto com outra sobre a namorada da Sra. McLean, Vonda, que morava na casa de campo da Sra. McLean em Woodstock, Nova York, e dirigia um trator. A Sra. McLean tinha as palavras *Me monta, Vonda* tatuadas na face interna da coxa. Havia um boato de que Vonda antigamente *era* Randall, mas nenhuma das meninas tinha certeza disso.

— Parece que Serena e Nate fugiram para Mustique. É por isso que ela não está aqui — cochichou Rain a Laura. — Ela usou o vestido de formatura como vestido de noiva. Lembra que a gente a viu experimentando aquele véu na Vera Wang? — acrescentou ela maliciosamente.

— E eu ouvi dizer que a Vanessa está grávida — respondeu Laura. — Ela está em Vermont com os pais, tratando desse assunto. Acho que mesmo assim ela ainda deve receber o diploma.

Blair tentou sem sucesso não ouvir, mas é claro que estava morrendo de vontade de saber onde estavam Serena e Vanessa. Será que Vanessa foi para algum lugar com Aaron? Ou com Dan? Será que Serena e Nate *realmente* fugiram? Era um dia tão doido e uma época tão doida na vida deles, que ela não sabia bem no que acreditar.

— E agora, é um prazer apresentar Blair Waldorf, nossa oradora do terceiro ano — anunciou a Sra. McLean. Com um aceno de sua cabeça morena Raggedy Ann, ela saiu do palanque para dar lugar a Blair. Blair se levantou, ajustou a saia pregueada de cetim branco Oscar de la Renta e subiu delicadamente com os pés em sapatos brancos ouvindo as suas colegas de turma, tornando-se cada vez mais irritada enquanto pegava trechos de seus cochichos e murmúrios.

— Serena não vai de jeito nenhum para Yale no ano que vem.

— Vanessa está em Los Angeles. Não soube? Ela está fazendo um filme com Brad Pitt.

Blair subiu os degraus até o palanque — uma visão de perfeição com seu terninho feito sob medida, o cabelo escuro, brilhante e macio, os olhos azuis de cílios longos, a boca com gloss coral e os primorosos sapatos brancos. Ela deu um pigarro, tentando desviar a atenção de todas do tema das duas meninas ausentes.

— Obrigada — começou ela. — Primeiro, gostaria de dar os parabéns a minha turma. Nós conseguimos! — gritou ela com uma alegria exagerada. Mas nenhuma das porras das colegas de turma sequer olhou para ela.

Quem liga? Quem é que liga? Quem liga? Ela estava se formando hoje, tinha um novo namorado incrível que por acaso era um lorde inglês e no outono ia para Yale. Isso era tudo o que importava, disse ela a si mesma enquanto continuava seu discurso. E que ela estava seriamente gostosa em seu terninho Oscar de la Renta enquanto todas as outras meninas pa-

reciam a pastorinha Little Bo Beep com os vestidos brancos de babados.

— Agora aqui estamos, pré-universitárias, e todas ainda somos amigas — declarou Blair categoricamente.

É claro que são.

oh, os lugares para onde você vai! — ou não

Daaaa, di-di-di, daaaaa, daaaaa...

O St. Jude's não se incomodou em alugar uma igreja nem em enfileirar seus alunos por ordem de altura. Só fizeram uma pequena cerimônia solene na academia do terraço da escola, desejaram o bem dos meninos e depois os mandaram passear. A academia, em geral de aparência cavernosa, agora parecia menor, cheia como estava de cadeiras dobráveis, mães com casaquinhos e saias de linho Chanel até os joelhos e pais com ternos de flanela cinza Brooks Brothers.

Nate esperou por esse dia a vida toda e, para marcar a ocasião, ele e os amigos ficaram altos na casa de Charlie antes da cerimônia. Depois colocaram as gravatas vinho da escola e os casacos de lã azul-marinho com os botões de bronze idiotas que nunca, jamais usariam novamente, e saíram.

Ele olhou por sobre o ombro para os pais, sentados rigidamente do outro lado do corredor, a seis filas de distância. O capitão Archibald encontrou o olhar dele e apontou para o programa de formatura com o dedo indicador, as sobrance-lhas louro-acinzentadas reunidas de ultraje.

Nate pegou o programa de onde tinha caído entre os sapatos de camurça castanhos Church's of London e o analisou para ver se poderia entender qual era o problema do pai. Os nomes de 43 meninos estavam impressos elegantemente em azul-marinho em duas colunas concisas. O primeiro nome na lista tinha um pequeno asterisco ao lado e, na base do programa, perto de um asterisco igual, estava a observação, *Diploma pendente*. Nate semicerrou os olhos, perguntando-se se seu cérebro totalmente chapado estava pregando peças nele, mas estava ali novamente, um asterisco ao lado de seu nome — *Nathaniel Fitzwilliam Archibald*.★ *Diploma pendente*.

Mas que porra!

O padre Mark, um ex-pastor que era diretor do St. Jude's desde pelo menos 1947, subiu ao palanque montado diante da academia, as mãos tremendo enquanto começava a ler os nomes dos rapazes. É claro que Nate foi o primeiro.

— Nathaniel Fitzwilliam Archibald!

Nate se levantou e foi para a frente da academia, mantendo os olhos nas linhas pretas e azuis em fita adesiva no chão para os aros e o hóquei.

— Vai nessa, cara — sussurrou um bando de meninos sarcasticamente. O pescoço de Nate ardeu de vergonha. Havia um asterisco ao lado do nome dele.

O padre Mark lhe entregou uma pasta de couro falso azul-marinho e apertou a mão dele como devia fazer, sem nenhum reconhecimento pelo asterisco. Nate se virou e foi para a sua cadeira, quase se chocando com o treinador Michaels, que estava bloqueando o corredor com a droga do agasalho ver-

melho Lands' End. Ele pegou a manga do paletó de Nate e se curvou para sussurrar no ouvido dele.

— Eu tenho seu número, garoto — ofegou ele, depois deu um tapa meio rude no ombro de Nate antes de deixá-lo ir.

— Ai. Não é um doce? — piou a mãe de alguém, confundindo a ameaça do treinador com um abraço de parabéns.

Nate voltou a seu lugar, sem fôlego e suado.

— Anthony Arthur Avuldsen! — grasnou o diretor, aceitando impaciente a pasta azul que continha o diploma de Anthony acima da cabeça branca.

Anthony passou por cima dos joelhos com calças cáqui de Nate com uma concentração de chapado. Nate deu um tapa nas costas musculosas do amigo.

— Você conseguiu — murmurou ele fraquinho enquanto a sensação de sufocamento, agora familiar, crescia em sua garganta.

— Charles Cameron Dern! — grasnou o padre Mark com a voz rouca.

— Cara — murmurou Charlie para Nate enquanto cambaleava —, o que é essa estrelinha?

Nate estava perplexo demais para chorar. Ele só ficou sentado ali num torpor de chapado, o olhar furioso do pai abrindo buracos em suas costas enquanto os colegas de turma pegavam os diplomas. A pasta de couro azul ficou fechada em seu colo. Ele a abriu com o polegar só um pouquinho. Exatamente como ele desconfiava. A pasta estava vazia.

Ah, cara.

Diretamente atrás do velho padre Mark, havia a grossa porta de metal com as palavras DEPARTAMENTO DE EDU-

CAÇÃO FÍSICA em estêncil branco. Nate olhou a porta, os olhos verdes reluzentes piscando de consternação. Será que o asterisco tinha alguma coisa a ver com o Viagra do treinador?

Até que enfim ele entendeu!

d pode usar um pouco mais de amor

— Então, para concluir, quem precisa da universidade... pelo menos, agora? Passei a vida toda recebendo educação. Assim como John Lennon dos Beatles escreveu certa vez: “Você só precisa de amor. Você só precisa de amor. Você só precisa de amor.”

Dan olhou o público enquanto terminava o discurso, parado atrás do palanque de madeira na frente do palco. A cerimônia informal da Riverside Prep estava acontecendo no auditório da escola e era muito parecida com uma das peças desorganizadas que o departamento de teatro promovia duas vezes por ano. Atrás dele, os 41 colegas de turma estavam sentados em cadeiras dobráveis, a boca escancarada de surpresa chocada. Até Larry, o professor desesperado-para-se-enturmar-com-os-meninos, ficou rindo de nervoso e olhando para as trinta filas de professores, pais e parentes sentados nas poltronas de veludo cinza no estilo cinema, como se estivesse se perguntando se devia explicar que o discurso de Dan era outro daqueles trotes dos veteranos que seus rapazes estavam sempre aprontando.

Na última fileira de lugares, a cabeça de Rufus tombou de lado, o cabelo grisalho e crespo preso com o elástico laranja festivo que veio no gargalo de uma garrafa de champanhe Veuve Cliquot que ele comprara para tomarem mais tarde. Jenny segurava a mão dele. Ela olhou para cima, encontrou o olhar de Dan percorrendo as fileiras de cabeças com seus olhos castanhos comoventes. *Seu babaca, como pôde fazer isso com nós-
so doce e bem-intencionado pai?*, parecia dizer a expressão dela. *Caso não esteja se lembrando, educação é tudo para ele.*

Dan continuou no palco para receber o prêmio de Redação E. B. White, o prêmio da Riverside Prep para realizações em redação criativa.

— Meus parabéns, filho. — Seu diretor balbuciante, alto, jovem e com cara de patinador russo, o Dr. Nesbitt, entregou-lhe um papel enrolado e apertou a mão dele enquanto um fotógrafo tirava fotos. O Dr. Nesbitt era pai de um aluno e vinha trabalhando como diretor há um ano e meio, desde que o Sr. Coobie, o diretor anterior, tinha sido demitido depois de uma tentativa de ensinar ele mesmo reprodução humana na quinta série em vez de contratar um profissional.

Os aplausos foram magros e esporádicos enquanto Dan recebia o prêmio e voltava para seu lugar. Tinham de ser magros, depois de um discurso daquele. *Não ouça seus professores? Deixe o amor ser seu professor e siga seu coração? Você só precisa de amor, você só precisa de amor, você só precisa de amor?*

Acordaaaa!!!

— E agora, aos diplomas — anunciou o Dr. Nesbitt, e o público se remexeu ansioso em seus lugares.

Nenhum dos sobrenomes dos rapazes começava com A, então Chuck Bass foi o primeiro. Para a ocasião, Chuck se vestira inteiramente de linho creme, inclusive os sapatos feitos por Hogan em que até o solado era creme. Com seu cabelo escuro lustroso e o bonito rosto bronzado, ele na verdade estava bem elegante, como um astro de Hollywood da década de 1940. Chuck enfiou a pasta de couro marrom do diploma debaixo do braço, pegou um charuto cubano no bolso do paletó e o colocou entre os lábios.

Ele estava prestes a se virar e sair do palco quando o Dr. Nesbitt arrancou o charuto de sua boca, limpou-o nas próprias calças e o enfiou na boca.

— Vou precisar de alguma coisa para mastigar enquanto passo por todos esses nomes — zombou ele no microfone, e o público de pais reagiu com um rugido de risos. O Dr. Nesbitt era tão popular desde que se tornou diretor, que tinha fechado temporariamente o consultório de psiquiatria porque a escola ainda não havia encontrado um diretor de que gostasse da mesma forma.

— Bom discurso, cabeça de bagre — sibilou Chuck enquanto passava pelos pés de Dan ao voltar a seu lugar. — Siga seu coração? Isso significa que vamos fugir para Vegas juntos depois da cerimônia? — Dan resistiu ao impulso de moer seus Wallabees na cabeça de Chuck. Ele não tinha pensado em como o discurso podia soar a todos os outros. Só sabia que tinha escrito com sinceridade, com uma pessoa em mente: Vanessa.

— Bom trabalho — escarneceu Zeke Freedman a Dan enquanto passava por ele a caminho do palco. Zeke e Dan eram grandes amigos até Vanessa se tornar namorada de Dan e Dan

meio que se esquecer de tudo e de todos. Zeke era um nerd de informática e tinha um orgulho extremo do fato de que ia para o MIT no outono, então não era preciso muito esforço de adivinhação para saber que o discurso de Dan o havia irritado muito.

Dan olhou novamente para a família. Jenny agora estava abraçada ao pai e os ombros de Rufus tremiam de tristeza. Os outros pais provavelmente pensavam que Rufus estava chorando de orgulho, mas Dan sabia muito bem o que era. Talvez ele devesse ter avisado antes ao pai e lhe contado que não iria para Evergreen no ano que vem.

É, talvez.

— Daniel Jonah Humphrey — chamou o Dr. Nesbitt.

Dan se remexeu em seu lugar. Será que não tinha usado bastante tempo no palco? Ele disparou de sua poltrona na terceira fila, pegou a pasta de couro marrom da mão do Dr. Nesbitt e correu para seu lugar novamente, como se tivesse medo de que os colegas de turma fossem lhe atirar tomates podres ou coisa assim.

Jenny pensara que a formatura de Dan seria relativamente indolor e chata. Ela nem se importou quando o pai trocou sua passagem para Praga para o dia seguinte, para que ela não faltasse. Ele pegou o diploma enquanto ela e Rufus cochichavam e apoquentavam os colegas de turma nerds. Depois eles iam comer comida chinesa no restaurante preferido de Dan na Broadway, e mais tarde ela arrastaria Dan para a festa que, diziam os boatos, Blair Waldorf ia dar no Yale Club — uma festa que ela estava absolutamente determinada a não perder.

Em vez disso, toda a sua família estava se dividindo e ela estava pirando.

Ela e Dan basicamente pararam de ser legais um com o outro quando Jenny passou a noite no quarto do Plaza Hotel com os membros dos Raves e depois gravou uma música com eles no mesmo dia em que demitiram Dan. Em casa, parecia que nada do que Dan fazia era errado. Ele era um escritor publicado e um aluno nota 10. Tinha várias alternativas de universidades, inclusive Brown, Colby, NYU e Evergreen. Seu pai se jactava das realizações dele o tempo todo. Jenny era uma aluna ainda melhor, mas desde que a Sra. McLean solicitara que ela não voltasse a Constance no ano seguinte, ela se sentia a irmã mais nova e malcriada de Dan. O fato de que o superprotetor Rufus realmente concordasse que ela fosse para um colégio interno deixava tudo ainda mais claro: Dan é que era o bom, e ela era a má.

Mas agora aqui estava ela, segurando a mão do pai e fingindo ficar totalmente calma e mentalmente estável enquanto na verdade se perguntava como viria a ser o ano seguinte *dela*. Se ao menos ela pudesse tomar o lugar de Dan na Evergreen. Devia ser uma universidade artística — ela provavelmente ia se sair bem.

Que péssimo que não tivessem um segundo ano do ensino médio.

a lê v como a um livro

Embora o estivesse traindo totalmente e uma viagem pelo interior não fosse sua idéia de diversão, Vanessa estava pronta para Aaron quando ele encostou o Saab vermelho, bem na hora marcada. Ela só não podia convidá-lo a subir porque, se convidasse, teria de explicar seu comportamento ofensivamente odioso, o que ela não estava preparada para fazer, porque ela sinceramente não sabia por que estava se comportando de forma tão odiosa. Talvez ela só estivesse...

Maluca?

— Vou descer num minutinho! — gritou ela quando ele buzinou de baixo.

— Não, abre pra mim, vou subir — respondeu ele.

Vanessa devia saber que alguma coisa estava rolando quando ele entrou e não deu um beijo nela. Lá embaixo, Mookie, o enorme boxer castanho e branco de Aaron, latiu ansioso pelo teto solar aberto do Saab.

Havia contas verdes no cabelo castanho e grosso de Aaron. De repente Vanessa percebeu que ele tinha deixado crescer trancinhas de 3 centímetros em toda a cabeça. Quando foi que isso aconteceu?

— Graças a Deus Blair também está se formando hoje — assinalou ele. — Meu pai estava totalmente decidido a ir na formatura dela em vez de na minha. — Ele bateu nos bolsos da bermuda verde militar. — Humm... — começou ele, os olhos escuros disparando nervosos pela sala. — Ei, vestido legal!

O vestido Morgane Le Fay se pendurara sozinho no armário da sala.

Vanessa deu de ombros.

— Estou devolvendo.

Aaron foi até o vestido e o tirou do cabide, girando-o para ver o efeito completo da roupa.

— Veste aí — sugeriu ele, estendendo-o para ela.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu já experimentei algumas vezes. Além da formatura, eu não tenho outro lugar onde usar.

Aaron pendurou o vestido.

— Olha — começou ele. — Eu meio que acho que não é uma boa idéia você vir comigo. Primeiro, com Mookie, eu meio que não tenho mais nenhum espaço no carro. Segundo, eu meio que sei que você e Dan estão juntos há algum tempo.

Eu meio que sei.

Vanessa cruzou os braços, de repente sentindo-se meio grande demais, ou meio idiota demais, ou meio alguma coisa demais que ela não conseguia definir. Ele *sabia*? Mas ela e Dan não foram totalmente discretos?

Você chama de discreto o sexo em plena luz do dia em um terraço!

— Me desculpe — ela conseguiu declarar. Foi só nisso em que conseguiu pensar.

— Está tudo bem. Mas você devia ter me contado quanto eu tentei te dar isso. — Aaron ergueu o anel brega de prata dos corações unidos. — Eu achei em uma gaveta com as colheres. — Ele nem parecia tão triste, o que deixou Vanessa se sentindo ainda pior. Obviamente ela não estava prestando atenção que ele tivesse tempo para pensar nisso e deixou passar. Mas além de se sentir péssima, ela também estava totalmente aliviada.

Aaron ergueu o vestido novamente e o girou no cabide.

— Eu também meio que acho que você não quer perder a formatura. Você adora essas meninas — acrescentou ele delicadamente, parecendo meio gay.

— Ah, tá — concordou Vanessa sarcasticamente, mas de novo ela se sentiu aliviada. Ela podia usar o vestido, embora devesse odiar branco. Podia se sentar ao lado de Blair e se divertir com a sra. M e finalmente se formar, e todas tomariam um porre juntas depois, embora elas devessem se odiar.

Tá legal, talvez ela adorasse essas meninas um pouquinho.

Aaron balançou o vestido diante dela.

— Você sabe que quer.

Vanessa bufou e pegou a roupa das mãos dele, prendendo-o em um abraço enquanto fazia isso.

— Não pense que vai se safar sem me dar um beijo de despedida. Eu não sei quando vou ver você de novo.

Ela o beijou rapidamente na boca e depois apertou a testa no ombro quente e familiar dele, seu corpo um feixe de nervos. Ela estava terminando com o namorado, estava prestes a se formar, havia uma festa para ir e quatro anos inteiros na Universidade de Nova York esperavam por ela, sem mais nenhum uniforme idiota!

Uêêêbaaa! Só que ela não tinha se esquecido de uma coisa?

Vanessa trocou de roupa na frente de Aaron, sentindo-se quase uma irmã dele, agora que eles tinham terminado. Ela ainda o amava e provavelmente sempre o amaria. Mas o que era bom no amor era que ele *evoluiu*.

Vamos nos lembrar disso.

— O que você acha? — perguntou ela, dando um giro de Barbie com os sapatos plataforma de Blair.

Aaron vacilou, como se doesse vê-la tão incrivelmente linda. Ele segurou a mão dela.

— Vem. Eu ouvi no rádio que o metrô está brabo. Eu te levo.

Ai. Como os meninos podem ser tão gracinha depois que terminamos com eles?

quem é essa garota?

— E é por isso que estou parada aqui hoje, com um par de sapatos de dança Manolo Blahnik edição limitada e um terninho Oscar de la Renta feito sob medida para mim — disse Blair a sua platéia com um sorriso complacente enquanto terminava o discurso. — Não deixem que alguém lhes diga que vocês devem ser felizes com o que têm. Sempre há mais, e não existe motivo para que vocês não tenham tudo.

Todos na igreja continuaram num silêncio educado, como se não tivessem muita certeza se ela havia terminado o discurso ou não.

Não que alguém estivesse realmente prestando atenção.

— Ei, isso é o que eu penso que seja? — cochichou Kati Farkas para Isabel Coates. As duas meninas esticaram o pescoço para ver por sobre a cabeça das colegas de turma enquanto Vanessa aparecia em uma das entradas laterais da igreja. Seu rosto estava de um rosado feliz e o vestido era de um branco estonteante. Os sapatos plataforma eram incríveis e as pequenas luvas de renda se destacavam. Ela parecia tão diferente de seu ser carrancudo de preto, que mal podia ser reconhecida.

— É, e ela parece mesmo meio... *bem* — observou Isabel com relutância. — É claro que foi a Blair que escolheu o vestido. Caso contrário, ela teria vindo embrulhada num lençol branco ou coisa assim.

Na verdade, Vanessa *tinha mesmo* flertado com a idéia do lençol, mas o vestido Morgane Le Fay era muito mais satisfatório.

— Humm, isto é tudo — anunciou Blair de seu lugar no palanque. Ela olhou em volta, procurando pela Sra. M, e foi então que percebeu Vanessa. Primeiro Blair semicerrou os olhos para mostrar que estava muito irritada com Vanessa por ter se atrasado tanto. Depois ela ergueu o polegar para a amiga e ex-colega de apartamento por ela estar tão completamente incrível. A platéia irrompeu num aplauso fraco enquanto ela voltava a sua cadeira.

— Obrigada, Blair — disse a Sra. M, assumindo seu lugar no palanque. — E agora, o momento que todas vocês estão esperando. É um prazer entregar os diplomas de formatura da turma. Vanessa Marigold Abrams, não se incomode em se sentar. Você é a primeira. — Ela abriu um de seus raros e famosos sorrisos calorosos para Vanessa, perdoando sua mais alternativa formanda por perder metade da cerimônia.

Marigold?! É isso que você ganha com pais hippies e artistas.

Vanessa andou toda empertigada para a frente da igreja com seus sapatos sensacionais, as orelhas ardendo ao som de seu ridículo nome do meio e os olhos brilhando de lágrimas, cheia de amor por todos ali, inclusive a Sra. M. Ela nem acreditava que quase sentia falta disso. Pegando o diploma na pasta de couro vinho, os grandes olhos castanhos brilhando de lágrima

mas de felicidade, ela abraçou a diretora como se fosse a avó há muito desaparecida.

— Também estou extremamente orgulhosa de conferir a você, Vanessa Marigold, o prêmio Georgia O’Keeffe de excelência criativa — anunciou a Sra. M. Ela colocou uma fita de cetim azul-claro em volta do pescoço de Vanessa. Dela se pendurava uma medalha banhada em ouro com uma das papoulas de Georgia O’Keeffe que pareciam uma vagina. — Meus parabéns.

Vanessa saiu do palco e andou pelo corredor central da igreja até o banco de Blair na terceira fila.

— Posso sentar aqui?

— Chega pra lá — disse Blair a Rain. Rain estava com um vestido de tule branca que parecia um tutu enorme de *O lago dos cisnes*. — Seu vestido não precisa desse espaço *todo*.

— Isabel Siobhan Coates — chamou a Sra. M, erguendo o diploma de Isabel.

Vanessa se ajeitou ao lado de Blair e segurou o programa de formatura.

— Que merda. Eu lamento ter perdido seu discurso.

Não, ela não lamenta não.

— Está tudo bem. — Blair puxou o vestido de Vanessa. — Me diga que você não adora isso, ou eu vou te matar. Você devia usar branco, tipo assim, todo dia.

Vanessa limpou as lágrimas com os polegares e abriu a pasta de couro vinho que trazia seu diploma.

— Dá uma olhada — disse ela a meia-voz. As duas meninas olharam a folha de papel com relevo em ouro que estava impressa com o nome de Vanessa, seguida da data e do nome

da escola, e depois todo um monte de coisas em latim. Era de aparência totalmente oficial e ao mesmo tempo não valia nada. Todos aqueles anos de uniforme e dever de casa demais para *isso*?

Vanessa fechou a pasta e a segurou apertada no peito. Ela não ligava — ela conseguira! E todo o seu futuro estava diante dela. Depois de fazer cada curso de cinema que a NYU oferecesse, ela se tornaria uma cineasta indie famosa, só que ela ia se prender a filmes indie de verdade — ao contrário do ex-mentor, Ken Mogul, que estava totalmente vendido com aquele filme adolescente que estava rodando na Barneys. Era bom que Aaron tivesse terminado com ela hoje, porque agora ela estava livre para conhecer todo tipo de gente interessante do mundo e ela podia experimentar diferentes relacionamentos. Afinal, não era para isso que servia a faculdade?

É, talvez. Mas ela não está se esquecendo de alguém?

alguém argumentaria que o sobrenome dela começa com w

— Serena Caroline van der Woodsen — chamou a Sra. M.

— Que merda — murmurou Blair. Onde Serena estava, porra? Ela olhou para trás, para os outros Van der Woodsen. Eles pareciam espertos e animados. Era incrível que ainda não tivessem percebido que Serena não estava ali.

— Serena? Você está presente? — perguntou a diretora, varrendo a igreja com os olhos castanhos vítreos. — Alguém viu Serena? — A loura bonita que nunca-atingia-seu-potencial sempre se atrasava para as reuniões matinais, mas era de se imaginar que ela podia fazer um esforço para chegar no horário a este evento em particular.

As outras meninas piaram. Ninguém deu uma resposta à diretora. Blair olhou novamente para a família Van der Woodsen. Agora eles pareciam confusos, embora os Van der Woodsen nunca perdessem sua frieza. Erik empinou o queixo para Blair, sugerindo em silêncio que ela fosse receber o diploma em nome de Serena.

— Blair Cornelia Waldorf — anunciou a Sra. M com seriedade. Nenhuma menina da Constance perdera a formatura antes e ela agora estava contrariada, muito contrariada. Ela permitiu que Serena voltasse a Constance depois de ter sido expulsa do internato e agora Serena sequer se incomodava em aparecer para a colação de grau?

Felizmente o *W* de Blair vinha logo depois do *V* de Serena. Na verdade, alguns argumentariam que o sobrenome de Serena começa com *W* e portanto vinha depois do de Blair. Não que isso importasse ou que alguém ligasse a essa altura.

Blair subiu no palanque para receber o diploma.

— Eu recebo o de Serena por ela — sussurrou ela, esperando que sua voz não fosse pega pelo microfone.

A Sra. M sorriu tensa e apertou a mão dela.

— Isso não será necessário — respondeu ela, assentindo para alguma coisa por sobre o ombro de Blair.

Blair girou o corpo e viu Serena correndo pela nave central com a roupa *dela* — exatamente o mesmo terninho branco de cetim Oscar de la Renta com a saia pregueada na altura dos joelhos que ela própria estava usando. E como Serena era praticamente trinta centímetros mais alta do que Blair e as duas tinham o mesmo peso, a roupa ficou ainda melhor em Serena, apesar do fato de que ela estava descalça, o cabelo todo despenteado e de ter se esquecido das luvas.

— Desculpe, Sra. M! — disse Serena arfando, abrindo para a diretora o famoso sorriso encantador que conquistava a todos, de artistas de vanguarda a escritórios de admissão em Yale, Brown, Harvard e em todo lugar a que ela se candidatou. — Pensem só nisso... essa é a última vez que eu me atraso!

Blair queria bater nela por ser tão charmosa quando devia estar numa encrenca séria. Na verdade, Serena provavelmente teria repetido em química e não teria se formado se não fosse por ela. Ela odiou o modo como ficaram lado a lado com os terninhos iguais. As pessoas iam pensar que as duas compraram juntas ou coisa assim. Uma coisa era certa — Blair definitivamente obrigaria Serena a mudar de roupa antes de sua grande festa no Yale Club esta noite. De jeito nenhum ia deixar que Marcus visse que Serena ficava muito melhor do que ela naquele maldito terninho.

A Sra. M estava satisfeita. Mais meia hora de apertos de mãos com os pais e algumas piadinhas idiotas sobre suas filhas inteligentes e doces, e ela iria para Woodstock para passar o verão vendo Vonda capinar sua plantação de tomates usando só o top vermelho bordado que a Sra. M comprara para ela na feira de artesanato do último fim de semana.

— Tomem seus lugares, meninas — ordenou ela, dispensando Blair e Serena.

Elas voltaram para os bancos. Não havia espaço para Serena, então ela se empoleirou no joelho de Vanessa.

— Vocês têm minha bênção. — A sra. M soprou um beijo para as veteranas. — E agora, a turma está dispensada!

Iuuuuuupiiiiii!

o coração dela está na manga de outro cara

Depois da cerimônia, Nate apertou uns baseados com os outros meninos na sala de bilhar da casa de Jeremy, mas seu coração não estava ali. Eles estavam todos formados no Ensino Médio, enquanto ele ainda tinha um “diploma pendente”, o que quer que essa merda significasse.

Deixando-os para continuar a comemoração sem ele, Nate perambulou devagar para o oeste, na rua 86, indo para casa, grato que os pais tenham ficado tão chateados com o maldito asterisco que fossem direto para Mt. Desert Island para passar a semana, deixando-o em paz. Em seu quarto, ele começou a vasculhar o *closet* de cedro. Na prateleira acima dos cabides de roupa, atrás daquela ridícula cabeça de Darth Vader que ele usou no Halloween dois anos seguidos na quarta e na quinta série, estava a arca do tesouro de pirata em mogno com o fecho de bronze que o tio Gerald lhe dera quando ele tinha oito anos, e onde Nate guardava fotos antigas. Ele pegou o trilho das roupas com uma das mãos e o usou para se estabilizar enquanto escalava a parede do *closet* com o pé descalço, tentando descer a droga da arca.

A arca caiu, abriu e despejou seu conteúdo no chão. Ali estava ele no barco de pesca em Prince William Sound, no Alasca, há dois agostos, com o braço em volta do pai, os dois sorrindo como bobos e vestidos numa capa amarela. Foi a melhor época que ele e o pai tiveram juntos em toda a vida. Pescaram na estranha luz do sol das onze horas, cercados por geleiras espectrais e dividindo uma garrafa de uísque a caminho de volta para o porto. Depois havia fotos dele e Blair. Ele parecia entediado, sonolento e constrangido, com a cabeça nos travesseiros cor-de-rosa dela, e ela parecia loucamente em êxtase, com o rosto apertado violentamente na orelha dele enquanto segurava a câmera diante da cara dos dois e batia a foto ela mesmo.

Depois havia uma foto do pé elegante e bronzado de Serena com a palavra *Saudade* escrita em marcador roxo que ela lhe mandara no ano passado enquanto ainda estava no internato. Nate a guardara, adorando o sensual anel de prata no dedo do pé e como sabia que era o pé de Serena, embora ela não tivesse mandado um bilhete, nem endereço para resposta nem nada. Ele segurou a foto nas mãos, tentando invocar aquele formigamento e excitação que teve quando recebeu a correspondência, mas agora era só uma foto velha e boba que não invocava nada.

Ele olhou a foto dele com Blair novamente, sentindo falta do modo como eles ficavam juntos fazendo idiotices, como beber vodca com tônica demais antes de ir ao cinema para acabar saindo durante os trailers porque não conseguiam parar de rir. O cheiro do sapato-novo-e-da-loção-para-pele-Kiehl de Blair. O modo como Blair ficava tão sexy quando

estava dando um ataque. Ele queria que ela se sentasse no colo dele. Ele queria as mãos dela nos bolsos dele. Ele queria que ela ligasse para ele às sete da manhã de um domingo porque ela estava ligada demais e não conseguia esperar que ele acordasse.

Ele atirou as fotos na arca de pirata e fechou a tampa. Pendurado no trilho das roupas, dentro de um saco plástico, estava o suéter de cashmere verde que Blair lhe dera na primavera passada. A empregada mandara para a lavagem a seco para que estivesse pronto para Nate vestir em Yale no outono. Nate abriu o saco e tateou a manga direita do suéter. Não, talvez fosse a esquerda. Sim, ali estava. O pingente de coraçãozinho de ouro que Blair costurara por dentro para que ele sempre estivesse com o coração dela na manga. Blair devia achar que ele não ia perceber o coração, mas ele usou tanto o suéter, como não teria notado? Ele adorava aquele suéter.

Parece que o amor ia além do tricô.

As lágrimas começaram a sair pelos cantos dos olhos verdes de Nate enquanto ele pegava o pingente de coração entre o polegar e o indicador e o arrancava da manga do suéter. O telefone tocou antes que ele conseguisse decidir o que ia fazer a seguir.

Esperemos que não fosse nada muito imprudente.

— Alô?

— Foi um ano danado para você, filho — ladrrou o treinador Michaels do outro lado da linha. — Pensei que você tivesse superado todo aquele absurdo das drogas. E aí você vai e rouba meu maldito Viagra? Qual é o problema com você, garoto?

— Desculpe — murmurou Nate quase inaudivelmente. Ele já estava chorando. O treinador não podia fazer com que ele se sentisse pior.

— Tive uma longa conversa com o Dr. Nesbitt e seu pai depois da cerimônia — continuou o treinador —, e você é um cara de sorte.

Sorte? Não era exatamente a primeira palavra que ocorria a Nate.

— Segurar seu diploma foi como uma bofetada para você saber que não pode se safar roubando minhas coisas, em especial meus remédios. Seu verdadeiro castigo virá neste verão. Eu tenho uma casa nos Hamptons que pode precisar de umas reformas. Então, se quiser jogar lacrosse em Yale no ano que vem, vai ter que ser meu ajudante neste verão. Morar em cima da garagem, trabalhar para mim e, nas horas vagas, vai à igreja do lugar para as reuniões do AA.

Nate engoliu em seco. Ele tinha imaginado um verão de preguiça no Maine se bronzendo e ajudando o pai com os barcos, mas não tinha alternativa. Teria de ficar com o cretino do treinador nos Hamptons no verão.

— Desculpe por ser tão idiota, treinador — disse ele com sinceridade. — Prometo que vou compensar o senhor.

O treinador Michaels riu.

— Então pelo menos você vai ser um idiota com diploma!

Nate se obrigou a rir junto com o velho. As coisas iam ficar bem, disse ele a si mesmo. Ele teria o diploma no final do verão.

— Obrigado, treinador. — Ele desligou e abriu a mão suada, vendo o pingente de coração.

Bom, *algumas* coisas iam ficar bem.

Ele deu o suspiro meio trêmulo e exausto que vem depois de um longo choro e atirou o coração na cama caprichosamente arrumada. Depois voltou a vasculhar o closet. Devia encontrar Serena na festa do Yale Club às sete. Talvez ela aparecesse com um jeito de deixar *tudo* bem.

Sem Viagra nenhum.

será que j vai ter de estudar em casa?

— Acho que falhei na criação de vocês. — Rufus soltou um suspiro pesado enquanto olhava para uma taça cheia de vinho tinto. Pelo modo como ele falou, tinha-se duas opções nesta cidade. Ou gastava o que não tinha para mandar os filhos para uma escola particular, onde eles aprenderiam a comprar roupas insanamente caras e a ser esnobes com o pai, mas também conversariam em latim, decorariam Keats e fariam algoritmos de cabeça; ou os mandava a uma escola pública, onde talvez aprendessem a ler, talvez não se formassem e se arriscariam a levar um tiro. Ele pensou que tinha feito o que era certo. Mas agora parecia que nenhum dos dois filhos ia a escola alguma de tipo algum no ano seguinte.

— Você não falhou, pai — corrigiu Dan enquanto pegava uma garfada de macarrão. Rufus e Jenny tinham esperado do lado de fora da Human 92, na 92 com a Amsterdam, enquanto ele comprara o jantar de comemoração. Ele passara a noite toda trabalhando no discurso, tomado café instantâneo um atrás do outro e fumando Camel atrás de

Camel. Se não comesse alguma coisa, não ia a festa alguma mais tarde. Agora eles estavam em casa, sentados à mesa da sala de jantar, encarando-se, com uma garrafa fechada de champanhe na mesa. Era uma segunda-feira e mal eram quatro da tarde, uma hora estranha para se reunirem.

— Pelo menos ele entrou para a faculdade — disse Jenny carrancuda. Ela estava usando o novo vestido drapeado Pucci lavanda-e-amarelo-claro stretch da formatura de Dan, e havia duas manchas de umidade enormes debaixo de cada peito pendular, onde ela suara no calor. Ela se sentianojenta e estava particularmente ressentida com o irmão e o pai por estarem num humor igualmente ruim para sequer tentar animá-la. Ela pensou em ligar para Elise, mas ela estava na casa de veraneio em Cape Cod e só faria Jenny se sentir pior ao lamentar o fato de que elas iam se separar no ano que vem. Isto é, se Jenny realmente fosse a algum lugar no ano que vem. Do jeito que as coisas estavam, ela podia ter que estudar em casa.

Ela olhou para o pai. Numa tentativa de se adaptar aos outros pais, ele vestiu um terno para a formatura de Dan, mas era de lã preta — quente demais para junho e não combinava nada com a camisa abóbora apertada e moderninha demais que ele pegara emprestado com Dan para usar por baixo do terno. Ele arrancou o elástico laranja, furioso, e seu cabelo grisalho ficou numa espécie de coque bagunçado, mantido junto pelo ímã azul-brilhante que ele usava para pregar os cardápios do serviço de entrega na porta da geladeira. Para piorar as coisas, havia uns fiapos de toalha rosa em sua barba.

Talvez estudar em casa não fosse uma ótima idéia.

— Tem algum lugar a que vocês precisem ir? — perguntou Rufus, secando o que restava do vinho. Obviamente, uma taça não seria suficiente.

— Ah, qual é, pai — queixou-se Dan. — Não é que eu não vá para a faculdade nunca mais. Eu só adiei por um ano, é só isso.

Rufus pegou a garrafa aberta de Sangiovese no meio da mesa e se serviu de mais vinho.

— Eu simplesmente gastei oitenta mil dólares com sua educação de nível médio, tudo emprestado, então provavelmente o valor vai dobrar com os juros. Me desculpe se não fico em êxtase. — As sobrancelhas grisalhas se uniram numa única linha peluda. — A Vanessa pelo menos sabe disso? — perguntou ele desconfiado.

Dan abriu com os dentes um sachê plástico de molho agri-doce fluorescente e espalhou em um rolinho primavera.

— Na verdade, não.

Jenny e Rufus o encararam numa surpresa chocada.

Dan olhou para eles.

— Que foi?

— Idiota — murmurou Jenny para ele. Ela trabalhou com Vanessa Abrams na *Rancor*, a revista de arte das alunas da Constance, e tinha saído com ela vezes o bastante para saber que ela era tremendamente independente e de jeito nenhum ia agüentar esse tipo de merda de cachorrinho-apaixonado de Dan. Além disso, ela não estava namorando o meio-irmão da Blair Waldorf? — Idiota — murmurou ela de novo.

Rufus não disse nada. Só pegou a taça de vinho, saiu da sala de jantar, andou pelo corredor e foi para seu escritório, batendo a porta depois de entrar.

Dan deu de ombros e abriu outro sachê de molho.

— Eu não sei mesmo qual é o problema de todo mundo.

Jenny estava prestes a dizer a ele que babaca ignorante e presunçoso ele era quando seu Nokia Azul-bebê começou a tocar as primeiras notas de “Feliz Aniversário”, a gravação dos Raves em que ela fez o backing vocal. Ela mordeu o lábio, ainda olhando para Dan com os grandes olhos castanhos.

— É o seu telefone. É melhor atender — disse Dan a ela de boca cheia.

— Tá legal. — Jenny pegou a bolsa imitação de Louis Vuitton Calla Lily e apertou o botão “yes” no celular. Devia ser Elise, ligando de Cape Cod para reclamar que estava cheia de comer lagosta com os pais. — Vou logo avisando que não estou de bom humor — disse Jenny ao atender.

Houve um silêncio do outro lado.

— Alô? — disse Jenny com impaciência.

— Sim? É Jennifer Humphrey? — respondeu uma voz educada de homem.

Êpa.

Ela se sentou reta na cadeira.

— Pode falar.

Jenny fazia Dan se lembrar de alguém, mas ele não conseguia lembrar quem era. A mãe deles, talvez? Só que a única lembrança que ele tinha da mãe era dela tentando lhe ensinar a fazer um nó de gravata quando ele só tinha cinco anos. Ele ficava errando porque o perfume dela era tão forte que o deixava tonto.

— Aqui é Thaddeus Moore, diretor de admissão da Waverly Prep — apresentou-se o homem. — Você tem um minuto?

Mas é claro que ela tem!

— Sim — respondeu ela com cautela, o coração batendo com tanta força que ela praticamente podia sentir as costelas rachando. O maço de Camel de Dan estava na mesa. Ela o pegou e puxou um cigarro, batendo no tampo da mesa como uma fumante veterana. Se ao menos o pai dela tivesse deixado o vinho.

— Que bom. Bem, eu queria que você soubesse que recebemos sua solicitação e o pacote que mandou, e ficamos muito impressionados, em especial com sua arte — informou-lhe o Sr. Moore. — Eu mesmo falei com a diretora, a Sra. McLean, e ela não pôde se conter em palavras gentis e entusiasmadas a seu respeito. É claro que as solicitações de matrícula do próximo outono já se encerraram em dezembro. Mas devido a circunstâncias inesperadas, abriu uma vaga para o outono. Então, se ainda estiver interessada em freqüentar a Waverly no ano que vem, ficaremos felizes em recebê-la.

Jenny atirou o cigarro apagado no irmão e ele quicou em sua testa idiota e saliente e caiu no chão.

— É mesmo?! — ela quase gritou. — Ai, meu Deus. É verdade?

— Sim, é verdade — respondeu o Sr. Moore com o que parecia um toque de humor. — Vamos lhe mandar a papelada hoje, se quiser.

Ah, que homem legal, como ele é *legal*.

— Sim, por favor! — Jenny se levantou e se sentou novamente. Estava tão empolgada que pensou que podia fazer xixi no vestido drapeado. — Obrigada. Ai, meu Deus. Muito obrigada!

— Não há de quê.

Ela percebeu que devia desligar antes que dissesse alguma coisa bem imbecil e ele mudasse de idéia.

— É melhor contar ao meu pai agora. Estou tão feliz que tenha telefonado. Obrigada.

Jenny desligou, dançou em volta da mesa e atirou os braços em Dan.

— Eu vou para o colégio interno! — guinchou ela alegremente, pegando os ombros dele e sacudindo seu corpo magro e fedorento feito uma boneca de trapos. — Eu vou para o colégio interno!

— Legal — respondeu Dan, aliviado que a atenção tenha sido desviada de seus próprios apuros dúbios. Ele pegou um biscoito da sorte no fundo do saco de papel que viera com a comida chinesa. — Que bom pra você.

Jenny girou e correu para o escritório do pai. Ignorando a regra estrita que Rufus estabelecera quando ela ainda era um bebê, ela abriu a porta sem bater.

Rufus olhou para ela surpreso, um fósforo acendendo um cachimbo de vidro verde e transparente nas mãos, a janela aberta e o ar quente e acre do cheiro de maconha.

— Grrrr — ele rosnou.

Jenny não deu a mínima. Ela sempre desconfiou de que ele fumava maconha mesmo.

— Pai, eu entrei para a Waverly — disse ela sem fôlego. — Sabe qual é, o internato que eu soube que tem aquele programa de arte novo? Eu entrei! — ela praticamente gritou para ele. — Eu entrei!

Rufus apagou o fósforo, abriu a mesa da escrivania e enfiou a prova do crime ali. Depois abriu os braços para dar um abraço de urso na filha.

— Eu queria tanto, tanto que isso acontecesse — disse Jenny, a cara apertada no ombro quente e fumarento do pai.

Nós sempre dissemos, “cuidado com o que deseja”. Mas talvez Blair afinal tivesse razão: quanto mais você quer, mais você consegue.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Nossa última noite juntos

Agora somos oficialmente formados no Ensino Médio! Vamos nos preparar para festejar pra valer — no Yale Club! Não tem lista de convidados e não tem código de vestimenta, então, penetras — vocês podem não conseguir um quarto, mas certamente serão bem recebidos! Definição de um penetra: alguém que não se formou hoje e/ou nem conhece a garota que está dando a festa.

A última noite deles juntos

Ai, que pena, o lorde inglês adorável de **B** está indo para casa amanhã. Será que ele vai terminar o compromisso com a garota que, dizem os boatos, é noiva dele desde que ele era um bebê mijão? Ou ele vai se casar com ela, abandonando Blair? Pelo menos ela pode dirigir para o pôr-do-sol no Beamer conversível novo, adorável e cor de porcelana. Já viu o carro estacionado na frente da Brick Church? Importado diretamente

da Europa. Ninguém — e quero dizer ninguém *mesmo* — tem um carro desse neste país.

Seu e-mail

P: Cara GG,
Estou no segundo ano de medicina em Yale e soube que aquele cara, **N**, já se inscreveu para ser rato de laboratório da divisão de psiquiatria da faculdade de medicina. Tipo assim, eles vão dar a ele todas aquelas drogas psicotrópicas que estão testando, e até vão pagar a ele por isso.
— jrmed

R: Cara jrmed,
Até parece que ele precisa ser pago. De qualquer forma, vamos começar pelo início — o cara ainda nem conseguiu o diploma do Ensino Médio.
— GG

P: Querida Gossip Girl,
Meu filho me disse que você é a voz dos jovens e então eu devo lhe perguntar se você conhece um poeta talentoso que ia para o Evergreen College mas resolveu seguir seu coração. Veja você, eu mesmo sou poeta! Este poeta ia me ajudar com meu livro de história e poesia sexual, mas ele escreveu dizendo que não viria. Estou tão aborrecido! Preciso de assistência de talento! Talvez você possa vir a Olympia para me ajudar. Você dorme na rede. Meu filho faz uma boa comida grega!
— professorpop

R:

Prezado professorpop,
Cara, isso é mesmo tentador, mas eu meio que já tenho planos para este verão. Além disso, as redes nunca foram o meu forte — eu sou o tipo de garota de lençóis de algodão egípcio de 600 fios. Mas seu livro parece intrigante. Boa sorte com ele.

— GG

Até que enfim eles sacaram

Quase todas as escolas particulares de Manhattan finalmente entenderam: os alunos do terceiro ano não querem fazer provas finais nem se sentar em uma sala de aula no último mês do ano letivo, e nem precisam fazer isso, uma vez que já foram aceitos nas universidades e a essa altura estão tão esgotados mentalmente que não podem aprender nada de novo. Então, a partir do ano que vem, os alunos do terceiro ano só terão de ir à aula até meados de maio. Eles vão terminar o ano letivo fazendo um estágio de sua preferência em algum lugar da cidade. Parece bem legal, né? Que péssimo que nenhum de *nós* tenha conseguido isso. Eu podia ter “estagiado” numa coluna de notícias online e “ido trabalhar” na cama com minha camisola DKNY preferida, de algodão preto. Não que eu esteja amargurada. Afinal, *eu já me formei!*

Flagras

B chegando no **Yale Club** com seu novo Beamer conversível.
V chegando no Yale Club no novo Beamer conversível de **B**.
As meninas começaram a comemorar cedo, então quem sa-

be como estarão à noite... Aquele cineasta indie convencido fazendo uma visita pessoal à cobertura da família de **S**, na Quinta Avenida. **S** saindo de seu prédio, parecendo resplandecente em um vestido de verão **Tocca** amarelo de ilhoses. Graças a Deus ela trocou de roupa. **J** na **Bed, Bath and Beyond**, já decorando o quarto na **Waverly Prep**. **D** comprando um buquê de rosas vermelhas para adivinha quem? Que bom que ela não vai sair da cidade, mas que péssimo que ela tenha se esquecido completamente dele! Esta noite deve ser *très, très interessant*.

A gente se vê lá!

Pra você que me ama,
gossip girl

foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos

Ainda com o terninho de cetim branco Oscar de la Renta perfeitamente ajustado, Blair se sentou no joelho de Lorde Marcus em uma poltrona de couro marrom no estar do Yale Club, sentindo-se estranhamente contente enquanto um monte de gente chegava para sua festa de formatura com os livros do ano enfiados debaixo do braço. Ela e Lorde Marcus não tiveram a oportunidade de consumir a formatura *ainda*, mas assim que a festa estivesse a todo vapor, iam escapular para o quarto dela e transar de uma vez por todas. Ela já havia enchido o quarto com velas Diptyque nos aromas sândalo, bergamota e lima, e por baixo do terninho usava seu novo conjunto de camiseta e calcinha Cosabella de algodão bordado de cor creme.

O estar tinha o mesmo jeito de Nova York antiga e rude, exceto pelos seis aparelhos de TV Pioneer de tela plana pendurados nas paredes de painéis de madeira, passando sem parar o último filme de Vanessa. O fato de que todos os personagens do filme estivessem entrando aos poucos na festa fazia-a

parecer a noite de estréia de um novo documentário moderninho, e todos na festa sentiam-se totalmente famosos.

— Eu te disse que eu era fotogênico — gritou Chuck Bass, vendo a si mesmo na tela. Ele tinha chegado com uma comitiva de rapazes com cabelo à escovinha e uniformes de flanela cinza que ninguém ali vira na vida.

Isso porque ele tinha invadido a sala do segundo ano de uma escola católica qualquer perto de seu apartamento na Sutton Place e pago aos meninos para ir.

— Eles são uma gracinha — observou Isabel, os olhos arregalados para um menino de aparência particularmente inocente e olhos grandes que estava assinando o livro do ano da Riverside Prep de Chuck com um marcador amarelo. Isabel tinha trocado a roupa por um jeans Rogan com as pernas cortadas e uma camiseta Juicy Couture vermelha curta e estava quase indecentemente piranha.

O menino a encarou também. Ele nunca vira uma pele exposta tão bem-cuidada. Talvez fosse sua noite de sorte!

— Ele tem, tipo assim, só uns 13 anos — ridicularizou Kati enquanto folheava seu livro do ano, contando quantas pessoas tinham assinado. Ela estava poupando sua virgindade para a faculdade. Bom, mais ou menos. Tecnicamente, ela já a perdera para Chuck Bass em uma festa na casa de Serena, uns dois anos antes, mas ela estava tão bêbada na hora que nem se lembrava disso.

Lorde Marcus passou alguma coisa fria e maravilhosa no pescoço de Blair. Blair tocou sua clavícula e olhou para baixo. Era um colar de pérolas Bvlgari exatamente igual àquele que ela pegara emprestado com a mãe para o teste de *Breakfast at*

Fred's, só que dez vezes mais bonito. Cada pérola no cordão tinha um formato único, ao mesmo tempo imperfeito e perfeito, com um fecho de ouro decorado com a forma da letra *B*.

— Meus parabéns, Bee — murmurou ele, beijando-a na nuca. Bee?

Blair sempre quis ter apelido. Ela ergueu o queixo para beijá-lo na boca, sentindo-se bêbada de felicidade e de tanta vodca que tinha consumido com Vanessa nas horas entre a formatura e a festa. Blair tinha um carro novo insanamente lindo, um namorado novo insanamente gato e agora ia para Yale no outono. As pérolas eram só acessórios para sua vida já perfeita.

Bom, nós não somos presunçosas?

— Eu adoraria que você fosse para a Inglaterra neste verão — sussurrou Lorde Marcus, os lábios roçando o cabelo de Blair. — Minha família está louca para conhecer você. Você podia ficar em minha casa. E talvez a gente possa ir a Paris visitar seu pai enquanto você estiver lá.

A respiração de Blair ficou presa na garganta e ela se virou, piscando para ele como uma princesa de conto de fadas que tinha acabado de ser despertada de um feitiço. Ele só a convidou para visitá-lo, mas pareceu quase... *uma proposta de casamento*. Ele era o príncipe dela, seu cavaleiro — bom, não exatamente, mas um lorde era quase a mesma coisa. Ele apareceu em seu cavalo branco, puxou-a para cima e agora queria levá-la para casa para conhecer os pais dele porque logo — talvez até em algum momento no verão — ele ia dar a ela uma incrível aliança com um diamante raro, ajoelhar-se diante dela e lhe pedir que se casasse com ele.

Não que ele realmente tenha falado em casamento. E quando exatamente um cavalo branco entrou na foto?

— Sim — respondeu Blair cheia de felicidade. — Ah, sim!

Era mais uma resposta à proposta de casamento em sua cabaça do que uma resposta à proposta original de Lorde Marcus mas, no mundo segundo Blair, eles estavam intrinsicamente ligados: ela iria à Inglaterra e voltaria noiva de Lorde Marcus.

Embora ela só tivesse 17 anos e a mãe dela não o conhecesse. Não que ela tenha planejado apresentar a mãe a Marcus. Eles podiam se conhecer no casamento. Ou talvez eles fugissem para alguma ilha remota do Pacífico Sul e fizessem um casamento íntimo à noite numa praia com apenas os nativos como testemunhas. Eles comeriam cabra assada na fogueira e dançariam nus na areia.

Lembrem-se, qualquer coisa pode acontecer na Ilha de Blair.

Ela manteve o verão em aberto, pensando que iria precisar dos dois meses e meio só para comprar e preparar as malas para Yale. Ela chegou a pensar em ir à Europa para ver o pai — mas principalmente para fazer compras, porque as lojas de Nova York nunca apresentavam a moda de outono antes de setembro, e ela precisava chegar a New Haven para a orientação no final de agosto. Como diabos chegaria a Yale com os suéteres de cashmere certos, as botas perfeitas e os casacos ajustados se não os comprasse diretamente na Prada em Milão ou na Burberry em Londres?

Agora seu verão estava mais definido. Ela faria compras, ficaria noiva e depois faria mais compras.

— Não suporto pensar que esta é nossa última noite juntos — lamentou Marcus, beijando-a atrás da orelha. — Faria bem ao meu coração saber que você vai aparecer daqui a algumas semanas.

Blair teria fechado os olhos e o beijado e depois sussurrando alguma coisa do tipo ela realmente, sem nenhuma dúvida precisava se deitar, então por favor, leve-a ao quarto dela para que ela possa tirar as roupas e eles possam consumir seu casamento um pouco cedo, mas então Serena e Nate entraram na festa atrás de um grupo de meninas da L'École que estavam todas fumando Gauloises e vestidas em camisetas de crochê Marni e sandálias Gucci douradas porque a modelo francesa Pru tinha acabado de usar uma camiseta de crochê Marni e sandálias Gucci douradas na capa da edição de junho da *Vogue* francesa. Serena tinha trocado de roupa — felizmente. Caso contrário Blair teria quebrado o nariz perfeito e aristocrático dela.

— Pensei que você tinha me dito que eles terminaram — comentou Tina Ford, que acabara de se formar na Seaton Arms, com Isabel Coates. Ela mordeu um cubo de gelo ensoopado de Absolut Citron. — Não foi por isso que os dois perderam a formatura?

— Eu soube que eles nunca ficaram realmente juntos — disse Kati Farkas em resposta, embora Tina sequer estivesse falando com ela. — O Nate é gay. Ele assumiu na semana passada. E ele está numa encrenca danada. Os pais dele o estão deserdando. Eles nem vão pagar Yale.

— Então por que a Serena ainda finge que está saindo com ele? — quis saber Isabel, levantando a camiseta vermelha ras-

gada e expondo a barriga só para dar alguma emoção àquele garoto da escola católica de cara inocente que Chuck tinha trazido.

As outras meninas reviraram os olhos.

— Ah, você sabe como ela é. Ela sempre tem que ser *legal* com todo mundo — reclamou Rain. — O pai do Nate provavelmente, tipo assim, *contratou* a Serena para dar mole pro Nate para ele não ser mais gay!

Na verdade, isso parece mesmo uma coisa que o capitão Archibald faria.

Enquanto elas saíam da Brick Church, e nos segundos antes que suas famílias as encontrassem, Serena tinha tentado explicar a Blair por que ela quase perdeu a formatura, enquanto Blair fingia não ouvir. Obviamente o segundo teste de Serena para *Breakfast at Fred's* era mais importante do que ouvir o discurso de Blair ou pegar o diploma. Pelo menos Blair teve a satisfação de saber que Serena não ia conseguir o papel. Ela era alta demais, loura demais, tinha olhos azuis demais — totalmente errada para ele.

— Consegui o papel! — gritou Serena a plenos pulmões, tão empolgada que nem se importou com quem estivesse ouvindo. Ela agarrou Nate e o apertou em seus braços longos e perfeitamente bronzeados. — Ken Mogul acaba de ligar. Eu consegui o papel!

Blair quase caiu dos joelhos de Lorde Marcus. Ela já estava odiando Serena de novo por ter perdido o discurso de formatura e por usar exatamente o mesmo terninho Oscar de la Renta que ela usara. E é claro que ela ainda a odiava secretamente por ficar com Nate. Não parecia possível odiá-la ainda

mais — até agora. Mas Blair já começara a falar com Serena de novo — ela até fez a prova de química de Serena por ela, pelo amor de Deus, então agora estava presa à alternativa medonha de repentinamente agir como uma vaca sem nenhum motivo na frente de Lorde Marcus, ou ser completamente falsa e fingir ser legal para que Lorde Marcus não pensasse que era uma vaca e mudasse de idéia sobre querer se casar com ela.

Como se ele já não tivesse percebido o lado vaca de Blair.

Nate se colocava ao lado de Serena como um acompanhante de celebridade contratado. Ele esfregou os olhos e sorriu para Blair e Marcus com os olhos vagos e pela primeira vez em muito tempo Blair se perguntou o que tinha visto nele. Independente de como eles terminaram, suas fantasias de felizes-para-sempre sempre mostravam Nate, mas agora elas tinham um astro novo e aprimorado. Ela se apoiou no peito de Marcus, deixando bem claro que estava sumamente à vontade no colo dele e totalmente tranqüila com a novidade de Serena. Seu terninho perfeitamente cortado era um pouco quente para a sala sufocante, mas ficava tão bem nela que ela não ligou.

De repente, outro casal bonito, porém mais baixo, se aproximou de Nate e Serena e olhou tensamente pela sala, como se estivessem preocupados que alguém gritasse por terem entrado na festa de penetra. Blair se sentou e desabotoou o casaco Oscar de La Renta, atirando-o no chão de desprazer. A parte masculina do novo casal era seu irmão Tyler de 12 anos, tentando parecer um astro do rock usando um paletó de smoking Armani sobre uma camiseta preta e rasgada do AC/DC. A garota sardenta com jeito de sem-teto em

seu braço estava com a mesma porra de terninho Oscar de la Renta de Blair. Ela até estava usando a mesma porra de sapatos Manolo Blahnik de Blair. A porra do cabelo dela era da mesma cor do de Blair, e estava penteado num coque em camadas, como o de Blair. Blair semicerrou os olhos. Nunca vira aquela merda de garota na vida mas, se não estava enganada, ela também estava usando a porra do brilho labial Chanel Stroppy que era a porra do batom preferido de Blair.

Grunhido.

Blair puxou para cima as tiras de sua camisetinha Cosabella creme totalmente transparente. Se não fosse por Lorde Marcus, ela teria agarrado a garota pelo pescoço e atirado-a na rua.

— E aí, mana — Tyler a cumprimentou numa falsa voz de chapado, erguendo os ombros numa tentativa de parecer maior. — Essa é a Jasmine. Jazz, essa é minha irmã, Blair.

— Legal — respondeu casualmente o clone sardento de Blair. Como se não tivesse passado o dia todo tentando se vestir exatamente igual a Blair.

Blair franziu o narizinho arrebitado.

— Consegui o papel! — gritou Serena do outro lado da sala, pelo que parecia a porra da milésima vez. Blair pegou a piteira, esperando que Marcus lhe oferecesse o isqueiro.

— Como vai? — respondeu ela na melhor imitação graciosa-sob-pressão de Audrey Hepburn, soprando a fumaça sobre a cabeça do irmão e da namoradinha idiota dele.

Serena pode até ter conseguido o papel, mas Blair o *vivia*, todo santo dia.

nunca mais

Era quase surreal como a formatura mudou a tudo e a todos. A festa parecia uma reunião de ex-alunos, só que eles só tinham se formado de manhã. Algumas das meninas ainda estavam com seus vestidos de formatura brancos com chinelos de borracha e o cabelo todo despenteado, parecendo noivas fugitivas. Os meninos tinham enrolado as calças cáqui bem passadas para que parecessem modelos numa campanha de roupa masculina Ralph Lauren, vestidos para coquetéis mas sentados num pír com os pés pendurados no lago como se preferissem tomar cerveja juntos em vez de voltar para o coquetel sufocante.

Serena se considerava uma pessoa emotiva. O estilista de moda Les Best havia até batizado um perfume de Lágrimas de Serena quando ele a pegou chorando na neve em uma sessão de fotos no Central Park. Ela sempre pensou que ia ficar muito nervosa na formatura. Afinal, ela fora criada com aquelas pessoas, dividira os mesmos altos e baixos, sofrera as mesmas decepções e os mesmos triunfos. Mas aqui estava ela, nada além de estática. Nem o humor desligado e lamentativo de Nate conseguia deprimi-la, porque *ela conseguiu o papel!*

É, Serena, nós ouvimos na primeira vez.

Com seu jeito pretensioso e esquisitão de sempre, Ken Mogul sequer tinha assistido ao segundo teste. Ficou de costas, tentando averiguar se ela irradiava a energia certa para o papel. Quando ela terminou de dizer a fala, ele não se virou, só ergueu as mãos e disse: “Obrigado.”

O segundo teste aconteceu em um antigo armazém no Meatpacking District, no extremo oposto de Manhattan em relação à Brick Church. Serena já estava vestida para a formatura e ela prometeu pagar generosamente ao taxista se ele esperasse por ela do lado de fora. Segundos depois, ela estava correndo para o leste pela rua 14, rezando para que a Sra. M não a fizesse repetir o último ano e percebendo tarde demais que tinha deixado os sapatos para trás.

Depois da formatura, no almoço no Tavern on the Green, sua mãe ficara mais zangada com a perda dos Jimmy Choos brancos do que com o fato de Serena quase ter faltado à cerimônia.

— Que tipo de menina anda descalça? — quis saber a Sra. van der Woodsen. Depois Ken Mogul telefonou para o celular de Serena.

— Eu não gosto de bronzeados nem sardas, então por favor, procure ficar longe do sol. Vamos começar a rodar no Fred’s no mês que vem — anunciou ele grosseiramente. Serena só ficou sentada com o fone apertado na orelha, tentando entender do que ele estava falando. Depois ela percebeu. *Eu consegui o papel. Eu consegui o papel!*

Ei! Dá para mudar de assunto agora, por favor?

Os pais dela consideravam atuar em filmes algo *déclassé*, mas em menos de nove meses depois de ser expulsa do inter-

nato, Serena tinha sido aceita em Yale, Harvard, Brown e Princeton, e estava prestes a estrear um *remake* de *Bonequinha de luxo*. Eles não podiam reclamar.

Consegui o papel, consegui o papel! Serena ficou gritando para si mesma. Seu primeiro papel de verdade em seu primeiro filme de verdade. Pela primeira vez na vida, ela percebeu que esta era uma coisa que ela realmente *queria*. E não aconteceu simplesmente. Ela *fez* acontecer. Que bom que agora estava numa festa, porque havia uma garotinha empolgada em um trampolim dentro dela, quicando e quicando e quicando.

Boing!

— Eu soube que ela e Ken Mogul fizeram uma farra de drogas ontem à noite e ela o convenceu totalmente a ganhar o papel no filme. Ele disse que o papel era para uma mulher mais velha e que tinha escolhido Natalie Portman, mas Serena fez uma lavagem cerebral nele — cochichou alguém.

— Ela até tentou conseguir que ele contratasse Nate para contracenar com ela, mas ele sempre está tão chapado que se esqueceu das falas durante o teste — cochichou mais alguém.

— E você não soube? O Nate não se formou. Ele levou uma dura por roubar analgésicos da enfermaria da escola dele e agora vai ter que ir para uma prisão de reabilitação na parte *ruim* dos Hamptons, tipo assim, *o verão todo* — informou Rain Hoffstetter a todos que estivessem ouvindo. Ela ficou com Charlie Dern quando os pais tinham estacionado um ao lado do outro em um drive-in no Cape no fim de semana passado. Eles conversavam ao telefone todas as noites desde então, e por isso ela estava bem atualizada quanto à informação sobre o Nate.

Nate estava grato por seu papel de acompanhante mudo de Serena. Ele se sentia fechado em 15 centímetros de plástico transparente. A voz de todo mundo parecia abafada e distante. Não ajudava em nada que Blair estivesse radiante no joelho de Marcus, ou que Serena claramente não precisasse de um namorado agora, ou que ele estivesse incrivelmente doidão.

— Blair!? Já soube? Consegui o papel! — Serena se atirou para Blair e Lorde Marcus, arrastando Nate com ela. Ela apertou os ombros de Blair de forma exuberante. — Você não está chateada, está?

Eu, chateada? Blair deu um sorriso tenso, ainda tentando impressionar Marcus com sua natureza doce e magnânima.

Rá!

— Você é uma atriz excelente — disse ela por fim à ex-amiga, toda educada. — Você merece muito isso.

O sorriso de orelha a orelha de Serena desapareceu aos poucos. Ela sabia que Blair não seria capaz de esconder que estava menos do que satisfeita e mais do que irritada. Blair era complicada: era melhor fugir quando ela parecia volátil.

— A Vanessa chegou? Estou louca para contar a ela... Estou conversando com Ken Mogul para contratar Vanessa para fazer o filme!

Com a cara resolutamente vazia, Blair apontou para onde Vanessa estava sentada no canto com a garrafa pessoal de Stoli, assinando feliz os livros do ano de todas as não-veteranas na festa que pensavam que ela era pra lá de descolada.

— Vanessa Marigold Abrams! — gritou Serena e correu pela sala, deixando Nate para trás.

Nate ficou parado na frente de Blair e Lorde Marcus se afagando em sua poltrona, as mãos nos bolsos, sentindo-se um imbecil.

— Como está? — perguntou Lorde Marcus, estendendo a mão para cumprimentar Nate.

Nate não sabia quem sabia de seus problemas na formatura e não queria muito falar no assunto.

— Estou feliz que tenha acabado — murmurou. Lorde Marcus parecia maior do que ele se lembrava e, embora fosse homem, Nate podia apreciar como ele era bonito. Blair realmente acertou em cheio.

— É assim que eu me sinto — concordou Blair com um sorriso malicioso. Ela estendeu a mão e casualmente afagou as costas bronzeadas de Lorde Marcus, mostrando como estava à vontade falando com Nate enquanto ficava sentada no colo de Marcus.

Nate de repente se empertigou, lembrando-se do motivo para vir à festa.

— Blair, posso conversar com você por um minuto? — perguntou ele, embora para ele parecesse que tinha dito: “Uuu chi gá gá?”

Blair sempre foi o lado carente da relação ioiô deles, então era uma experiência nova ver Nate adejando em volta dela, parecendo pouco à vontade e meio desesperado, com uma coisa estufada enfiada debaixo do braço. Ele ia dar um presente a ela?, perguntou-se Blair. Deus era testemunha de que ela lhe dera muitos presentes quando eles estavam juntos, e ele mal lhe dera nada a não ser flores algumas vezes, quando se lembrava disso.

— Não saia daqui. Volto já — murmurou ela para Marcus. Ela desceu do joelho dele, lançando-lhe um olhar ardente só-vou-suportar-essa-festa-por-mais-meia-hora-antes-de-arrancar-suas-roupas. Depois ela seguiu Nate até um canto semi-silencioso na sala abarrotada, tentando parecer impaciente e indiferente enquanto seu coração martelava tão furiosamente no peito que ela nem se surpreenderia se ficasse visível através da camisetinha creme transparente.

Nate pegou a coisa debaixo do braço — uma sacola da Gap azul-marinho, dobrada ao meio. Blair ficou um tanto aturrida. Ele comprou um presente para ela na Gap?

— Toma — murmurou ele, tirando uma coisa de dentro da sacola e entregando a ela. Blair reconheceu de imediato: o cashmere verde-musgo com gola em V que ela lhe dera há um ano.

— Mas você adora esse suéter — queixou-se ela, procurando pelo tato o coração de ouro que tinha costurado na manga antes de dar a ele para que ele sempre estivesse usando o coração dela na manga. Não estava ali. Blair apalpou dentro da manga direita, embora tivesse absoluta certeza de que tinha costurado na esquerda. Nada. Mas onde é que estava?

— Eu só não acho que é direito ficar com ele — respondeu Nate solenemente. Ele piscou com força, desejando que as lágrimas não caíssem. Ele se perguntou se Blair se lembrava do coração de ouro, que agora estava em um cinzeiro de vidro verde e azul no formato de um veleiro ao lado de sua cama, um lembrete constante de seu relacionamento fracassado.

Ei, talvez ele devesse conversar com Les Best sobre uma nova colônia masculina — a Lágrimas de Nate!

— É só um suéter — insistiu Blair, sentindo-se completamente confusa. Por que Nate não podia ser normal e dar a ela uma pulseira de correntinha Tiffany ou outra coisa para parabenizá-la pela formatura? Seria esse o jeito dele de pedir desculpas, ou que ele a queria de volta? Bom, era meio tarde para isso. — Por favor, fique com ele.

— Não posso — Nate arfou, sufocando. Ele queria poder se abrir com Blair, contar a ela que tinha ferrado a formatura, que tinha ferrado tudo em geral. Mas Nate nunca se abriu verdadeiramente com Blair e agora provavelmente não era a melhor hora para começar.

— Tá legal. — Ela dobrou caprichosamente o suéter e o colocou em uma poltrona azul-Yale perto deles. Ela pôs as mãos nos lábios, decidida a não se permitir vacilar. Agora tinha um namorado novo. Um namorado muito, muitíssimo melhor. — É só isso?

Nate assentiu. Depois ele deu um passo à frente, fechou os olhos esmeralda e deu um beijo cuidadoso no rosto macio e suave de Blair. Ele abriu os olhos.

— Meus parabéns — murmurou antes de se virar.

Blair ficou parada ali por um momento com os braços cruzados, ignorando os olhares das colegas de turma que cochichavam. *É só um suéter*, repetiu ela para si mesma.

Ah, é. Então tá.

lembre-me de como eu te amo

Dan ainda estava com a gravata verde da Riverside Prep na festa de Blair. Ele queria ficar mais bonito quando anunciasse a Vanessa que tinha adiado a admissão em Evergreen e queria passar o ano seguinte e possivelmente a vida toda com ela. Assim que chegaram na festa, Jenny foi direto ao bar para pegar uma taça de champanhe, mas Dan vagou perto da porta, os braços cheios de rosas vermelhas, transfixado pela visão de Vanessa resplandecente no vestido branco e sexy de formatura e os sapatos brancos plataforma. Havia um tom rosado nas bochechas dela e um brilho em seus olhos castanhos enquanto ela conversava com Serena van der Woodsen. Serena estava linda como sempre, com o cabelo louro claro caindo em cascata entre as omoplatas nuas e as pernas intermináveis, mas a visão dela não excitava Dan como ver Vanessa.

— Ei, gostosão, traga sua bunda aqui! — gritou Vanessa para ele do outro lado da sala. Ela estava bêbada desde uma da tarde e a visão de Dan, os braços cheios de rosas, era menos excitante do que uma revelação. Uma revelação de bêbada.

Nesta manhã ela quase viajara com o cara errado. Era Dan que ela amava. E como podia não amar — com o jeito relaxado dele, os poemas dolorosamente escritos e o modo como ele aparecia inesperadamente em seu terraço sem roupa nenhuma?

Enquanto Dan se aproximava, ela meio que tentou sair da poltrona listrada de branco e azul-Yale em que estava sentada, mas depois desistiu e caiu novamente.

— Estou tentando abraçar você — explicou ela, rindo para si mesma.

Ela está bêbada, percebeu ele.

Serena o agarrou e lhe deu um beijo no rosto, depois o empurrou no colo de Vanessa.

— Você é sempre tão bonitinho — piou ela, alvoroçando o cabelo castanho-claro e embaraçado de Dan enquanto as rosas vermelhas caíam de seus braços e se espalhavam aos pés deles.

Vanessa lhe fez cócegas debaixo dos braços e ele afastou os dedos afiados dela, de repente sentindo-se mais como o irmão de quatro anos bonitinho de alguém do que o namorado garanhão de Vanessa.

— E aí, a grande notícia é que Serena vai ser estrela de cinema e eu vou ajudar a fazer o filme brega mas de grande orçamento dela, porque se é pra gente se vender, então tem que se vender legal — disse Vanessa a ele com uma animação de bêbada.

Serena e Vanessa bateram as mãos como velhas colegas de futebol. Depois Serena serviu mais Dom da garrafa no chão ao lado da poltrona de Vanessa e passou a taça transbordando a Dan.

— A Hollywood — gritou ela alegremente, esperando que Dan entornasse tudo.

Dan se empoleirou no joelho nu e pálido de Vanessa, tentando não cuspir o champanhe. Ele tinha preparado um poema de amor de Pablo Neruda para recitar, mas talvez agora não fosse uma boa hora.

— Acha que eu devia pedir a eles para colocar uma música pra gente poder dançar? — Serena arrotou alto.

— Mas é claro que sim. — Vanessa quicou na cadeira, levando Dan a tombar no chão. — O Dan vai dançar com a gente, não vai, Dan?

Dan se colocou de pé com dificuldade, ansioso para que Serena o deixasse sozinho com Vanessa.

— Claro.

Serena girou e se afastou, uma visão de seda amarela e cabelos louros. A sala estava abarrotada de gente e o ar era espesso de fumaça de cigarro e perfume. Todos estiveram comemorando desde a manhã, então parecia ser quatro da madrugada em vez de dez da noite. Em nome dos velhos tempos, um grupo de meninas da Seaton Arms e da Constance estavam fazendo o Jogo da Garrafa com um grupo de meninos da Riverside.

— Primeiro eu! — gritou Chuck Bass, ajoelhando-se para dar um giro vigoroso na garrafa vazia de Stoli.

Típico.

— Meu pai ficou puto comigo hoje — confessou Dan. Ele se empoleirou no braço da poltrona de Vanessa, de repente tão nervoso que nem conseguia tomar o champanhe. Ela não olhava para ele, mas ele esperava que estivesse ouvindo.

— Acho que eu devia ter contado a ele antes de fazer meu discurso.

Vanessa estava vendo Serena enquanto ela azarava Jarvis Cocker — o DJ britânico cool que usava uma cartola preta na cabine do outro lado da sala. Ela não podia deixar de admirar como Serena era tão completamente sem-vergonha. Ela faria qualquer coisa desde que não fosse ilegal ou humilhante, só porque a divertia. O que Vanessa mais admirava, porém, era que Serena não era convencida — ela era só *Serena*. E ela não parecia precisar de ninguém mais para ser Serena. Ela ficava muito bem sendo ela mesma.

— Olha, eu meio que mudei de idéia sobre ir para Evergreen — continuou Dan. — Pelo menos, não agora.

Vanessa podia sentir Dan encarando-a e percebeu que ele estava tentando lhe dizer alguma coisa importante e que ela perdera metade disso.

— Peraí. Como é?

Dan deslizou pelo braço da poltrona e se ajoelhou no chão de madeira âmbar encerado, pegando as mãos de Vanessa.

— *Eu não te amo a não ser porque te amo* — recitou ele.

Vanessa ficou feliz que a sala estivesse lotada; caso contrário, ela podia ter ficado meio sem-graça.

— Não consigo imaginar não dividir o ar que você respira, morando a tantos quilômetros de distância — disse Dan a ela com franqueza, desta vez em suas próprias palavras. — Como eu disse no meu discurso, posso ir para a faculdade a qualquer hora, mas estou apaixonado por você agora. E a única coisa que eu quero, minha única necessidade, é ficar com você.

A cara de Vanessa ficou vermelha e começou a formigar. Bom, ela o amava, mas ele tinha que tornar tudo assim tão dramático?

— Então você... — A voz dela falhou de incerteza.

— Vou ficar aqui — continuou Dan, venerando-a com os olhos castanhos. — Com você.

De repente a nova música do OutKast que ninguém conseguia ouvir sem ficar de pé e rebolar a bunda começou a berrear dos alto-falantes dez decibéis mais alto do que o R&B suave que estava tocando antes. Serena apareceu, pegou a mão de Vanessa e a puxou da poltrona.

— Vem, moderninha — disse ela, adulando-a. — Me mostra o que você sabe.

Vanessa sempre odiou dançar, pelo menos em público, mas precisava se afastar de Dan agora e de toda a intensidade dele. Serena bateu os quadris nos dela e Vanessa riu e fez o mesmo. Ela podia sentir Dan observando-as intensamente, mas ela não se virou. A música era boa e ela se sentia vibrante e linda com seu vestido Morgane Le Fay branco e escorregadio. Dan deve ter ficado maluco para pensar que era uma boa idéia não ir para a faculdade no ano que vem. É claro que ele ia, mas eles podiam passar o verão juntos, namorando. A música ficou mais alta ainda e Vanessa levantou os braços nus no ar, dançando. Dan era totalmente pirado, mas ela também, por sempre ter dito que não dançava.

o rastro de lágrimas de n

Nate estava sentado na beira de um dos tapetes orientais do estar do Yale Club, fingindo ver o Jogo da Garrafa. Aquela francesa hippie, a Lexie, que o seguira a toda parte dizendo ser loucamente apaixonada por ele, e as outras amigas dela da L'École estavam sentadas num círculo apertado só a alguns metros de distância, todas usando camisetas de crochê com a barriga magra de fora, fumando Gauloises como demônios. Ele esperava que ela não percebesse a presença dele.

Tarde demais.

— Nate? — Lexie se sentou nas coxas, a barriga esquelética e bronzeada se projetando de uma forma que ela deve ter julgado irresistível. Lexie tinha um piercing no umbigo e ele ainda estava rosado e novo.

Eca.

Ela esticou os braços compridos por cima da cabeça, dando ao resto da sala uma boa visão da tatuagem de sol, lua e estrelas na omoplata direita.

Uh-la-la.

Nate sorriu, fingindo só ter percebido Lexie agora.

— Oi, Lexie. — Ele acenou cautelosamente e depois abraçou os joelhos para mostrar que não tinha a intenção de se juntar a ela.

Lexie revirou os olhos castanhos e bateu o rabo-de-cavalo comprido e preto em um ombro.

— Cretino — retorquiu ela com um forte sotaque francês e uma carranca que parecia muito francesa. — Você acabou comigo.

Alguma coisa excitante tinha acabado de acontecer no Jogo da Garrafa e todos uivaram e bateram palmas. Nate começou a bater palmas também — qualquer coisa para evitar um confronto com Lexie.

Serena e a garota esquisita de cabeça raspada da Constance com que Blair supostamente morava e com quem, segundo se dizia, tinha um caso lésbico estavam dançando como divas do disco no meio do salão, parecendo bêbadas e em êxtase — como você deve ficar no dia de sua formatura do Ensino Médio.

Isto é, se você realmente conseguiu seu diploma nesse dia, ao contrário de uma certa pessoa que conhecemos.

Nate teve um lampejo súbito de *déjà vu*, ou talvez fosse enfado. O que quer que fosse, era triste e parecia francês. Ele se lembrou de ficar de porre em uma festa qualquer na casa de Dan Humphrey no West Side na sétima ou oitava série e deixar que Blair e Serena desenhassem uma carinha em sua barriga com marcador permanente. Elas chamaram a carinha de Dentuço Nu, e cada menina tinha beijado O Dentuço repetidamente durante a noite, até depois de Nate desmaiar.

Bons tempos, aqueles.

De repente Nate se encheu de medo. E se ele já tivesse vivido toda a diversão da vida? E se daqui para a frente a ladeira só descesse?

E se ele ficou mais idiota a cada ano do Ensino Médio em vez do contrário? Isso pode acontecer quando você fica chapado durante a maior parte de sua vida.

As lágrimas começaram a escorrer lentamente por seu rosto dourado. Todos os outros na festa pareciam estar felizes e tão animados com o futuro, mas ele não tinha mais certeza do que viria pela frente.

J pensa em perder aquilo antes do internato

As festas sempre pareciam intimidar Jenny — em especial festas onde a maioria das meninas tinha peitos normais e era mais alta, mais bonita e mais confiante do que ela. Mas agora que estava no colégio interno, Jenny sentia que as possibilidades — pelo menos, as possibilidades *para ela* — eram numerosas. Ela não precisava ser a pequena Jenny Humphrey, a garota artista de cabelo crespo, joelhos nodosos e peitos gigantescos. No ano que vem, na Waverly, ela podia ser Jennifer Humphrey, o ímã ofensivamente confiante de rapazes, a garota mais descolada da turma do segundo ano, ou talvez de toda a escola.

Talvez.

E se ela tivesse que mudar sua imagem, parecia prudente que fizesse alguma coisa drástica, tipo perder a virgindade.

Caraca.

Ela já estava observando Nate Archibald há algum tempo. Ele parecia diferente de quando terminou com ela na festa de Ano-novo. Estava chorando, por algum motivo, e os ombros estavam arriados, como se ele tivesse recebido notícias ruins

e não fosse capaz de se livrar delas. Até seus olhos verdes esmeralda pareciam ter perdido o brilho. Ela mal conseguia resistir ao impulso de dar um abraço nele.

— Oi, Nate — gritou ela, pegando ousadamente no ombro dele. — Lembra de mim?

Com esses peitos? Nem o cara mais chapado do mundo se esqueceria.

Nate passou as mãos na cara inchada e tentou sorrir.

— E aí, Jennifer — ele a cumprimentou com o tipo de ânimo cansado de alguém que teve um dia difícil e não estava com muita vontade de conversar.

— E aí, você terminou tudo na escola e essas coisas? — insistiu Jenny. Ela estava plenamente consciente de que, daquele ângulo, Nate olhava de baixo as prateleiras dos peitos enormes dela, que estavam enfiados em um top preto Anthropologie com um sutiã reforçado de Lycra. Provavelmente ele não podia ver o rosto dela. Ela se agachou ao lado dele, balançando devagar nas sandálias BCBG azul-bebê. — Eu vou para o colégio interno, Waverly Prep, no ano que vem — revelou ela. — Estou louca para ir!

Nate ficou meio surpreso que Jennifer quisesse conversar com ele, mas ficou grato porque isso significava que não tinha mais que evitar falar com Lexie.

— É uma boa escola.

— É, e nem vou precisar usar aquele uniforme idiota da Constance de novo — acrescentou Jenny toda empolgada, já se arrependendo de como parecia petulante e infantil. Depois ela se lembrou de algo que não a faria parecer infantil. Ela se aproximou um pouco da orelha de Nate. Ele tinha cheiro de

camisa recém-lavada e aquela deliciosa colônia Hermès de parar o coração que ele sempre usava. — Estou com um comprimido de Ecstasy na minha bolsa. Alguém me deu em Croton School quando eu estava de visita. Eu nem sei se dá para dividir um comprimido, mas... — ela deu seu sorriso mais tímido e convidativo.

Como azarava, como se arriscava a nova Jenny Humphrey a-caminho-do-internato!

Nate pestanejou. Jennifer não estava só falando com ele, estava dando mole para ele — *e muito*. O que é isso, será que ela pensava que ele ia simplesmente engolir um comprimido de E e transar com ela bem no meio do estar do Yale Club, cercado por conhecidos, inclusive a ex-namorada Blair e sua ele-não-tem-certeza-mas-acha-que-logo-deve-ser-ex-namorada Serena?

Alguma vez esse tipo de coisa o impediu?

Nate só tinha tomado Ecstasy duas vezes com Charlie, Anthony e Jeremy, mas nas duas vezes ele gostou imensamente. Não havia nada como aquela sensação boa e eufórica do Ecstasy — até que passa o efeito e você fica cansado e desidratado e só quer mergulhar em um balde de Poland Spring. Ele definitivamente estava se sentindo mais por baixo agora do que nunca na vida. Talvez um pouco de Ecstasy com a baixinha Jennifer Humphrey — que parecia ficar mais bonitinha com o passar do tempo — fosse exatamente do que ele precisava.

Jenny podia ver que Nate estava tentado. Estimulada por sua capacidade de ludibriar garotos mais velhos e bonitos

com seu jeito sedutor, ela sussurrou sensualmente no ouvido dele:

— Vamos para o banheiro e mandar ver.

Como é que é? Será que ela não se lembra do que aconteceu da vez passada, quando ela estava sozinha em um banheiro com um cara mais velho e excitado?

o que você prefere não ouvir não pode te magoar

Blair estava no reservado de um dos elegantes e imaculados banheiros decorados em ouro das mulheres no Yale Club pensando no fato de que não vomitava há mais de um mês quando ouviu os primeiros boatos preocupantes.

— Eu soube que ele nem é um lorde de verdade. Ele é só um inglês que veio para cá e fingiu ser um grande aristocrata. Aposto que ele não caça raposas nem usa fraque e cartola para jantar nem nada disso — tagarelou Laura Salmon do reservado ao lado do de Blair.

— Eu só acho que é mesmo uma merda da parte dele. Quer dizer, se ele está noivo de alguma garota na Inglaterra, isso significa que ele na verdade está traindo as duas — responde Kati Farkas negligentemente enquanto borrifava o cabelo com um frasco de amostra de spray capilar Frederick Fekkai pela terceira vez naquela noite. — Eu simplesmente adoro o cheiro desse troço. Você não adora o cheiro? Às vezes eu até ponho nas minhas roupas, embora

eu saiba que é meio tosco. Quer dizer, é um spray para cabelo!

Blair manteve erguida a saia pregueada de cetim branco Oscar de la Renta para que as meninas não a reconhecessem. *Será que elas estavam falando de Lorde Marcus?*

— Eu só acho que alguém devia contar a ela — declarou Laura antes de dar a descarga. Ela abriu a porta do reservado e começou a lavar as mãos com o sabonete líquido de limão L'Occitane fornecido pelo Yale Club. — Você não acha?

— Total — concordou Kati.

Como se elas tivessem coragem para isso.

Blair esperou até que elas saíssem antes de abrir a porta do reservado. Seu estômago revirava de tanta vodca e champanhe que tinha tomado nas últimas horas, mas ela não ia recorrer ao vômito e se arriscar a sujar a saia de seu terninho primoroso.

O que elas sabem sobre o Marcus?, enfureceu-se ela. A inveja dessas meninas era tão transparente que ela ficou ainda mais enjoada só de pensar nisso. É claro que ele era um lorde. Será que elas não perceberam seus maravilhosos sapatos Church sem um arranhão? O corte impecável do cabelo? As camisas Savile Row feitas sob medida? Será que elas não ouviram como ele a chamava de “linda” e “querida” e a beijava na mão como se fosse a coisa mais natural do mundo? Não havia nenhuma menção a uma noiva quando Blair procurou pelo nome dele no Google. De jeito nenhum ele era noivo — de ninguém, a não ser dela. Ela fechou os olhos sonhadora. Lady Blair Rhodes — tinha um som bem legal.

A porta do banheiro se abriu e Isabel Coates entrou, parecendo histérica porque a fivela de cetim branco Dior se afrouxara enquanto ela dançava. Isabel sempre era tão maníaca pelo cabelo que Blair se perguntou por que ela simplesmente não o cortava.

— Ah. Você está aqui — observou Isabel, deixando óbvio que ela acabara de fazer parte da dissecação que Laura e Kati promoveram do dito Lorde Marcus. — Acho que eu é que tenho que te contar. — Ela baixou a voz para que Blair soubesse que o que ela ia dizer era extremamente importante. — Antes de você se magoar.

Como se ela realmente se importasse.

Blair semicerrou os olhos, olhando gelada o reflexo de Isabel no espelho emoldurado em ouro.

— Me contar o quê?

Isabel enfiou alguns fios de cabelo castanho atrás das orelhas, depois franziu a testa e arrancou a fivela, começando tudo de novo. Blair pensou que a calça jeans curta e a camiseta vermelha Juicy rasgada a deixavam brega e desesperada, como Paris Hilton.

— O Lorde Marcus é casado — disse Isabel sem rodeios, estremecendo ao tentar deixar o rabo-de-cavalo totalmente liso e sem calombos.

Blair passou gloss Chanel Stroppy nos lábios pela sétima vez em cinco minutos. Ela estava tão puta, que pensou que finalmente podia vomitar.

— *Besteira.*

Isabel revirou os olhos castanhos de cílios longos e suspirou como se já estivesse de saco cheio do assunto.

— Bom, *quase*. Ele é noivo. Ele está noivo desde, tipo assim, os dez anos de idade. Sabe como é, tipo a Lady Di e o príncipe Charles?

Blair girou, afastando-se do espelho, os punhos fechados com força para não estrangular o pescoço de avestruz de Isabel.

— E onde exatamente você soube disso?

Isabel deu de ombros de um jeito exasperante.

— Todo mundo sabe. É, tipo assim, um *fato*.

Dependendo de sua definição de *fato*.

— Essa é a coisa mais idiota... — Blair estava prestes a tentar defender a honra de Lorde Marcus, mas se deteve. Eles eram jovens, estavam apaixonados, quem se importava com o que os outros pensavam? *Mesmo* que houvesse uma chata na Inglaterra com quem Lorde Marcus devia se casar, ela provavelmente parecia a rainha Vitória e ficava com a bunda gorda sentada no castelo comendo bolo o dia todo, perguntando-se por que Lorde Marcus nunca telefonava.

Isabel sorriu para seu reflexo, finalmente satisfeita.

— Eu só pensei que você devia saber. — Ela deu de ombros e depois ergueu as sobrancelhas hiperdepiladas para Blair. — Quer fumar um cigarro com a gente? — ofereceu ela, como se elas todas ainda tivessem 13 anos e só fumassem em grupos.

— Não. — Blair passou por ela, empurrando-a, e saiu pela porta do banheiro. Ela espiou o estar loucamente apinhado, mas a poltrona onde ela e Lorde Marcus estavam sentados juntos agora era ocupada pelo amigo magrela, barulhento e chapado de Nate, Jeremy, e uma francesa desmazelada que tentava ensi-

nar a ele como fazer anéis de fumaça no formato de coração. Lorde Marcus não estava em lugar nenhum à vista. Blair passou os dedos no colar de pérolas Bvlgari e andou pelo corredor até o elevador.

A noite toda ela quis ficar sozinha com Lorde Marcus em seu quarto. Agora era sua chance.

d repensa os planos de verão

A mão que segurava o cigarro de Dan tremeu violentamente enquanto ele via a irmã desaparecer no banheiro dos homens, seguida por aquele mauricinho doidão arrogante do Upper East Side, Nate Archibald. Jenny parecia estar mais ousada e mais segura de si à medida que o ano avançava, enquanto ele parecia estar regredindo ao mané sem amigos e cheio de frescuras que ele tinha sido até este ano. Ela até conseguiu ir para o internato depois que as admissões do ano letivo seguinte foram encerradas, enquanto ele reduzira suas opções a nada.

A música agora era realmente alta e Vanessa e Serena inspiraram meia sala a se levantar e dançar. Vanessa tinha tirado as sandálias de salto plataforma, mostrando os pés de unhas pretas pálidos e profundamente arqueados. Dan adorava beijar o arco dos pés de Vanessa. Ele podia escrever sonetos sobre o arco dos pés de Vanessa. Mas isso foi quando Vanessa não bebia, não dançava, não usava branco e nem nada a não ser jeans pretos, meias pretas e Doc Martens. Ela parecia tão diferente agora — se ele tivesse que escrever um poema sobre ela, não tinha certeza de por onde começar.

Vanessa dançou para ele e passou os braços em seu pescoço. A pele clara dela estava escorregadia de suor e as pálpebras pesadas de toda a vodka que ela consumira.

— Eu te amo, Dan. Te amo mesmo — murmurou ela sensualmente na orelha dele antes de se afastar de novo, o corpo todo brilhando. Dan ficou encarando, sinceramente acreditando que ela o amava. Ela só não precisava dele com ela, não o tempo todo. Ela estava ocupada demais largando seu casulo preto e se transformando em uma mariposa brilhante de asas brancas.

Mas ele já havia adiado a admissão em Evergreen. O que ele ia fazer agora?

Acendendo um Camel, ele pensou em invadir o banheiro dos homens para resgatar Jenny em nome dos velhos tempos, e porque um ato nobre desses podia fazer com que ele se sentisse melhor, mas ele estava cheio de sempre ser o irmão mais velho responsável. Por que alguém não podia resgatar *a ele*, só para variar?

Tá legal.

— Filho? Posso conversar com você um minuto?

Dan largou o cigarro no tapete oriental vinho e dourado, quase pulando de surpresa das calças Vans azuis e desbotadas. Era seu pai, com o moletom preferido de algodão roxo e camiseta preta dos Mets, vermelho de tomar vinho tinto demais.

— Acho que sim — respondeu Dan devagar. A música no estar era absurdamente alta. Dan levou Rufus para fora. Na avenida Vanderbilt, o ar era vaporoso e as calçadas eram de um preto reluzente. Do outro lado da rua, a Grand Central Station parecia uma relíquia gigante do passado. Um Buick Skulark 77 azul-metálico, outra relíquia do passado, estava estaciona-

do na frente do Yale Club, parecendo completamente deslocado. Duas magricelas da L'École estavam sentadas no capô brigando para ver quem era mais bonita ou quem fumava Gauloises com mais ostentação. Atrás delas, as sandálias Gucci douradas estavam descartadas em uma pilha. De repente elas começaram a se beijar.

— Meu Deus — murmurou Rufus, puxando a barba grisalha opaca que parecia um Bombril usado.

— Que foi, pai? — gemeu Dan impaciente. Era meio constrangedor ficar parado ali, fora da festa, com o pai. Ele sentia com 11 anos de idade.

Rufus enfiou as mãos por dentro do cós de elástico do moletom roxo e Dan vacilou ao pensar como o gesto não era nada atraente.

— Depois que você saiu, recebi um telefonema de um professor grego delirante da Evergreen. Primeiro ele veio com um papo maluco de que você devia dormir na rede dele e comer folhas de uva com ele, mas depois começou a ficar filosófico sobre como os garotos da sua idade não conseguem diferenciar o sexo do amor. Ao que parece, ele é um especialista no assunto.

“Mas então eu conversei com ele por um tempo, e o que concluí foi que ele vai fazer com que segurem sua vaga pelo outono, a) porque eu pedi a ele, b) porque ele devia ser seu orientador e quer que você o ajude no livro dele e c) porque nós dois gostamos de você, embora você seja um cabeça-oca.”

Dan se ressentia do tom afetuosos e um tanto paternalista do pai.

— Não pode me dizer o que fazer — contra-atacou ele,

cruzando as mãos no peito e parecendo mais novo a cada minuto. — Não pode.

— É verdade — concordou Rufus. Ele gesticulou para o moderno Buick estacionado em frente ao Yale Club. — Mas eu já comprei o carro para você. O mínimo que você pode fazer é me deixar te ensinar a dirigir neste verão e depois dar o fora daqui.

Dan já lera sobre epifanias e escrevera sobre epifanias, mas nunca tivera uma de verdade. Ele conseguira entrar para todas as universidades a que se candidatou, tinha um poema publicado na *New Yorker*. E o que ele ia fazer no ano que vem — trabalhar numa livraria ou servir a mesas para se manter ocupado enquanto Vanessa estava em aula?

— Eu podia tirar o verão para trabalhar — disse ele, sem estar disposto a deixar que o pai pensasse que ele podia ser convencido com essa facilidade toda. Ele e Vanessa podiam passar o verão namorando sempre que ela não estivesse ocupada trabalhando naquele filme e ele não estivesse ocupado dirigindo por aí nesse... ímã de mulheres. Quem sabe? Talvez houvesse outras garotas para amar além de Vanessa, só o que ele tinha de fazer era tirar a carteira de motorista e dirigir para o Oeste para descobrir.

Rufus estendeu a mão para dar um tapinha nas costas dele, mas Dan abriu os braços e deu um abraço no pai.

— Essa festa estava meio chata mesmo — confessou ele.

Rufus grunhiu e o levou para o carro, que tirava uma onda iluminado por um poste perto do meio-fio.

— Então, que tal eu te dar a primeira aula de direção?

Ai. Você não adora finais felizes?

sexo, drogas e rock'n'roll

Jenny trancou a porta do reservado para deficientes físicos no banheiro dos homens, insegura se tirava a roupa ou pegava o comprimido de Ecstasy na bolsa. Havia um abanar de impaciência nas narinas de Nate, mas ela não tinha certeza do que ele queria primeiro, se sexo ou drogas.

Ela abriu o fecho da LeSportsac preta com os gatos persas brancos e abriu a bolsa de moedas no mesmo padrão.

— Aqui está. — Ela retirou o pequeno pedaço de Saran Wrap com o comprimido dentro e começou a desenrolá-lo com cuidado.

Nate espiou por sobre o ombro dela.

— Quer tomar ou eu tomo?

Jenny não ia querer e ele obviamente queria.

— Toma você. — Ela estendeu a palma da mão e Nate pegou o comprimido entre o polegar e o indicador. Ele abriu a boca, fechou os olhos e esticou a língua, apertando o comprimido nela antes de abrir os olhos e fechar a boca novamente. Desse jeito ele não ficava muito bonito, mas Jenny ainda tinha a intenção de transar com ele. Este era o canto do cisne

dela, sua última chance de forjar suas próprias lembranças e ser lembrada.

Ah, ela ia ser lembrada, sem dúvida nenhuma.

— Tem gosto de alguma coisa? — perguntou ela, genuinamente curiosa.

— Nada. — Nate sorriu. Quanto mais tempo passava sozinho com Jennifer, mais ele se sentia com sua velha identidade de volta. Só o que ela queria era um pouco de diversão sem compromisso, sem expectativas de final de ano antes de ir para o internato ou a droga para onde ela fosse no verão, e esta era a especialidade dele. Ele se curvou e beijou Jenny com delicadeza nos lábios, como se estivesse mordendo uma coisa que ainda estava quente demais para comer. — Mas você tem.

Jenny adorava a idéia de que estava usando Nate e o fato de que ele *queria* que ela o usasse lhe deixava bem mais do que excitada. Ele afagou o cabelo castanho crespo de Jenny e ela ergueu o queixo e olhou nos incríveis olhos verdes dele.

— Lembra quando eu me apaixonei por você?

Nate sorriu novamente e a beijou mais uma vez. Ele fez isso por algum tempo, sorria e beijava, sorria e beijava, como se estivesse lambendo um sorvete de casquinha delicioso.

— Você tem uma pele de... de... *pétalas* — observou ele esperando o Ecstasy fazer efeito. Ele passou a ponta do nariz na têmpora de Jenny. — Grrr.

Jenny riu. Era totalmente sensacional estar assim tão perto e tão à vontade com Nate de novo. Ele era absurdamente lindo e ser beijada por ele era muito, muito, *muito* bom. Mas Nate estava começando a entrar numa trip e ela não queria

perder a virgindade com um cara que achava que era um filhote de Labrador. Isso ela não ia fazer.

Bom, pelo menos Jenny tinha essa integridade toda.

Ainda assim, esta era sua última noite de doideira antes de pegar o avião para passar o verão em Praga. Ela não estava pronta para terminar.

Nate passou o queixo nas sobrancelhas castanhas e feitas de Jenny e ela ergueu o queixo para dar outro beijo longo e faminto nele. O irmão dela sempre lamentava que a vida dele era um saco. Mas ela não podia discordar mais. Não era como se ela pretendesse que a vida fosse assim, emocionante. Simplesmente era; e realmente era.

não há nada como um pouco de mistério

— Marcus, querido? — chamou Blair insegura através da porta de madeira branca mofada do quarto de Marcus. Ela não o chamara de “querido” em voz alta antes, mas estava se tornando sua palavra carinhosa preferida. — Você está aí?

Ela pensou em ficar só com as pérolas Bvlgari bem ali no corredor, mas o Yale Club sempre tinha os quartos ocupados, e se um professor engravatado de Yale a visse nua esta noite e depois ela o pegasse em Introdução ao Direto ou outro de seus cursos de caloura no ano que vem?

Bom, certamente tornaria o curso mais interessante.

— Marcus? — Blair apertou a orelha na porta, tentando ouvi-lo. Nada. Ela tentou a maçaneta. A porta estava destrancada. Ela empurrou alguns centímetros e enfiou a cabeça para dentro. — Marcus? — Nada ainda. Ela empurrou a porta e a abriu completamente.

As gavetas do armário de carvalho antigo tinham sido abertas e uma toalha molhada estava amarrotada na cama. O ar estava pesado de vapor e o aroma da colônia Carolina Herrera for Men de Marcus. A porta do closet estava aberta. Os cabides de cedro estavam vazios. Marcus tinha ido embora.

Êpa.

Blair se sentou pesadamente na cama, sentindo-se muito como a heroína que terminou o namoro mas era linda em um dos filmes épicos de sua cabeça que ela parara de assistir por algum tempo. Ela renunciou a seus enormes óculos de sol Jackie O, o cachecol Hermès e o sobretudo Burberry, porque a heroína que estava apaixonada e tinha namorado não precisava deles. Agora ela os queria de volta.

Como foi que isso aconteceu? Será que o único propósito dela na vida era servir de uma droga de capacho para rapazes como Nate e Lorde Marcus esfregarem a sola dos sapatos mentirosos e traidores Church's of London?

Seu estômago se revirou, ela se levantou e correu para o quarto dela, vizinho ao dele, pretendendo vomitar assim que chegasse ao banheiro. Apoiado na escrivaninha havia um envelope grande e creme com as palavras *Minha Querida B* escritas na letra rebuscada de Marcus, e uma caixinha de veludo preto com a palavra BVLGARI impressas em ouro. Blair resistiu ao impulso de abrir a caixa e abriu o envelope. Dentro havia um bilhete de Marcus escrito num cartão creme Crane com LORDE MARCUS BEATON-RHODES impresso no azul Yale, junto com uma passagem da British Airways.

Blair continuou de pé enquanto devorava o bilhete, tentando ignorar as pequenas explosões em sua barriga, como bolhas de sabão que estouravam.

Minha queridíssima Blair, Bee, minha abelhinha,

Como eu poderia saber, quando planejei uma curta visita a Nova York depois de completar Yale, que conheceria uma mulher e me apaixonaria por ela? E não por qualquer mulher —

você. Seria impossível descrever meus sentimentos, então eu corri e comprei para você duas coisinhas para acompanhar o colar. Prometa-me que vai usá-las quando eu a vir, o que deve acontecer daqui a algumas semanas, se você for tão gentil para levar sua beleza no avião para o qual eu tão presunçosamente reservei um lugar para você — na primeira classe, é claro. Para daqui a duas semanas, o que lhe dá muito tempo pra comprar todo um novo guarda-roupa, fazer uma série de tratamentos faciais ou de bronzamento, ou o que quer que você faça para se manter tão estonteante como sempre está. Desculpe por fugir de você desse jeito, mas é sua festa de formatura da escola, a única que você terá na vida, e eu não queria estragá-la dizendo adeus. Muito bem, estou indo. Por favor, vá à Inglaterra. Vou sentir sua falta.

Com amor, como sempre
Marcus

Blair pegou a caixinha de veludo preto na escrivaninha branca e a abriu. Duas pérolas enormes e perfeitas reluziram para ela, cada uma pendurada em um *B* cursivo de ouro — os brincos para combinar com o colar. Ela arrancou os brincos de pérola e colocou os Bvlgaris.

Bee. Minha abelhinha.

Parecia muito duvidoso que Marcus estivesse noivo de alguma duquesa gorda e nariguda de sangue azul se ele comprou para Blair uma passagem aérea para a Inglaterra para que ela conhecesse a mãe dele. A julgar pelo material de escritório impecável, Lorde Marcus também era um lorde autêntico. E

a julgar por seu bilhete e a passagem de avião e as pérolas, ele verdadeiramente a amava.

Abrindo a primeira gaveta da escrivaninha, ela enfiou a passagem aérea junto com seu sutiã meia-taça La Perla preto preferido.

Ao contrário do que se acredita, não há nada como uma partida misteriosa para acender o interesse de uma mulher.

você sabe que me ama

O cabelo louro claro de Serena estava colado de suor e o vestido Tocca amarelo grudava em sua pele como um lenço de papel. Ela dançou por uma hora e mal conseguia ficar de pé. Vanessa estava apoiada na parede, tomando uma garrafa de Perrier, o rosto vermelho do esforço. Serena se juntou a ela, pegando a água da mão da amiga e despejando na garganta.

— Você não viu o Dan, viu? — perguntou Vanessa sem fôlego. Agora que tinha acabado de dançar, podia ser divertido achar um canto sossegado no clube em algum lugar e se agarrar com Dan um pouco.

— Não — assinalou Serena. As duas meninas olharam o salão, os olhos ardendo do sal de seu suor. Um grupo de meninos do segundo ano com uniforme cinza de uma escola católica estava fazendo uma pirâmide humana com Chuck Bass no alto, embora ele pesasse tanto quanto todos eles juntos. Uma das meninas da L'École tinha tirado a camiseta e estava dançando sozinha no canto, fumando um baseado e arranhando uma guitarra, uma tatuagem de sol, lua e estrelas se destacando na omoplata.

— Essa festa está esquisita — observou Vanessa.

— Você viu o Nate? — perguntou Serena. Ela se lembrava vagamente de ter chegado com ele, mas não o vira desde então. Ela estreitou os olhos, meio que esperando encontrar Nate chorando no bar, mas não o viu em lugar nenhum.

Blair saiu do bar, uma *flûte* nova de champanhe borbulhante na mão e um cigarro novo pendurado de uma piteira antiga de ébano e madrepérola entre os lábios, parecendo uma personagem de um filme antigo. Serena tomou impulso na parede e foi para o bar.

— Eu adoro as suas pérolas.

Blair decidiu não cuspir na cara de Serena nem arrancar seus olhos azuis.

— O Marcus me deu.

Serena assentiu, prestes a dizer alguma coisa sobre que cara maravilhoso era o Marcus, mas ela estava distraída.

— Você viu o Nate?

Blair tomou um longo gole de champanhe e soprou fumaça no ar. Andara ocupada aceitando presentes de seu namorado aristocrata misterioso. Não teve tempo de acompanhar o paradeiro errático de Nate.

— Na verdade, não.

Serena varreu a sala com os olhos.

— Ele tem agido de um jeito estranho — observou ela, roendo a unha do polegar. — Você não acha?

Mais uma vez, Blair não tinha opinião sobre o assunto. O suéter verde-musgo estava ali onde ela o deixara, dobrado em uma poltrona próxima.

— Acho — concedeu ela.

Aquela baixinha peituda do primeiro ano, Jenny Humphrey, saiu do nicho onde ficava o banheiro dos homens, o cabelo crespo escuro meio despenteado e a boca vermelha e inchada, como se tivesse beijado demais. Ela parou e estendeu a mão, como que para uma criança. Depois Nate surgiu, parecendo desorientado e feliz. Jenny pôs o braço na cintura dele, ele se virou e a beijou com ansiedade na boca, como se os lábios dela fossem feitos de chocolate ou coisa assim.

— Oh! — exclamou Serena, como se tivesse sido beliscada. Ela piscou os olhos azuis, tentando averiguar se estava verdadeiramente magoada ou surpresa. Nunca pareceu certo ela e Nate juntos. E seria melhor ficar sozinha neste verão, para poder se concentrar no filme. Pelo menos agora ela não teria de se incomodar em terminar com ele. Não que eles estivessem realmente juntos.

Não, não mesmo.

— Típico — zombou Blair. Ela pegou um Merit Ultra Light do maço e passou a Serena. — Não fique chateada. Ele não consegue se conter.

Serena pegou o cigarro e o colocou entre os lábios, esperando que Blair acendesse para ela.

— Não estou chateada — suspirou ela, sentindo-se aliviada. Pela primeira vez, ela e Blair estavam se unindo contra Nate em vez de brigar por ele. Era uma mudança bem-vinda. — E aí, vai me emprestar para o filme? — Ela apontou para a piteira de Blair. — Apesar de eu achar que vou me lascar se tentar usar isso. Sou tão desajeitada.

Blair adorava quando Serena se diminuía. Dava esperanças a ela.

— É claro que empresto.

Instintivamente, as duas meninas se viraram enquanto alguém se inclinava para elas do outro lado da sala. A cara de Nate estava relaxada, os olhos verdes enormes e o corpo parecia mais solto do que o normal. Ele veio até elas de braços abertos, agarrou Serena e a puxou em um beijo ainda mais grudento do que tinha dado em Jenny. Serena riu e o afastou.

— Natic!

Mas ele estava impossível. Largando Serena, ele foi para Blair, apertou os lábios nela e meio que aspirou toda a boca da garota.

— Que porra é essa? — exclamou Blair, dando um passo para trás para se libertar.

Nate ficou parado entre as duas meninas, sorrindo como o cara mais sortudo da terra.

— Somos todos tão bonitos — disse ele, à guisa de explicação. — Não consigo parar de beijar.

Os olhos de Blair encontraram os de Serena. Nate estava agindo de um jeito estranho. Ele estava de miolo mole, como se dizia antigamente. Ainda assim, havia alguma coisa de contagiante na exuberância de cachorrinho dele. Eles tinham se formado hoje. Por que não agir de um jeito estranho? E por que não beijar todo mundo? Alguns ali poderiam não ficar juntos novamente.

E alguns iam ficar muito juntos.

— Quer ver uma coisa bem legal? — perguntou Blair, erguendo a sobrancelha de uma forma que todas as alunas mais novas da Constance passavam horas tentando imitar.

Ela deu um passo à frente e pôs as mãos nos ombros nus de Serena. De imediato Serena entendeu o que elas iam fazer.

As duas meninas sorriram, as cabeças se aproximando cada vez mais uma da outra, como se em câmera lenta.

— Você sabe que me ama — murmuraram elas em uníssono antes de seus lábios se encontrarem num beijo.

A sala ficou perceptivelmente silenciosa enquanto todos paravam o que estavam fazendo e se viraram para olhar, mas as duas meninas continuaram se beijando. Era alguma sacanagem, perguntou-se todo mundo, um último trote de veteranas?

Talvez. Ou talvez não.



Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Bom dia, formados!

Você não acha que sua cara estava um pouquinho diferente hoje de manhã — ou de tarde, eu deveria dizer, uma vez que nenhum de nós nem foi para a cama antes desta manhã? Ontem foi meio surreal, mas sim. Aconteceu mesmo. Nós acabamos e agora estamos *acabadas*.

Os dias são curtos e as noites são muito, muito longas

É terça à tarde — quase noite, na verdade — e aqui estou eu ainda na cama. A primeira coisa que eu fiz quando acordei? Atirei minha roupa de formatura no fundo do meu closet e atirei meus uniformes da escola que nunca-mais-vou-usar na lixeira do meu prédio. Depois pensei em fazer planos complicados de levar um bando de amigos para a praia em Sag Harbor no meu novo carro europeu maravilhoso. Mas depois mudei de idéia. Não tinha absolutamente pressa nenhuma. Podemos fazer isso amanhã, ou depois de amanhã, ou depois de depois de amanhã. Então eu pedi o café-da-gmanhã

da E.A.T., subi na cama, e aqui ainda estou, completamente contente. Vou ficar aqui por pelo menos meia hora — até que esteja na hora de me preparar para sair novamente. Nem pense em brincar no sol o dia todo — você precisa acordar cedo para isso. O verão na verdade é de noites longas, muito longas!

Yale Club adota nova política de festas

Já se passaram doze horas e eles ainda estão tirando gente dos tapetes orientais no estar e colocando-os em táxis. Depois da mistura da noite passada de meninas de topless, meninos em pirâmides humanas, meninas se agarrando com meninas, meninos se agarrando com meninos, o desaparecimento da bandeira de Yale que ficava pendurada na porta da frente do clube e hóspedes reclamando da música insanamente alta e da fumaça de cigarro, o clube simplesmente teve de tomar uma atitude. De agora em diante, os membros do Yale Club são bem-vindos para dar festas, mas só para outros membros do Yale Club e suas famílias. Nenhum convidado de fora terá permissão de entrar. Parece que um certo trio de novos alunos de Yale terá de ficar em termos melhores se quiser se divertir ali novamente.

Parece que será o verão do amor

B + S

V + D

D + ele mesmo

V + ela mesma

S + ela mesma

J + um gato tcheco qualquer que não fala inglês

N + ele mesmo

B + Lorde **M...** e ela mesma, é claro

Mas isso suscita mais perguntas

Será que **S** e **B** agora são amigas, ou amantes? Isso significa que o boato da banheira é verdade?

Será que **N** vai sobreviver a este verão de trabalho árduo e devoção religiosa nos Hamptons, em especial sem **B** e **S**?

V vai conseguir o emprego de cinematógrafa em *Breakfast at Fred's*? Como vai suportar o diretor louco do filme?

V e **D** realmente estão juntos agora? Se estão, será que vai durar por todo o verão e além dele?

D vai aprender a dirigir o Buick, ou as mãos dele vão suar demais para segurar o volante?

Será que **B** realmente vai à Inglaterra para visitar o lorde lindo? E ela vai voltar usando uma coroa? Será que ela vai voltar?

S vai fazer com que Audrey Hepburn pareça uma amadora? Mais importante, quem vai protagonizar o filme com ela?

Será que ainda teremos notícia de **J**, mesmo quando ela estiver na Europa? E quando ela estiver no internato?...

Sem dúvida nenhuma, você vai saber tudo sobre todo mundo. Eu nunca fui muito boa para sonegar informação!

Não suma

Para o caso de você estar se perguntando: eu posso ter me formado e posso ir para a universidade no outono, mas definitivamente não vou evaporar nem desaparecer. Há tanta coisa para contar. Sempre haverá...

Pra você que me ama,
gossip girl